2º CBAA
Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura
LOCAL:
ECO PARK VALE SILVESTRE,
PICO DA IBITURUNA,
GOVERNADOR VALADARES, MG
DATA:
05, 06 E 07 DE JULHO/2007
CONTATO:
33-3279 5508/ proage@univale.br
WWW.UNIVALE.BR/EVENTOS/CBAA
PROMOÇÃO:
univale
Governador Valadares - MG
REALIZAÇÃO:
PROAGE
LEL
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO LAZER
APOIO:
Vale Silvestre

Anais

II Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura - CBAA

05/07/07 à 07/07/07

Eco Park Vale Silvestre – Governador Valadares - MG

Instituições Promotoras:

Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE
Universidade Estadual Paulista – UNESP

Departamentos Organizadores:

LEL - Laboratório de Estudos do Lazer. Deptº. Educação Física/IB/UNESP - Campus Rio Claro
Profª. Dra. Gisele Maria Schwartz (UNESP/Rio Claro)

Curso de Educação Física – UNIVALE
Profª. Raquel de Magalhães Borges e Prof. Kássio Vinícius Castro Gomes

Núcleo de Estudos Históricos e Territoriais – UNIVALE
Profª. Maria Terezinha Bretas Vilarino

Apoios:

PROAGE – Ministério do Desenvolvimento Regional e Combate à Fome/Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

UNIVALE - Universidade Vale do Rio Doce

ECO PARK VALE SILVESTRE

ABETA – Associação Brasileira das Empresas de Turismo de Aventura

Realização:

Projeto Agroecologia e Ecoesporte - PROAGE

Coordenação Geral

Mestrando Kássio Vinícius Castro Gomes

Mestranda Maria Terezinha Bretas Vilarino

Mestranda Raquel de Magalhães Borges

Comissão científica

Drª Alcyane Marinho

Drª. Gisele Maria Schwartz

Dr. Giuliano Pimentel

Dr. Ricardo Ricci Uvinha

Ms. Renata Laudares Silva

Mestrando Danilo Roberto Pereira Santiago

Mestrando Sandro Carnicelli Filho

Mestrando Tiago Nicola Lavoura

Extensionista

Wallace Ferreira dos Santos

Janine de Paula Dias Maia

Cristiana da Costa de Melo

Bruno Rodrigues Gottardello

Alline Bárbara de Sousa Gonçalves

Janaina Alves de Lima

Monica Lacerda Vellame

Nilton Martins

Daniele de Cássia Ferreira Dutra

Rodrigo Soares Lima

Nizier Resende

Voluntários

Breno de Oliveira Coelho

Brunno Denadai-Baldon do Amaral

PROGRAMAÇÃO

05 de julho de 2007 (quinta-feira)

10h00 - Credenciamento

17h00 - Cerimonial de Abertura

17h30 - Conferência de Abertura – Risco, corpo e sociabilidade no vôo livre
Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel - UEM

19h00 - Confraternização – Lual Musical

06 de julho de 2007 (sexta-feira)

08h30 - Mesa-Redonda **– Atividades de aventura na natureza: perspectivas históricas, significados e tendências**

- Persuasão e Atividades na natureza – Dra. Gisele Schwartz - UNESP;

- Turismo de Aventura: reflexões e Tendências – Dr. Ricardo Ricci Uvinha - USP;
- Esportes na Natureza: desafios teóricos e conceituais – Mestrando Cleber Augusto Dias - UFRJ.

10h00 - Intervalo

10h30 - Apresentação de Trabalhos **– Comunicação Oral**

Sub-Temas:

1. Atividades de Aventura, Educação e Lazer;
2. Atividades de Aventura, Performance e Grupos Especiais;
3. Atividades de Aventura, Mercado, Atuação Profissional e Desenvolvimento Regional .

Obs.: Apresentação de 04 trabalhos por sub-temas, com 15 minutos de apresentação e 30 min de debate; Total: 12 trabalhos

12h00 - Intervalo: Almoço

14h00 - Mesa-redonda – Lazer e Atividades de Aventura na Natureza

- Uso público e recreativo em Unidades de Conservação: Mediação de conflitos – Dra. Kátia Torres Ribeiro – PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ;
- O Turismo de Aventura como Vetor de Desenvolvimento - Gustavo Timo - ABETA;
- Atividades de Aventura na Natureza: consumismo e resistência - Dra. Alcyane Marinho - UNISUL;
- Atividades de Aventura na Natureza: Sustentabilidade e Desenvolvimento de comunidades - Mestrando Kássio Vinicius Castro Gomes - UNIVALE.

16h00 - Intervalo

16h30 - Apresentação de pôsteres

17h30 - Sessão de vídeos

Lançamento do livro sobre escalada do professor e escalador Dimitri Wuo.

07 de julho de 2007 (sábado)

08h30 - Oficinas:

1. Oficina de Escalada - programa;
2. Oficina de Atividades de Aventura Como Conteúdo Escolar – programa;
3. Oficina de Educação ao Ar Livre – programa;
4. Oficina de Trekkings e Corridas de orientação: abordagens no espaço escolar e com grupos de terceira idade – programa;
5. Oficina de Corrida de Aventura – programa;
6. Empreendedorismo no Turismo de Aventura - programa;
7. Competências mínimas do Condutor programa.

12h00 às 14h00 - Horário de Almoço

14h30 - Apresentação de Trabalhos **– Comunicação Oral**

Sub-Temas:

1. Atividades de Aventura, Educação e Lazer;
2. Atividades de Aventura, Performance e Grupos Especiais;
3. Atividades de Aventura, Mercado, Atuação Profissional e Desenvolvimento Regional.

Obs.: Apresentação de 04 trabalhos por sub-temas, com 15 minutos de apresentação e 30 min de debate; Total: 12 trabalhos.

16h30 - Conferência de Encerramento

Drª. Vera Lucia de Menezes Costa – UGF

Anais

II Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura - CBAA

05/07/07 à 07/07/07

Eco Park Vale Silvestre – Governador Valadares - MG

SUMÁRIO

COMUNICAÇÃO ORAL

AS ATIVIDADES DE AVENTURA NA UNIVERSIDADE
Igor Armbrust.....15

ESCOLAS DE INICIAÇÃO AO SURFE NA BARRA DA TIJUCA E RECREIO DOS BANDEIRANTES – RIO DE JANEIRO: CRESCIMENTO E REPRESENTAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA REGIÃO.
Ney Felippe de Barros Rodrigues Cocchiarale.....19

A AVENTURA, RISCO, VERTIGEM E A CONSCIÊNCIA NO DISCURSO DOS PRATICANTES DE PESCA SUBMARINA.
Antonio Carlos Bernardes Esteves.....22

JUVENTUDE, IMAGINÁRIO SOCIAL E ESPORTES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Maria Regina de Menezes Costa.....26

A MODALIDADE CANOAGEM NOS JOGOS REGIONAIS E ABERTOS DO INTERIOR ESTADO DE SÃO PAULO.
Denis Terezani.....30

GRITO DAS ÁGUAS - CORRIDAS DE AVENTURA DA ZONA SUL/RS : ESPORTE E TURISMO CONTRIBUINDO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Enio Araújo Pereira.....35

ESCALAR MONTANHAS: EM BUSCA DO MEDO E DO PRAZER
Rogério Silva de Melo.....39

RISCO E VERTIGEM NO VÔO LIVRE: DA ANGÚSTIA AO PRAZER
Sérgio Luiz Gomes de Azevedo.....42

SENSAÇÕES E EMOÇÕES PROPORCIONADAS PELAS ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA EM ACADÊMICOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSM
Patrícia CardosoTrauer 46

POR QUE ESPORTES DE AVENTURA NA ESCOLA?
Laercio Claro Pereira Franco.....50

VARIAÇÕES HEMODINÂMICAS DO RAPEL EM AMBIENTE NATURAL
Andréia Silva.....53

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA E TERCEIRA IDADE: VIVENCIANDO PARA APRENDER
Andréia Silva.....57

CARACTERIZAÇÃO DOS PARQUES NATURAIS NO RIO DE JANEIRO

Zenaide Mariano Ribeiro 61

OS SENTIDOS DA AVENTURA NO LAZER DE CAMINHANTES - PEREGRINOS DO CAMINHO DO SOL

Eliete Cardozo.....65

PRAIA E IMAGINÁRIO SOCIAL: UM OLHAR DOS ESPORTISTAS DE COPACABANA NO RIO DE JANEIRO

Julio V.Costa Neto.....69

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE AR LIVRE: PRAZER EM CONHECER

Andréia Silva.....73

NATUREZA E AVENTURA: A MÍDIA E SEUS MITOS

Marília Martins Bandeira.....77

MERGULHO AUTÔNOMO RECREATIVO ADAPTADO: UMA OPÇÃO DE LAZER E AVENTURA

Lucia Helena Monteiro Sodré.....82

ATIVIDADES DE AVENTURA: CONTEÚDO A SER RECONHECIDO PELA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Rodrigo Soares Lima.....87

ATIVIDADES DE AVENTURA: LAZER E EDUCAÇÃO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Newton Norio Nabeta.....91

A AVENTURA NA NATUREZA E A SOCIABILIDADE NA VIDA CONTEMPORÂNEA
Alcyane Marinho.....95

ATIVIDADES DE AR LIVRE E AVENTURA: UMA NOVA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃOFÍSICA PARA AS 5ª E 6ª SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL
Luciana Gomes Fernandes.....99

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ÁREA DE ATUAÇÃO?
Luciana Gomes Fernandes.....102

ESCALADA DE BOULDER: ASPECTOS HISTÓRICOS, EDUCACIONAIS E ESPORTIVOS
Dimitri Wuo Pereira.....106

PÔSTER

HISTÓRICO E PERSPECTIVAS DAS ATIVIDADES DE AVENTURA EM BELÉM/PA
Eriana da Silva Coelho.....109

ENTRE AVENTURAS E EMOÇÕES: O MUNDO DA ECOMOTION/PRÓ 2005 E O ESPORTES DE AVENTURA
Cláudia Andréia Fuentes Mello.....110

ECOTURISMO E ESPORTES DE AVENTURA
Anderson Almeida Fernandes.....111

EMOÇÃO E AVENTURA: ANÁLISE DOS RELATOS DE PRATICANTES DE *RAPPEL*
Tiago Nicola Lavoura.....112

CANOAGEM NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL
Patrícia Cardoso Trauer.....113

ATIVIDADES DE AVENTURA PARA O ENSINO MÉDIO: PROPOSTAS INOVADORAS
Igor Armbrust 114

UMA EXPERIÊNCIA CURRICULAR ATRAVÉS DA ORGANIZAÇÃO E ARBITRAGEM EM CORRIDAS DE AVENTURA PARA ACADEMICOS DA ESEF-UFPEL
Gustavo da Silva Freitas.....115

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS ABRINDO ESPAÇOS PARA AS ATIVIDADES FÍSICAS NA NATUREZA E ESPORTES DE AVENTURA
Enio Araujo Pereira.....116

A ESCALADA: AMPLIANDO NOVOS HORIZONTES NO MEIO ESCOLAR
Anderson Almeida Fernandes.....117

A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR
Cinthia Portes.....118

PERFIL CINEANTROPOMÉTRICO EM PILOTOS PARTICIPANTES DO CAMPEONATO MUNDIAL DE PARAPENTE DE GOVERNADOR VALADARES
Alex Sandro Seccato.....120

PROJETO UNESP ADVENTURE: UMA PROPOSTA QUE DEU CERTO
Gabriela dos Santos.....121

TESTE DE AVALIAÇÃO DE RESISTÊNCIA MUSCULAR EM PRATICANTES DE MOTOCICLISMO
Alex Sandro Seccato.....122

PERFIL DE SKATISTAS DO PARQUE DA JUVENTUDE EM SÃO PAULO
Dimitri Wuo Pereira 123

ESPORTES DE AVENTURA: UMA PROPOSTA INOVADORA DE PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
Cláudia Andréia Fuentes Mello.....124

ESPORTES DE AVENTURA NA ESCOLA
Valdo Vieira.....125

ESCALADA EM ROCHA COMO EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO
Dimitri Wuo Pereira 126

ESCALADA E SAÚDE MENTAL
Leandro Oliveira Iannotta.....127

AVENTURAS E SUSTENTABILIDADE: MINIMIZANDO IMPACTOS AMBIENTAIS
Mônica Lacerda Velame.....128

O *SURF* COMO CONTEÚDO PEDAGÓGICO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Gabriel Nunes.....129

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE JOVENS DAS COMUNIDADES RURAIS DO CÓRREGO DO BREJAÚBA – GOVERNADOR VALADARES E DE SOBRÁLIA – MG
Adiléia Regina.....130

PRÁTICAS ESPORTIVAS E DANOS AMBIENTAIS
Valdo Vieira Dias de Miranda.....131

PLURIATIVIDADE NA AGRICULTURA FAMILIAR: UMA REALIDADE EMERGENTE NACOMUNIDADE CÓRREGO DO BREJAÚBA.
Renata Martins.....132

O CONTROLE MOTOR NO SURF
Gabriel Nunes.....133

AVENTURA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS LÚDICAS E CONHECIMENTOS ARTICULADOS
Nizier Corrêa de Rezende.....134

ATIVIDADES DE AVENTURA E QUALIDADE DE VIDA: ALGUMAS REFLEXÕES
Rutelene Paula de Souza.....135

ATIVIDADE DE AVENTURA E NATUREZA: TENDÊNCIAS PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Jossett Campagna.....136

ESPORTES DE AVENTURA NA NATUREZA MEDIADORES DA INTERAÇÃO SER HUMANO MEIO AMBIENTE
Emerson Diniz Pacheco.....137

AS ATIVIDADES DE AVENTURA EM PERIÓDICOS INTERNACIONAIS DA ÁREA DO LAZER.
Sandro Carnicelli Filho.....138

PERFIL FISICO DO PRATICANTE AMADOR DE MOUNTAIN BIKE DE GOVERNADOR VALADARES.
Renato Marinho Sampaio.....139

CONDIÇÕES E SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA PARA GRUPOS DE TERCEIRA IDADE
Itamar Aguiar Lima Júnior.....140

VISÃO DE IDOSOS EM RELAÇÃO À POSSIBILIDADE DE VIVÊNCIA DE ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA
Viviane Kawano Dias.....141

COMUNICAÇÃO ORAL

AS ATIVIDADES DE AVENTURA NA UNIVERSIDADE

Igor Armbrust[1]
Pós-graduando em ciências aplicadas em esportes de prancha
UNICASTELO – São Paulo
Centro de Pesquisas e Eventos em Esportes de Aventura - cpeea2007@gmail.com[1]
Airton Roberto Bortoletto Junior
Graduado em Educação Física
FEFISA – Santo André-SP

Resumo: *Cada vez mais as atividades de aventura estão ganhando novos espaços, seja no âmbito do lazer ou profissional e isso faz com que haja um olhar aprofundado a essa nova temática do ponto de vista acadêmico para referenciar e apontar alguns caminhos a estudantes da saúde, do lazer e meio ambiente, proporcionando um melhor entendimento dessas atividades em crescente expansão. O objetivo deste trabalho foi verificar o entendimento de estudantes sobre as atividades de aventura, no qual relataram que há pouca sistematização de atividades de aventura e agravante ausência de profissionais capacitados para atuação. Diante desses apontamentos, vemos algumas universidades colocando-se à frente com propostas desafiadoras e crescentes, incluindo à grade curricular, a disciplina de esportes de aventura para contribuir com o conhecimento desses estudantes e favorecê-los neste novo segmento de trabalho.*

Introdução - Uma das formas mais em evidência entre as possibilidades de vivência do lazer contemporâneo é a busca ou a necessidade implícita do reencontro do ser humano consigo mesmo, com o outro e com a natureza, propiciada pelos esportes de aventura (BETRÁN, 1995, in MARINHO e BRUHNS, 2003). Estas novas perspectivas de implementação da relação humana com a natureza vêm sendo fomentada com a evolução das atividades consideradas como esportes de aventura, por outro lado, no Brasil, apesar da crescente demanda sobre a recreação ao ar livre, bem

pouca sistematização é presenciada. Repensando uma inquietação emergente pela carência de ações concretas para a consolidação da sustentabilidade do usufruto de áreas de conservação, do turismo e, até mesmo, para suprir a ineficácia da formação profissional, para lidar com esta temática. Estas preocupações começam a catalisar a geração de reflexões e a produção acadêmica de pesquisas no âmbito da Motricidade Humana, mais especificamente nas áreas da Educação Física e Lazer (SCHWARTZ, 2006), assim vemos um crescimento em produções científicas como o acontecimento do I Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura em 2006. Algumas universidades começam a implementar novas disciplinas à grade do curso de Educação Física, iniciam-se cursos de graduação voltados aos esportes de aventura, cursos de pós-graduação em Atividades Alternativas como é o caso do curso em ciências aplicadas aos esportes de prancha, com isso os estudantes refletirão com mais embasamento sobre esta nova temática. **Objetivo -** Verificar qual o entendimento dos estudantes do curso de educação física da Universidade Camilo Castelo Branco sobre as Atividades de Aventura. **Metodologia -** O estudo teve como natureza à abordagem qualitativa exploratória com aplicação de técnica de entrevista semi-estruturada (NETO e TRIVINOS, 2004) com 20 alunos do curso de Educação Física do sétimo semestre da Universidade Camilo Castelo Branco, onde cursam a disciplina de Esportes de Aventura como matéria optativa. A entrevista partiu de duas perguntas sobre o entendimento por Atividades de Aventura e quais contribuições trariam para os estudantes de Educação Física se fosse implementada na grade curricular. **Resultados -** Pode-se perceber, por meio dos respondentes, que são modalidades alternativas que fogem do cotidiano e abrange uma diversidade enorme no número de modalidades para diferentes públicos, vai ao encontro do que comentam Cantorani e Pilatti (2005) e isso ajuda a melhorar as capacidades e habilidades motoras do individuo. São esportes novos que contém certos riscos e causam emoção, sensação de liberdade, proporcionam muito prazer em quem os pratica, corroborando Uvinha (2004) e Costa (2000) e suas atividades têm características exploratórias, onde não se sabe de que forma terminará, contando com imprevisibilidades. Todos os respondentes entendem que é um segmento novo do mercado de trabalho, onde há falta de profissionais capacitados e acreditam que o profissional de Educação Física deve se atentar a essa área, pois se é

uma atividade física que precisa ser orientada por alguém capacitado e formado de acordo com a lei 9.696/98. Também acreditam que a disciplina possa, além de possibilitar novos apontamentos para o mercado de trabalho, servir de vivências novas para o próprio lazer. **Conclusão –** As informações dos respondentes corroboram a preocupação de pesquisadores sobre a pouca sistematização das atividades e a agravante ausência de profissionais capacitados para atuação. Diante desses apontamentos, vemos algumas universidades colocando-se à frente com propostas desafiadoras e crescentes, incluindo à grade curricular, a disciplina de esportes de aventura para contribuir com o conhecimento desses estudantes e favorecê-los neste novo segmento de trabalho em expansão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUNS, A. T. L **Turismo, Lazer e Natureza**. São Paulo: Manole, 2003, p. 157-202.

CANTONARI, S. R. H.; PILATTI, L. A. **O nicho "esportes de aventura": um processo de civilização ou descivilização?** Revista digital, Buenos Aires, ano 10, nº 87, 2005. disponível em: http://www.efdesportes.com/ .

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário**. Barueri, SP: Manole, 2000.

LEI FEDERAL Nº 9.696, de 1 de Setembro de 1998. Disponível em: http://www.crefsp.org.br/leis . Acesso em 07 de maio de 2007.

NETO, V. M.; TRIVINOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na Educação Física.** 2ª ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS/Sulina, 2004.

SCHWARTZ, G. M. A aventura no âmbito do lazer: as AFAN em foco. In: SCHWARTZ, G. M. (org.) **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006.

UVINHA, R. R. Esportes radicais nas aulas de educação física do ensino fundamental. In: MOREIRA, E. C. **Educação Física Escolar: desafios e propostas**. São Paulo: Fontoura, 2004.

AUTOR - Igor Armbrust - arm.igor@ig.com.br

Rua Iguaré 72, apto 93, Bl 01.

São Paulo – SP, Bairro Tatuapé, cep 03077-010

CO-AUTOR - Airton Roberto Bortoletto Junior - airtonjr79@terra.com.br
Rua Julia Batocho Giacomine 153
São Bernardo do Campo – SP, Bairro Assunção, cep 09810560

ESCOLAS DE INICIAÇÃO AO SURFE NA BARRA DA TIJUCA E RECREIO DOS BANDEIRANTES – RIO DE JANEIRO: CRESCIMENTO E REPRESENTAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA REGIÃO.

Ney Felippe de Barros Rodrigues Cocchiarale
Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro – RJ

Resumo: *Percebe-se um aumento do número de praticantes de surfe nas praias do Rio de Janeiro, em especial na Barra da Tijuca. O objetivo deste estudo é, ao discutir a expansão das escolinhas esportivas do surfe na praia da Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes, no Rio de Janeiro, em seus aspectos de idade, gênero e classe social, seus objetivos e intencionalidades, bem como o gerenciamento dos riscos na atividade, reconhecer-lhes os significados para o desenvolvimento sustentável da região.*

A praia é o cartão postal da Barra da Tijuca (são 22,5 km de praia) sendo uma área de lazer, pública, ao alcance de todos, independente das condições de vida ou classe social. O surfe encontra destaque nesse cenário podendo ser praticado em toda a sua extensão durante todo o ano, devido às condições climáticas favoráveis do Rio de Janeiro. Como todo esporte que desperta interesse e cria um mercado em expansão, surgiram as escolinhas de iniciação esportiva que crescem em número por cada verão, aumentando a quantidade de praticantes de todas as idades, disseminando um estilo de vida ligado ao mar e à natureza e fortalecendo a legião de consumidores de produtos e serviços relacionados com a cultura do surfe.

Este trabalho é o início de uma reflexão sobre a importância das escolas de iniciação de esportes de aventura na natureza para o desenvolvimento sustentável regional e seus significados junto a seus dirigentes e freqüentadores, tendo como cenário o crescimento das escolinhas de surfe da Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro. Após fazer um levantamento do tipo survey (BABBIE, 2001) do número de escolinhas de surfe da região junto a Subprefeitura da Barra

da Tijuca e Federação de Surfe do Estado do Rio de Janeiro (FESERJ), considerando as variáveis idade, gênero e classe social, seus objetivos e intencionalidades, bem como o gerenciamento dos riscos na atividade, trago uma discussão sobre a sua contribuição sócio-ambiental e econômica, partindo de um olhar histórico da modalidade no Brasil, considerando o rápido crescimento do número de praticantes de surfe e as características que fazem desta região do Rio de Janeiro um lugar em franca expansão, com acelerado crescimento populacional que pode ser comprovado pela oferta de novos empreendimentos imobiliários, a instalação de grandes shopping centers, diversos hipermercados, bem como a presença de universidades, centros empresariais, clubes, academias, escolas, uma diversidade de oferta de lazer e até um Fórum, que fazem dessa região uma verdadeira cidade dentro da cidade.

Os resultados mostram que as escolas se apresentam de três formas: escolas com local fixo, cujo determinante é o lugar de permanência na areia; escolas móveis, que escolhem a cada dia o local pelas condições das ondas; e escolas efêmeras, que surgem e desaparecem em épocas esporádicas nos verões e em alguns finais de semana. O território analisado pode ser compreendido como um espaço atrativo turístico viabilizador do desenvolvimento do surfe e que as possibilidades de acidentes são voluntariamente subestimadas no plano quantitativo, nas quais a segurança se apresenta relativizada pela ação e competência dos profissionais que atuam nas escolinhas, os quais subestimam o potencial intrínseco à atividade. Os significados encontrados são da natureza como valor e um estilo de vida voltado ao ecoturismo. Os novos surfistas aprendem que, diante da beleza do mar, é possível desenvolver audácia e controle diante do risco, testar seus limites e encontrar o estado estético de Schiller (1991).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de *Survey***. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

CHALITA, Marco Antonio. **O imaginário do surfista: uma aventura no mar**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.

COSTA, Vera Lucia de Menezes. **Esportes de aventura e risco na montanha – um mergulho no imaginário**. São Paulo: Manole, 2000.

DA COSTA, Lamartine P. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br>.Acessado em 03/06/2007.

DRENT, Les. **The history of surfing**. Disponível em: <http://www.coffeetimes.com/surf.htm>.Acessado em 08/09/2006.

FLEXA, João M. R. **O surfe no contexto do desenvolvimento local sustentável**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHWARTZ, Gisele Maria. (Org.). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura, 2006.

SCHILLER, F. **Cartas sobre a educação estética da humanidade**. São Paulo: EPU, 1991.

SILVA, Marcel Mendes. **O surfe além das ondas: uma atividade de desenvolvimento local da região de Florianópolis, Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Administração). Pontifícia Universidade do Paraná, Paraná, 2006.

SOULE, Bastien, CORNELOUP, Jean. Gestion territoriale dês risques em montagne: les cãs de la station dês sports d'hiver de Val Thorens**.** In: **Journal of sport tourism,** Routledge Taylor & Francis Group: Otawa, v.9, n.4, p.141-157.

_____

Ney Felippe de Barros Rodrigues Cocchiarale

Endereço: Av. Prefeito Dulcídio Cardoso, 3.040 / apto. 1.312 – Barra da Tijuca
CEP: 22.631-052 Rio de Janeiro – RJ

e-mail: neycocchiarale@wnetrj.com.br

A AVENTURA, RISCO, VERTIGEM E A CONSCIÊNCIA NO DISCURSO DOS PRATICANTES DE PESCA SUBMARINA.

Antonio Carlos Bernardes Esteves
LIRES-LEL-PPGEF/UGF, UNIVR-CIDADE, UNISUAM
Rio de Janeiro/RJ- Brasil

Resumo: *Este artigo tem por objetivo discutir as manifestações de risco e vertigem provocada durante a pesca submarina, mediante relatos apresentados por seus praticantes. Também ficou evidente nas falas destes atores um aumento na consciência de preservação do meio ambiente, na proporção que estes se envolviam com a sua prática.*

O presente texto retrata um relato da pesquisa que teve como objetivo investigar os sentidos de aventura, risco e vertigem presentes nos discursos dos praticantes de pesca submarina enquanto esporte como lazer.

Para entendermos estes riscos e desafios que os neo aventureiros lançam sobre os elementos da natureza, foi utilizado um estudo de cunho qualitativo de natureza etnográfica interpretativa, dirigida para os sentidos atribuídos pelos sujeitos a aventura, ao risco, à vertigem e a consciência no território onde se realiza a pesca submarina. Considerando o texto que se formou a partir da transcrição das entrevistas, caminhamos para a análise do discurso lingüístico dos praticantes de pesca submarina, utilizando como instrumento metodológico a Análise do Discurso na perspectiva desenvolvida por Orlandi (2003).

Para Simmel, (1988), “o amante de aventuras tem a intenção de abandonar o mundo seguro da vida cotidiana e desafia o destino entrando em um mundo de incertezas” (p.238). Este aventureiro, do mesmo modo que o desportista, vai atrás de seus sonhos, na busca do inesperado, no desafio ao destino em contraposição ao rotineiro. Neste contexto, as sensações lúdicas e as emoções são proporcionadas através dos riscos encontrados em tais aventuras. O aventureiro muitas vezes

procura o isolamento em seus desafios, longe das cidades, longe dos problemas cotidianos. Como diria Bachelard (2002), “foge da luta contra os homens para encontrar a luta pura, a luta contra os elementos” (p. 169).

Podemos dizer que nem só de peixe vive o pescador submarino. Para muitos, a sua aventura é apenas um pretexto para se refazer do cotidiano, recarregar suas baterias e passar algumas horas no universo submarino, praticando a apnéia, numa simbiose e equilíbrio que só podem ser entendidos por quem já experimentou. O fato de capturarem ou não o peixe muitas vezes torna-se um detalhe secundário. Este pressuposto deixa evidente que as sensações vivenciadas durante o mergulho e o bem-estar proporcionado no final do dia são sempre gratificantes. Mesmo aqueles que não são considerados exímios pescadores continuam praticando este esporte com paixão. Pois o intuito de conseguir o seu próprio alimento, que é inato ao homem, constitui uma forte motivação para se continuar a praticar esta modalidade em locais que na maioria das vezes não oferecem as menores condições de segurança.

A incerteza, elemento presente no jogo e nos esportes de risco, para Bernstein (1997), é encontrada também nos processos de tomadas de decisões na vida moderna, uma vez que o risco está em suas conseqüências e o elemento surpresa, aleatório, é comum num sistema que depende de previsibilidade e probabilidade.

Poderíamos dizer, então, que o risco enfrentado pelos aventureiros da pós-modernidade vai ao encontro do que Maffesoli (2003) apresentou, quando disse que “o excesso é uma forma de gozo”. Na busca por este gozo, o homem pós-moderno tenta vencer-se através de desafios; para isto, utiliza-se dos esportes de risco e aventura em ambientes naturais para fugir da situação caótica em que se encontra, com a desestruturação do ambiente familiar e o descrédito nas estruturas sociais.

O mar, por ser um ambiente incerto e sujeito às mais variadas formas de adversidades, proporciona aos neo-aventureiros um local perfeito para que estes deixem fluir suas cóleras, deixem extravasar os seus excessos. Ao penetrá-lo, os pescadores submarinos procuram controlar ao máximo as variáveis que possam prejudicar os seus desempenhos durante o mergulho, ou seja, tentam minimizar os riscos. No entanto, sempre estarão à mercê do imponderável. Este

mergulhador, como diria Le Breton (1996), ao confrontar-se com o seu limite, fica sujeito ao infortúnio do insucesso, brinca com a morte. A fronteira do risco com a morte não é, para estes esportistas, uma tentativa de suicídio. Ao sentirem a sensação do encontro com o limiar da vida, defrontam-se com a realidade da sua própria existência. O prazer encontrado pelo sentimento de "transcendência" faz com que em alguns segundos recapitule todos os anos vividos, e perceba que, apesar de tudo, vale a pena viver, vale a pena continuar com os desafios, vale a pena o reencontro com o silêncio e a beleza fascinante da imensidão azul.

Em grande parte dos esportes ligados à natureza e tidos como radicais, o elemento vertigem encontra-se presente. Para poder participar dessas atividades e conseguir atenuar os efeitos causados pela vertigem, os praticantes das modalidades esportivas onde os riscos são encarados como desafios devem, segundo Parlebas (1992/93), estar bem preparados para gerir e administrar o seu equilíbrio, tanto físico como psicológico.

A pesca submarina, por ter como local de atuação o mar, que sempre estará sujeito às mais variadas situações de instabilidade, exigirá daqueles que nele se aventurarem a condição de estarem preparados para enfrentar as mais variadas formas de adversidades. É importante que durante a pescaria o pescador submarino encontre-se apto para interagir com o ambiente marinho; desta maneira, terá melhores condições de confrontar-se com alguns tipos de emergências que por acaso possam surgir, e assim evitar entrar em pânico.

Gostaríamos neste momento de lançar um olhar sobre outra forma de vertigem. Apoiamo-nos para tal no livro *A câmara clara*, do sociólogo e filósofo francês Roland Barthes (1984). Este observou que, para que haja uma boa fotografia, ela deve gerar vertigem no espectador. Seria neste caso o lado da fotografia que Barthes chamou de obtuso, algo que se oferece ao apego, como um detalhe que invade a existência dos indivíduos, ferindo-os, comovendo-os e proporcionando-lhes animo.

Dissemos anteriormente que nem só de pesca vive o pescador submarino. Ao submergir este ator entra em contato com um mundo fascinante: são cores variadas, formas distintas, um silêncio perturbador, mas ao mesmo tempo sedutor, arrebatador, provocando neste uma vertigem que não é

física, não provoca tonturas nem tampouco vômitos, pelo contrário, provoca uma admiração estonteante. Talvez este seja o motivo de existirem na mitologia as sereias, que encantavam e atraíam os pescadores, e estes seduzidos pelo encanto e beleza não conseguiam se afastar do mar.

Na pesca submarina, o praticante, interagindo diretamente com o ambiente marinho, se permite o contato com inúmeras situações prazerosas, as quais lhes suscitarão emoções sempre renovadas. Tais sentimentos poderão contribuir para despertar neste esportista uma visão que facilite a tomada de consciência da necessidade de aumentar os seus esforços em busca de atitudes racionais que possibilitem o desenvolvimento de sua prática sustentada na preservação dos oceanos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERNSTEIN, P. L. **Desafio aos deuses**: a fascinante história do risco. Rio de janeiro: Campus, 1997.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LE BRETON, D. **L´aventure: La passion des détours**: Paris: Autrement,1996.

MAFFESOLI, M. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2003.

PARLEBAS, P. Educacion physique totale, logique interne e activités de pleine nature. **Bulletin of the Federation Internationale d´Education Physique**. V.1-2, p. 14-21, aut./win., 1992-1993.

PARLEBAS, P. Educacion physique totale, logique interne e activités de pleine nature. **Bulletin of the Federation Internationale d´Education Physique**. V.1-2, p. 14-21, aut./win., 1992-1993.

SIMMEL, G. **Sobre la aventura**: ensayos filosóficos. Barcelona: Edicions 62, 1988.

Antonio Carlos Bernardes Esteves

Rua Comandante Rubens Silva 57 ap. 405/ Freguesia/Jacarepaguá Rio de janeiro/Brasil

Cep 22745-280

Tel (0xx21) 88105885 - e-mail: antonioesteves@globo.com

JUVENTUDE, IMAGINÁRIO SOCIAL E ESPORTES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Maria Regina de Menezes Costa
Mestre em Educação Física e Cultura
Vera Lucia de Menezes Costa
Doutora em Educação Física e Cultura
Lires- LEL PPGEF/Universidade Gama Filho

Resumo: *O presente artigo tem por objetivo discutir o imaginário social do grupo de jovens skatistas streers e de traceurs de Le Parkour que utilizam o cenário urbano para suas práticas esportivas. Os esportes de risco calculado provocam um fascínio no imaginário dos praticantes desses esportes na contemporaneidade. A incerteza e o inesperado suscitam nesses jovens a sensibilidade heróica vivenciada nas manobras e acrobacias praticadas pelas ruas da cidade. Para a "galera" do skate e a " turma" do le parkour arriscar-se nessas manobras traz a sensação de êxtase, experimentada na vertigem (ilînx). São os "novos" arquitetos urbanos que, com seus jeitos displicentes se mostram como arquitetos de idéias, vão ressignificando o espaço público, criando lugares, revitalizando a modernidade reflexiva, recriando a cidade na vivência dos deslizamentos de suas aventuras.*

As práticas esportivas envolvendo a aventura e o risco calculado, seja na natureza ou em zonas urbanas vêm encaminhando os atores a um ambiente selvagem, carregado de incertezas, que se lhes apresenta ao mesmo tempo hostil e agradável. Esse fascínio pela incerteza, pelo inesperado surge entre indivíduos das sociedades modernas que valorizam a segurança, o compromisso de residência. Próprios da contemporaneidade, os praticantes de esportes aventura adotam princípios de singularidades individuais na busca de qualidade de vida, de sensibilidade, proclamando o seu direito de vivenciar a autonomia. Em torno dessas práticas, são constituídas redes em que os sujeitos

partilham, costumes, discursos, emoções e sentidos, vivenciados a partir de sensações e emoções intensas, sob condições de risco calculado, buscam a expansão de seus limites, realizando manobras arrojadas e controladas, como superação de habilidades de desafio extremo (COSTA, 2000).

Cada esporte na cidade, seja *jogging*, ciclismo, patinação, *skaterboard*, basquete de rua, futebol, *le parkour*, apresenta uma relação específica com os locais de prática. No entanto é a aventura de se apropriar da cidade, do bairro, a recriação de novas percepções do quadro urbano que move os praticantes desses esportes à expansão e deslocamentos por outros lugares (COSTA, 2004), desencadeando o que Chantelat, Fodimbi & Camy (1996) chamaram de cidadania esportiva, uma questão aparentemente paradoxal, uma vez que temos o hábito de pensar a cidadania a partir dos critérios jurídicos de maioridade da participação no mundo associativo.

Fora das arenas esportivas institucionalizadas, as práticas pelo bairro e pela cidade, requalificam o espaço urbano transformando-o em espaços esportivos dotando-os de novos sentidos e significados, animando-os com suas manobras e jogadas improvisadas. Ciclistas, corredores, caminhantes, os praticantes de skateboard (*skaters),* os de *le parkour*. (*traceurs),* interagem no espaço público constituindo nova ordem sem agressões aos outros passantes.

Próprios de um grupo jovem, vão ressignificando a cidade, promovendo outros olhares. A apropriação dos espaços (parques, praças, pipes, monumentos) pelo grupo jovem deve expressar idéias de cidadania na conservação dos monumentos públicos. Mas os jovens vão se apoderando dos monumentos e viadutos, no caso do *parkour*. Caso semelhante se dá com o *skateboard street, que* consiste no deslizar pelas ruas, calçadas da cidade saltando sobre escadas, bancos, corrimão e com o *Le Parkour,* uma prática urbana em que jovens *(traceurs)* executam saltos transpondo obstáculos como muros, escadas, descendo ou subindo prédios, demonstrando eficiência acrobática, força e agilidade. Ambos apresentam um modo individual de reapropriação do espaço público, condição antes vivida apenas como via pública. (COSTA, 2004).

Aos poucos tecem novas rotas, riscando com seus skates ou com seus saltos sobre pontes e prédios, outros caminhos, transgredindo o ordenamento estabelecido nas ruas da cidade, suscitando práticas vibrantes com o deslizar dos seus *skates* ou com as acrobacias de seus corpos.

Daí poder-se dizer que há nesses jovens esportistas, com suas transgressões, uma renovação social esportiva, com outros códigos, outros olhares sobre organização de grupos, sobre espaço e sobre a cidade que enfeitam com suas performances.

Considerações Finais

A "galera" do *skate e a " turma" do le parkour* se agrupam por afinidades, pelo gosto da aventura e do risco nas manobras realizadas pelas ruas da cidade. A aventura os remete à incerteza e aos desafios. Para esses jovens, arriscar-se nessas manobras traz a sensação de êxtase, experimentada na vertigem (*ilînx*), um dos elementos do jogo, segundo a classificação de Caillois (1990).

Esses são os "novos" arquitetos urbanos que, com seus jeitos displicentes e arrojados, se mostram como arquitetos de idéias e, com suas aventuras vão engendrando caminhos, construindo obstáculos, vendo a cidade pronta para abraçá-los, mostrando-lhes as curvas ou as linhas desse espaço repleto de incertezas e mistérios. Desse modo vão ressignificando o espaço público, criando lugares, revitalizando a modernidade reflexiva, desenvolvendo outros olhares, recriando a cidade na vivência dos deslizamentos de suas aventuras.

Para o exercício dessa cidadania esportiva, com suas responsabilidades e limites, urge que as políticas públicas desenvolvam projetos que possam dar condições de uso por esses atores, mesmo que pareça um pouco estranho ver meninos/homens saltando, fazendo manobras radicais com *skates* ou deslocando seus corpos em acrobacias por lugares que antes eram utilizados apenas para passagem ou para o trabalho. Esses atores demonstram grande potencial de pertencimento à cidade, evocando um estilo de vida com a mentalidade de eterna juventude.

REFERÊNCIAS:

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia, 1990.

COSTA, Maria Regina de Menezes. Aventura e risco no *skateboard street:* um estudo do imaginário social de jovens *skatistas*. **(Dissertação de Mestrado).** Rio de Janeiro: PPGEF / Universidade Gama Filho, 2004.

COSTA, Vera Lucia de Menezes. **Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário.** São Paulo: Manole, 2000.

CHANTELAT, Pascal; FODIMBI, Michel; CAMY, Jean. **Sport de la Cité: Anthropologie de la jeunesse sportive.** Paris: L´Harmattan, 1996.

A INSERÇÃO DA CANOAGEM NOS JOGOS REGIONAIS E ABERTOS DO INTERIOR ESTADO DE SÃO PAULO.

Ms. Denis Terezani[1]
Federação Paulista de Canoagem
Instituto Mairiporã de Ensino Superior - IMENSU

Resumo: *O presente estudo detectou por meio de análise comparativa (BRUYNE, et.al, 1991) a participação de atletas e municípios nos Jogos Regionais de Piracicaba (2006), que na oportunidade apresentou uma proposta didático-pedagógica em relação aos Jogos Abertos de São Bernardo do Campo (2006), que optou pelo regulamento oficial.*

Consideramos que a *proposta didático-pedagógica apresentada nos Jogos Regionais não contabilizou nenhuma desclassificação, e congregou 75,7% a mais de participantes, em relação à prova de velocidade oficial nos Jogos Abertos, que também apresentou 27,5 % de competidores desclassificados devido as dificuldades impostas pela embarcação oficial.*

Contudo para assegurarmos a canoagem em constante crescimento em ambos os eventos, como também despertar o interesse de novos municípios em desenvolver tal prática, torna-se necessário a realização de provas didático-pedagógicas, possibilitando uma participação efetiva de canoístas independente do nível técnico, para posteriormente serem implantadas modalidades oficiais, valorizando o confronto de alto nível de desempenho.

INTRODUÇÃO

A origem do caiaque data do século XVI, com os esquimós que habitavam as regiões da Groenlândia e do Alasca, onde construíam suas embarcações com ossos de baleia, madeira e peles de foca (KOHNEN, 1989)[2]. Essas embarcações que propiciam a prática da canoagem, perpetuam até hoje como um instrumento para fomento das atividades de lazer, veículo de locomoção e

[1] Membro do Grupo de Pesquisa em Lazer (GPL) da Universidade Metodista de Piracicaba.
[2] Além de Kohnen (1989), para maiores informações sobre o histórico da canoagem acessar: <http:// www. fpca.esp.br.> ou <http://vwww.cbca.org.br.>

subsistência para as populações ribeirinhas e lacustres, ou como equipamento de competição para atletas de alto nível de desempenho seja no meio natural ou artificial, proporcionando radicalidade em meio a corredeiras ou descontração em águas calmas (TEREZANI, 2004).

De acordo com documentos da Federação Paulista de Canoagem, a modalidade estreou como demonstração nos Jogos Abertos de Santos, no ano de 2003. No ano seguinte, iniciou-se um trabalho entre a Federação Paulista de Canoagem e a Secretaria de Esportes e Juventude do Estado de São Paulo nas cidades sedes dos Jogos Regionais[3] e Abertos[4], sendo organizada uma competição com princípios pedagógicos, e paralelamente ao evento competitivo, clínicas eram ministradas com intuito de promover uma maior divulgação e envolvimento com o público interessado, contribuindo para a popularização da modalidade.

No ano de 2005 somente a cidade de Jundiaí realizou o certame regional de canoagem.

Após esse pequeno retrospecto, iremos nos restringir especificamente aos Jogos Regionais de Piracicaba e os Abertos de São Bernardo do Campo, ambos realizados no ano de 2006.

OBJETIVOS:

O presente estudo detectou por meio de análise comparativa a participação de atletas e municípios nos Jogos Regionais de Piracicaba (2006), que na oportunidade apresentou uma proposta didático-pedagógica em relação aos Jogos Abertos de São Bernardo do Campo (2006), que optou pelo regulamento oficial.

MÉTODO:

Com base em critérios de acessibilidade e representatividade, foram escolhidos os Jogos Regionais de Piracicaba (2006) e os Jogos Abertos de São Bernardo do Campo (2006), utilizando como modo de investigação o estudo comparativo (BRUYNE et. al,1991), analisando as seguintes

[3] Cidades Sedes dos Jogos Regionais em 2004: Caraguatatuba, Cerquilho (Boituva e Tietê), Cotia, Jaú, Limeira, Matão, Ourinhos, Santa Fé do Sul (SÃO PAULO, 2007)
[4] Cidade Sede dos Jogos Abertos em 2004: Barretos (SÃO PAULO, 2007).

variáveis a) regulamentos empregados nas competições; b) número de competidores e desclassificados; c) cidades participantes.

Assim, a problemática da pesquisa nasceu da dialética ação x reflexão x ação, proposta por Saviani (1980). O trabalho apresenta uma abordagem quantitativa (BRUYNE et. al, 1991), tendo respaldo nos seguintes documentos: inscrições, planilhas de resultados e regulamentos dos Jogos Regionais e Abertos de 2006, sendo os mesmo obtidos na Federação Paulista de Canoagem e nos Comitês Organizadores de Piracicaba e São Bernardo do Campo (GIL, 1991).

RESULTADOS.

A primeira variável analisou os regulamentos aplicados em ambos os eventos. Nos Jogos Regionais foram utilizados doze caiaques pedagógicos, devido sua hidrodinâmica apresentar maiores facilidades em relação ao controle e equilíbrio, proporcionando, consequentemente, uma competição didático-pedagógica, na qual os competidores buscaram o melhor tempo num trajeto de 250 metros em águas calmas (lagoa).

Já nos Jogos Abertos do Interior de São Bernardo do Campo a modalidade utilizada foi a velocidade[5], na qual os canoístas percorreram um trajeto de 500 m também em águas calmas, em duas categorias de embarcação, caiaque[6] e canoa.

A segunda variável quantificou o número de participantes, assim os Jogos Regionais de Piracicaba contabilizou 119 participantes e nenhuma desclassificação. Em contrapartida, os Jogos Abertos do Interior de São Bernardo contaram com 29 participantes, entre as desistências e desclassificações, somaram 08 participantes.

---

[5] A velocidade é uma modalidade olímpica desde 1936 e as dimensões das embarcações são: caiaque comprimento 5.20m; peso mínimo de 12 kg; na qual o canoísta posiciona-se sentado na embarcação e a impulsiona com um remo contendo duas pás. Já a canoa consta com 5.20 m.e peso mínimo de 16 kg; o canoísta posiciona-se ajoelhado impulsionando-a com um remo de apenas uma pá. Devido a essas dimensões, esses barcos apresentam maiores dificuldades em relação ao controle e equilíbrio (http://www.cbca.org.br).

[6] No caiaque, o canoísta posiciona-se sentado na embarcação e a impulsiona com um remo contendo duas pás; já na canoa, o canoísta posiciona-se ajoelhado impulsionando-a com um remo de apenas uma pá, é disputada apenas pelo sexo masculino.

Por fim, a terceira variável quantifica o número de cidades envolvidas, nos Jogos Regionais foram contabilizados 8[7] municípios, já nos Abertos 7[8] cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A proposta didático-pedagógica envolveu 75,7% a mais de participantes em relação à prova de velocidade oficial, sendo que essa última contabilizou 27,5 % de competidores desclassificados.

O presente estudo considera que para assegurar a modalidade canoagem em constante crescimento tanto nos Jogos Regionais quanto nos Abertos, como também despertar o interesse de novos municípios em desenvolver tal prática, torna-se necessário a realização de provas didático-pedagógicas, possibilitando uma participação efetiva de canoístas independente do nível técnico, para posteriormente serem implantadas modalidades oficiais, valorizando o confronto de alto nível de desempenho.

REFERÊNCIAS:

BRUYNE, P; HERMAN**,** J. SCHOUTHEETE, M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

GIL, A C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 3º ed. São Paulo: Atlas, 1991.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE CANOAGEM. Disponível em: <http:// www. fpca.esp.br.> Acesso realizado em 15/05/2007.

KOHNEN, Uwe P. *Tudo sobre caiaques* 20º ed. São Paulo: Nobel, 1989.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CANOAGEM. Disponível em <http://www.cbca.org.br.> Acesso em: 15/05/2006.

SÃO PAULO. Disponível em <http://www.sejel.sp.gov.br> Acesso realizado em 15/05/2007.

[7] Cidades participantes dos Jogos Regionais: Piracicaba, Barra Bonita, Brotas, Cerquilho, Mairiporã, Mococa, Santos, São José do Rio Pardo.

[8] Cidades participantes dos Jogos Abertos: São Vicente, São Bernardo, Cubatão, Mairiporã, Santos, Americana, Piracicaba.

SAVIANI, D**.** *Educação do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1980.

TEREZANI, D. *A popularização da canoagem como esporte e lazer. O caso de Piracicaba.* Dissertação de mestrado. Curso de Mestrado em Educação Física, Unimep, 2004.

GRITO DAS ÁGUAS - CORRIDAS DE AVENTURA DA ZONA SUL/RS : ESPORTE E TURISMO CONTRIBUINDO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Enio Araújo Pereira – Professor Adjunto Universidade Federal de Pelotas
Mestrando em Educação Física

Elizete Jeske – Professora Especialista Universidade Católica de Pelotas
Presidente da FITUR

Resumo: *O atual quadro do desenvolvimento das atividades físicas de aventura na natureza e dos esportes e turismo de aventura nos revela um crescimento muito grande nessas áreas, e, com isso, possibilidades de geração de emprego e renda, principalmente nas regiões onde os recursos naturais são abundantes. No entanto o manejo dessas atividades deve ser exercido de forma consciente, por entidades e profissionais capacitados, para que estes espaços possam proporcionar uma interação de ações juntamente com as comunidades existentes nesses locais.O projeto do Grito das Águas -Corridas de Aventura da Zona Sul do RS, onde atuam as áreas de Turismo, Educação Física, Enfermagem, Comunicação, entre outras, trabalha numa perspectiva de parcerias, em busca de um desenvolvimento sustentável, na busca da utilização e da preservação dos ambientes naturais da região sul do estado do rio Grande do Sul.*

Texto

O crescimento do Turismo de aventura e dos Esportes de aventura na natureza em nosso País tem sido considerado de grande importância para o desenvolvimento sustentável de muitas comunidades das várias regiões onde existem verdadeiros paraísos naturais de um incontestável e imenso território propício para estas atividades. Por este motivo tem sido bastante discutida a importância de um trabalho de conscientização dos profissionais que atuam nestas áreas, para garantir a preservação desses locais, questionando suas formas de intervenção nas atividades de aventura na natureza. No entanto, apesar de haver um importante salto nos esportes de aventura ou

de ação na natureza e no turismo de aventura, observamos que nenhuma dessas áreas encontrou, até o momento, uma forma de definir claramente os respectivos campos de atuação, bem como a formação de seus alunos no que diz respeito a essa expansão da atividade. Em 2003, a FITUR – Sociedade para o Desenvolvimento do Turismo Sustentável em Pelotas –, apresentou ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul, um projeto denominado "GRITO DAS ÁGUAS – Encontro Esportivo Cultural da Zona Sul / RS", o qual foi aprovado na Consulta Popular do COREDE SUL, para ser desenvolvido entre outubro de 2004 a maio de 2005, sendo a sua principal atividade seis provas de Corridas de Aventura, envolvendo 22 municípios da zona sul do Estado. A justificativa do projeto dizia o seguinte: "A Zona Sul de nosso Estado possui um vasto patrimônio natural e cultural que merece ser mais explorado. A proposta de uma Corrida de Aventuras vem contribuir neste sentido na divulgação dos diversos pontos ecológicos e paisagísticos, assim como no desenvolvimento sócio-econômico auto sustentável da região (...) o envolvimento da comunidade tornando-os agentes multiplicadores de uma consciência ambiental capaz de proporcionar uma convivência harmônica entre homem e natureza (...) dentro do contexto turístico, cabe ressaltar suma importância à valorização das potencialidades naturais de nossa região, especialmente de nossos recursos hídricos". Como parceira do projeto, a ESEF_UFPEL,. passou então, a exercer a Coordenação Técnica da Corrida de Aventuras do Grito das Águas. O trabalho foi intenso, desde a elaboração do regulamento, dos percursos, dos mapas, dos equipamentos, da logística e da arbitragem, realizada pelos acadêmicos do Curso de Educação Física, treinados e orientados para exercer diversas tarefas durante as corridas. O entrosamento entre os diversos profissionais de turismo, educação física, enfermagem, fotografia, comunicação e outros durante os trabalhos foi fundamental para a realização, com êxito, das varias etapas da Corrida. A divulgação do evento e das provas foi muito importante para alcançar os objetivos do projeto e para a própria modalidade que ainda não era muito difundida em nosso meio. Reportagens nos meios de comunicação relatavam muito bem as características de nossa região para a prática das modalidades, como podemos observar em diversas matérias escritas pela a imprensa local e regional. Um fator importante que também devemos destacar é que a FITUR, através do projeto, fez uma excelente aquisição de equipamentos, como

botes infláveis, remos, bicicletas, bússolas, lanternas de cabeça, capacetes, que, através de um convênio com a Universidade, ficaram sob a guarda da ESEF, sendo possível a utilização dos mesmos para aulas, projetos e eventos dessas modalidades na cidade e região. Após a apresentação do Relatório Final divulgando com os resultados do I Grito das Águas, considerados excelentes, o Projeto recebeu uma verba para sua realização no ano de 2006, passando a ser denominado “II Grito das Águas – Corridas de Aventuras da Zona Sul / RS”, através do qual foram adquiridos mais equipamentos e ampliada a participação de competidores, passando a contar com dez equipes para a final, durante três dias de competição, com aproximadamente cento e vinte quilômetros de provas, colocando a Corrida de Aventura do Grito das Águas em sites de aventuras, como o SS.ESP.BR e INEMA.COM.BR, jornais de circulação nacional e canais de televisão locais, estaduais e nacionais, divulgando o evento ainda mais do que na primeira edição. Com a grande repercussão da corrida recebemos muitas solicitações de equipes de nível estadual para divulgarmos o evento para outros municípios e permitir a participação de equipes até mesmo de outros estados, como também de países vizinhos do Rio Grande do Sul. A segunda edição também trouxe outros benefícios para a ESEF-UFPEL, colocando a instituição entre as poucas do Brasil que atuam diretamente em corridas de aventura. Além disso, houve também uma maior participação dos acadêmicos envolvidos tanto na arbitragem quanto nas equipes, participando diretamente como atletas. A escolha de percursos na zona rural dos municípios e dentro de áreas pertencentes à Universidade, mostrou a riqueza de espaços existentes para a prática dos esportes de aventura na região e contribuindo para a visibilidade da mesma. Considerando os aspectos apresentados e outros que poderiam, ainda, ser enfatizados, acreditamos que a Educação Física, o Esporte de Aventura e o Turismo de Aventura devem definir suas áreas de atuação, mas, continuar reunindo esforços para que projetos como estes aconteçam, possibilitando às pessoas uma interação com a natureza, sabendo respeitá-la e valorizá-la, contribuindo para um desenvolvimento sustentável integrado e uma melhor qualidade de vida das populações que residem nessas regiões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COSTA, Vera Lúcia M. Esportes de Aventura e Risco na Montanha. Manole, S. Paulo. 2000.

GUATTARI, Félix. As três Ecologias. Papirus Editora. Campinas, S.Paulo.

MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Eloísa. Turismo, Lazer e Natureza. Ed. Manole,S.P.2003

SCHWARTZ, Gisele Maria. Aventuras na Natureza. Ed. Fontoura. Jundiaí, S.Paulo.2006.

Avenida República do Líbano, 320 Bairro Três Vendas – Pelotas / RS – CEP: 96055-710

epereira@ufpel.tche ou epereira47@uol.com.

ESCALAR MONTANHAS: EM BUSCA DO MEDO E DO PRAZER

Rogério Silva de Melo. Doutor em Educação Física. Universidade Gama Filho,
Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos – RJ

Resumo *A natureza oferece uma infinidade de oportunidades de praticas esportivas, e a escalada em montanhas é uma das mais procuradas, já que esta prática oferece o que estes aventureiros estão procurando, a busca de novas sensações que utilizam como forma de mudarem seus comportamentos e obterem fortes emoções, jogando em suas correntes sanguíneas uma grande quantidade de adrenalina, provocando um prazer indescritível, fazendo com que o corpo entre em um estado de torpor anestesiante, com a qual consegue vencer a dor, o desgaste, vivendo uma enorme sensação de prazer. Estes atores conseguem integrar os extremos de angustia e prazer, de morte e vida, atingindo um estado de equilíbrio que é transferido para o seu dia a dia.*

Introdução. À arte de escalar montanha remota de muitos anos, a principio escalava-se para estar mais perto dos deuses, hoje se escala pelo prazer. Ao ascender à montanha o homem aventureiro realiza um "casamento" divino em que consegue imaginar-se como eterno e abençoado por aquele que permitiu a sua chegada ao ponto mais alto, afastando-se temporariamente do mundo profano e chegando ao mundo sagrado. Talvez por tudo isto a montanha represente um forte valor simbólico nas imagens humanas, sensibilizando os homens a galgá-las, superando os sentidos físicos destes atos, transcendendo-os ao encontro de si mesmo.

Objetivos do estudo. Investigar os sentidos que as sensações vivenciadas por escaladores assumem em seus imaginários. Investigar os sentidos do renascimento no imaginário de escaladores quando estes são mobilizados pela sensação de vertigem. Evidenciar os elementos simbólicos que emergem dos discursos desses escaladores.

Estratégias Metodológicas. Esse trabalho foi realizado através de uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica interpretativa. As ações do indivíduo, perante a sociedade, estão impregnadas de crenças, valores, ideologias, sentimentos, percepções, subjetividades e seus condicionamentos

histórico-sociais, com isso seu comportamento está constituído de sentidos ricos de significados. Essa pesquisa qualitativa tem como intuito desvendar esses sentidos ricos de significados atribuídos pelos sujeitos ao risco, à aventura e à vertigem na prática de escalada de montanhas utilizada como esporte.

Foram adotados dois instrumentos para a coleta dos dados: a) Os escaladores foram convidados a participar do trabalho através de entrevistas semi-estruturadas; as entrevistas foram gravadas, sendo depois integralmente transcritas, tendo o entrevistador o cuidado de ser o mais fiel possível às interlocuções. b) Para compreender o "universo" dos escaladores foi utilizada a técnica projetiva das associações de idéias, onde, através de palavras indutoras[9] conhecidas pelos escaladores, buscamos encontrar singularidades no imaginário dos praticantes de escaladas.

Resultados. Através dos discursos dos escaladores podemos verificar que a vertigem tem um papel crucial para todos os que passam a utilizar regularmente a escalada, é durante o sentimento do medo que a vertigem se manifesta, normalmente durante um lance de grande perigo para o escalador. Farias (2004) ao falar sobre o encanto que a escalada lhe proporciona diz que "quando transpõe obstáculos que pareciam impossíveis" vê seu corpo "inundado" de sensações de imenso prazer, parece que nesse momento o escalador rompe com o nível terrestre, penetra em uma nova dimensão, fora da compreensão humana, onde somente os que têm coragem para desafiar os riscos de uma escalada podem ascender e usufruir desse sentimento de escasso, porém penetrante prazer. Estas experiências o fazem flertar com a morte e na grande maioria das vezes sai vitorioso, é justamente após este confronto que nasce um novo homem, um homem fortalecido por ter enfrentado situações adversas e ter saído vitorioso, voltando para o convívio de outras pessoas renovado, vendo e entendendo o mundo de outra maneira.

Conclusão. O homem por não ser completo está à procura da transcendência, onde pode viver plenamente, ter o poder de decisão sobre o destino que dará à sua vida, ser capaz de ir à caça de novas sensações, tão escassas na vida dos homens contemporâneos, que são limitados pelas barreiras apresentadas pelo dia-a-dia. As escaladas nas montanhas oferecem essas sensações que a

[9] As palavras indutoras foram: escalar, montanha, vida, morte, medo, prazer, natureza e altura.

vida cotidiana não oferece. O medo da queda, o enfrentamento com as forças da natureza, o desconhecimento dos espaços poucos explorados fornecem o que os praticantes estão procurando: a insegurança de uma escalada; nesse momento eles vão de encontro ao que a natureza oferece para ser explorado, desafiam os enigmas das montanhas, sentem-se como parte integrante dessa força maior que é a natureza. Eles vão ao encontro de novas emoções, emoções que proporcionam uma espécie de "pânico momentâneo". Essas emoções são indutoras de quem procura as montanhas para praticar esporte. Quando o escalador está diante de uma situação de perigo, onde a homeostasia está ameaçada, ele sente, temporariamente, o seu corpo perder a estabilidade e o equilíbrio, provocando um conflito em sua consciência. Seu corpo é inundado por uma sensação de terror e pânico, sente vertigem, tem a sensação que tudo a sua volta vai desmoronar; no entanto, se consegue ultrapassar com sucesso a situação de perigo, o sujeito é dominado por um prazer imenso, nesse momento ele entra em comunhão com as forças da natureza, passa a conhecer melhor o seu eu interior. A emoção da vertigem traz para o escalador um sentimento de medo, porém esta sensação o induz a procurar outras montanhas, para que possa sentir novamente esta emoção. O escalador não se contenta em ascender à montanha sem ver seu corpo "inundado" por essa emoção vertiginosa, que se torna o motivo principal da busca pela escalada.

Referências

Bachelard, Gaston. *A poética do devaneio.* São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Caillois, Roger. *O mito e o homem.* Lisboa: Edições 70., s.d.

Costa, Vera L.M. *Esportes de aventura e risco na montanha.* São Paulo: Manole, 2000.

Durand, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário.* Lisboa: Editorial Presença, 1989.

_____. *O imaginário.* Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

Eliade, M. *Imagens e símbolos:* ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Quinodoz, Danielle. *A vertigem entre a angústia e o prazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Rua dos Tintureiros 70 casa 2 – Bangu - Rio de Janeiro
www.rogeriomelo.com / rogerio@rogeriomelo.com

RISCO E VERTIGEM NO VÔO LIVRE: DA ANGÚSTIA AO PRAZER

Sérgio Luiz Gomes de Azevedo
Mestrando - Lires – LEL – PPGEF/UGF
Rio de Janeiro – Brasil

Resumo: *Este estudo pretende compreender os sentidos de risco e vertigem nos discursos de praticantes de vôo livre. Para isso, examinamos os depoimentos de uma lista de discussão da Internet, publicada no livro Parapente Brasil: histórias e aventuras do vôo livre. Trata-se de um estudo descritivo exploratório, com abordagem qualitativa. Concluímos de início que o risco presente na prática do vôo livre apresenta uma relação direta com a busca do prazer. Essas sensações são provenientes de um tipo de vertigem manifestada em um ambiente de aventura onde os riscos são sempre calculados. Confiante em suas habilidades e na segurança proporcionada pela tecnologia o praticante deste esporte penetra nesse ambiente de incerteza, provocando a vertigem em busca de prazer. A experiência e o domínio do equipamento são importantes para a segurança, porém, não eliminam os riscos de acidentes.*
Palavras-chave: *vôo livre, risco, vertigem.*

INTRODUÇÃO

As atividades de aventura praticadas na natureza são procuradas por indivíduos que preferem desfrutar de seus momentos de lazer em ambientes desafiadores. Privilegiados pelas informações de um mundo cada vez mais globalizado, estes esportistas, acessam Blogs, sites de relacionamento e listas de discussões na Internet, compartilhando experiências, avanços relacionados a segurança e a performance. O avanço tecnológico permitiu a criação de sofisticados equipamentos eletrônicos e de materiais mais leves e resistentes. Com isso, estas atividades ganharam credibilidade permitindo que o número de praticantes aumentasse consideravelmente. Dentre esses esportes situamos o vôo livre.

Criado na Austrália no final da década de 60 espalhou-se pelo mundo na década seguinte

atraindo os amantes de atividades praticadas na natureza. No início, limitava-se apenas ao vôo de asa delta, com o passar dos anos o interesse pelo vôo à vela aumenta estimulando o surgimento de uma nova categoria, o vôo de parapente.

Entendemos por vôo livre todo o vôo impulsionado por agentes naturais, como é o caso da gravidade, no sentido descendente e das correntes de ar quente em ascensão (térmicas), no sentido ascendente.

Este estudo pretende compreender os sentidos de risco e vertigem nos discursos de praticantes de vôo livre.

RISCO E VERTIGEM

O risco é um dos principais componentes do vôo livre, estando presente em todo o momento da prática. Acidentes relacionados a quedas são comuns neste esporte: *[...] Quem faz ciclismo corre o risco de um dia tomar um pacote e ralar o joelho. Quem voa de paraglider corre o risco de um dia se estatelar no chão e destroçar a coluna [...]* (Guilherme A. Zippin, p. 180).

Cientes destas conseqüências esses esportistas desafiam a gravidade em um ambiente repleto de incertezas, onde, confiantes em suas habilidades e em equipamentos cada vez mais modernos, enfrentam riscos, a fim de provocar em seus corpos sensações de prazer.

Quinodoz (1995), afirma que o risco possui uma relação direta com a busca do prazer, originado de um tipo de vertigem manifestada por indivíduos que, através de determinadas práticas esportivas, arriscam-se, manifestando no seu próprio corpo, sensações de angústia que são transformadas em prazer.

Na busca deste prazer, estes indivíduos, vivenciam a vertigem se expondo deliberadamente a riscos calculados. No entanto, nem mesmo a habilidade do piloto ou a segurança oferecida pela tecnologia eliminam os riscos: *[...] este esporte É DE RISCO. Se te disseram que não, sinto lhe informar que mentiram pra você. Você pode evitar os acidentes com prudência e bom senso, mas não eliminar os riscos [...]* (Lúcio Vasconcellos, p. 174).

A interação entre o risco e a tentativa de domínio da natureza através do uso de recursos tecnológicos, cria um ambiente de incerteza, essencial para a busca do lúdico e para a ultrapassagem

dos desafios.

A busca do prazer através destes desafios requer dos praticantes, um controle das variáveis do vôo, a fim de diminuir a possibilidade de acidentes. Equipamentos de segurança, aprimoramento técnico e troca de experiências são amenizadores dos riscos. Quem voa livre, acredita que o risco depende basicamente das atitudes e decisões do praticante.

Segundo Costa (2000), os riscos buscados e valorizados pelos novos aventureiros estão relacionados a uma aventura no sentido lúdico, onde, confiantes no domínio cada vez maior da técnica, provocam a vertigem, enfrentando com prazer às diversas situações de risco oferecidas pelos esportes que praticam. Guiddens (2002) acrescenta que esses esportes proporcionam ambientes institucionalizados de risco.

Nesses ambientes o nível de experiência é fundamental para a segurança do praticante. Por isso, os equipamentos devem estar de acordo com esse nível. Do contrário, o risco se transforma em perigo, e o prazer da vertigem, em angústia e até medo: *[...] Já vi muita gente deixar de voar por causa de equipamentos ruins, outros por voarem com equipamentos inadequados, que lhes "roubaram" o prazer de voar [...]* (CUNHA, in Parapente Brasil, 2002, p. 144).

CONCLUSÃO

Até aqui, podemos afirmar que o risco buscado no vôo livre é o principal desencadeador de um tipo de vertigem responsável por proporcionar ao praticante, sensações de prazer. No entanto, para que essa vertigem seja prazerosa, a segurança, o controle do equipamento e das variáveis do vôo são fundamentais. Do contrário, as probabilidades de risco seriam tão grandes que comprometeriam o prazer.

Concluímos que o vôo livre se desenvolve em um ambiente de aventura e incerteza onde o praticante, beneficiado por uma gama de tecnologias voltadas para a informação e para a melhoria dos níveis de segurança, provocando a vertigem, se expõe a riscos calculados, em busca de sensações de prazer.

REFERÊNCIAS:

ABDALAD, Luciana S. A participação feminina nos esportes de aventura e risco: um vôo no universo do desafio e da incerteza. **Dissertação de Mestrado** do Programa de Pós-Graduação em Educação Física. do Rio de Janeiro: UGF, 2001.

AZEVEDO, S. L. G. **A cultura lúdica do vôo de asa delta.** Rio de Janeiro: FIEP, 2006.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições, 2004.

COSTA Vera Lúcia de Menezes. **Esportes de Aventura e Risco na Montanha**, São Paulo: Manole: 2000.

COSTA, Vera Lúcia de Menezes. **Esportes de aventura e risco na montanha: uma trajetória de jogo com limites e incertezas**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Rio de Janeiro, UGF, 1999.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**, Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LOPES, Rodrigo Stulzer et al. **Parapente Brasil: Histórias e Aventuras do Vôo Livre**. Rio de Janeiro: Editado por Rodrigo Stulzer Lopes, 2002.

QUINODOZ, D. **A Vertigem: entre a angústia e o prazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Sérgio Luiz Gomes de Azevedo e-mail: sergiosjm@yahoo.com.br

Rua Katar Rechuan, nº 391; Bairro: Grande Rio; São João de Meriti – RJ; CEP: 25540 040

SENSAÇÕES E EMOÇÕES PROPORCIONADAS PELAS ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA EM ACADÊMICOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSM

Patrícia CardosoTrauer[1], Matheus Francisco Saldanha Filho[2]
[1]Acadêmica/UFSM [2]Prof./UFSM

Resumo: *O estudo sobre fatores emocionais dos participantes nas aulas sobre atividades de ventura na natureza, do Curso de Educação Física da UFSM/RS, significa, entre outros, a valorização de fatores subjetivos dos alunos. Fatores que tão pouco ou nada são levados em consideração pelas tendências educacionais conservadores e/ou tecnicistas. Os participantes destas aulas são considerados sujeitos de suas ações, visto que os postulados estão sendo norteados pelo movimentar-se humano; que significa uma das formas de linguagem do diálogo homem-mundo.. Sendo assim, buscamos conhecer concretamente aspectos, instrumentos e/ou meios que justifiquem conseqüências e mudanças no comportamento subjetivo dos participantes, dadas por suas experiências e vivências através de seu movimentar-se. Desta forma nos aproximaremos dos fatores emocionais dos alunos, sendo fatores que influenciam estes sujeitos em suas formas de pensar, agir e sentir em relação às situações surgidas nas aulas.*

Acreditamos que fatores emocionais estão sempre presentes em qualquer ato educativo e por isso precisam ser desvelados, estudados e analisados no sentido de identificar entre esses tantos atos educativos, quais proporcionam sentimentos de prazer, interesse e desenvolvimento de subjetividades, pois são fatores que estão também colaborando para a formação do homem, e são estes sentimentos que mais a diante poderão ser capazes de decidir a influência dos conteúdos das aulas de Educação Física por estes futuros professores.

As atividades de aventura na natureza já estão manifestadas nas grades curriculares de inúmeras universidades dentro dos cursos de Educação Física. Conforme Schubert (2006), estas

práticas destacam-se no meio acadêmico e são consolidadas sob diversas perspectivas: como objeto de estudo, investigação científica, mercado de trabalho, prática social, entre outros.

As atividades de aventura na natureza estão cada vez mais conhecidas e difundidas dentro de diversos contextos, principalmente no âmbito da Educação Física e do lazer. Elas se destacam pelo seu caráter lúdico e pela interdisciplinaridade que as envolvem; proporcionam novas possibilidades de movimento, diferentes padrões de cultura corporal, expressões naturais na sua realização, desenvolvimento de variadas potencialidades do indivíduo praticante, além da inserção do ser humano como constituinte da natureza e não um ser externo a ela. Outra característica que as envolvem é a de não necessitarem treinamento prévio para sua realização, onde a práticas vivenciadas pelos alunos contam com inúmeras sensações e despertam nossos sentidos, muitas vezes indescritíveis.

É neste sentido que se faz proeminente pesquisas voltadas a assuntos relacionados às atividades de aventura na natureza. Bem como, é necessário identificar, caracterizar e levar o conhecimento das sensações e emoções vividas aos professores de Educação Física, para que estes, por sua vez, possam desenvolver com seus alunos na rede pública ou privada, os diversos aspectos que estas atividades podem proporcionar.

Diante da grandeza do assunto e da ainda limitada literatura encontrada, fez-se necessária a ampliação de estudos dos mais variados temas sobre a discussão dessa temática. Com isto, o presente estudo trata-se de uma pesquisa descritiva onde o objetivo geral é investigar as relações estabelecidas entre a vivência das atividades de aventura na natureza e as sensações e emoções dos acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria.

O trabalho pretende apresentar reflexões oriundas de uma pesquisa qualitativa. O estudo sobre fatores emocionais dos participantes significa, entre outros, a valorização de fatores subjetivos dos alunos. Este estudo está sendo realizado com uma turma de quarenta e cinco alunos que participam da disciplina de Laboratórios de Atividades Esportivas Contemporâneas, ofertada aos alunos da graduação do Curso de licenciatura Educação Física da UFSM.

O processo metodológico desta investigação centra-se em observações, filmagens, entrevistas narrativas e semi-estruturadas, fotografias, e trabalhos descritos realizados após as vivências das atividades.

As observações estão sendo realizadas no decorrer do desenvolvimento das atividades prescritas no programa da disciplina.

As sensações foram classificadas em duas categorias: agradáveis e desagradáveis. Estas sensações são expressas por emoções. A partir das categorias prazer e desprazer das emoções, determinamos para cada uma delas algumas expressões de sentimentos. Na categoria prazer, incluímos sentimentos de alegria, solidariedade, confiança, segurança, superação e auto-estima. Já para a categoria desprazer: medo, dor, frustração, vergonha, insegurança, indiferença, incerteza, desconforto.

Fatores estes que, tão pouco ou nada são levados em consideração pelas tendências educacionais conservadores e/ou tecnicistas, que ainda muito estão enraizadas às práticas pedagógicas tradicionais da maioria dos professores das instituições educacionais, em geral do Brasil.

Prima-se que os participantes destas aulas da referida disciplina são considerados sujeitos de suas ações, visto que os postulados destas aulas estão sendo norteados pelo movimentar-se humano. O que para algumas teorias críticas da educação significa uma das formas de linguagem do homem, ou seja, o diálogo homem-mundo se dá também através do seu movimentar-se.

Como objetivos específicos, podemos verificar a participação dos acadêmicos nas práticas das atividades de aventura na natureza; identificar as sensações e emoções vivenciadas após a realização das atividades; caracterizar as sensações e emoções quanto às categorias, prazer, desprazer, agradáveis, desagradáveis; identificar quais das emoções definidas anteriormente são mais experienciadas pelos alunos; incentivar a inclusão das atividades de aventura na natureza no planejamento das aulas de educação física. É importante ressaltar que o trabalho está em andamento e de acordo com o calendário letivo da Instituição.

BIBLIOGRAFIA:

APUNTS: Educación Física y Desportes. Dossier: Las actividades físicas de aventura em la naturaleza: análisis sociocultural. Barcelona, nº41, 1995.

MARINHO, A. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte,* Campinas, v. 22, n. 2, p. 143-153, jan. 2001.

MARINHO, A. Natureza, tecnologia e esportes: novos rumos. *Conexões,* Campinas, v. 1, n. 2, p. 60-69, jun. 1999.

SCHWARTZ, G. M. (org). *Dinâmica Lúdica: novos olhares.* São Paulo: Manole, 2004.

SCHUBERT , J. M. Esportes de aventura e/ou radicais no contexto dos novos desenhos curriculares de educação física. Artigo no CEFD da Universidade Federal de Santa Maria.

VILLAVERDE, S. Refletindo sobre lazer e natureza, ética e relações de amizade. In: Turismo, Lazer e Natureza. São Pulo: Manole, 2003.

FERREIRA, L. F. S. Corridas de aventura: construindo novos significados sobre corporiedade, esportes e natureza. Campinas: [s.n.], 2003.

Patrícia Cardoso Trauer

End: R: 7 Estação Colônia nº20 Bairro Camobi, cep 97110-000 Santa Maria-RS

Telefones: 55 30272289/ 55 91479779

e-mail: paty_ef@hotmail.com

POR QUE ESPORTES DE AVENTURA NA ESCOLA?

Laercio Claro Pereira Franco,
Licenciado e bacharel em Educação Física (UNICAMP), Especialista em pedagogia do esporte escolar (UNICAMP), Mestrando em pedagogia da motricidade humana (UNESP, Rio Claro).

Resumo: *Se pensarmos que, na escola, estamos ajudando a formar cidadãos autônomos e críticos reflexivos, inseridos na sociedade, cabe a nossa área também proporcionar, ao futuro adulto, informações suficientes para a escolha de atividades que ocupem o tempo livre e o ócio ativo desse cidadão. Conteúdos inovadores também poderiam colaborar para que a Educação Física dê conta desta missão. Desta maneira, esta pesquisa buscou mostrar porque os Esportes de Aventura (E.A.) podem ser um conteúdo possível de ser inserido na escola. Defendemos os E.A. na escola, pois acreditamos que esses conhecimentos e vivências proporcionem sensações e experiências que atinjam emocionalmente e significativamente um jovem estudante e os estimulem com desafios e superações de seus limites, mesmo que sejam práticas apenas adaptadas às estruturas usuais das escolas, mas plenamente passíveis da ligação do "Saber" com o "Saber Fazer". Alguns dos motivos de inserção dos E.A. na escola seriam o alinhamento da Educação Física com as propostas de preservação ambiental; exposição de um conteúdo pouco explorado na escola, mas bem difundido pela mídia; entre outros.*

Introdução

Este estudo é um fragmento da dissertação de mestrado "Esportes de Aventura na Escola: uma proposta pedagógica" em andamento na UNESP Rio Claro e apresenta motivos para a inserção dos Esportes de Aventura como conteúdo do currículo comum das aulas de Educação Física escolar. Achamos possível oferecer mais um conhecimento na escola, cujas vivências proporcionem sensações e experiências que atinjam emocionalmente e significativamente um jovem estudante, mesmo que sejam práticas apenas adaptadas às estruturas usuais das escolas, mas plenamente passíveis da ligação do "Saber" com o "Saber Fazer". Sensações que estimulem as emoções dos adolescentes e os estimulem com desafios e superações de seus limites. Essas emoções baseadas no risco fictício, provocado, calculado e imaginário são características típicas dos Esportes de Aventura e mexem com o simbolismo da maioria dos alunos, envolvendo-os.

Objetivo

Apresentar argumentos para inserir os Esportes de Aventura na escola como conteúdo do currículo comum da Educação Física.

Método

Optamos por uma pesquisa qualitativa de abordagem participativa, com caráter descritivo e referendada através de um levantamento bibliográfico do tema.

Conclusão

São muitas as razões para incluirmos os E.A. na escola, porém sabemos que a mudança de paradigma do "*fazer"* pedagógico dos docentes é lenta, mas possível e trabalhos como este servem como uma brisa que podem fazer chegar odores de transformação à *praxis* docente.

Dentre as várias razões destacamos as seguintes:

- alinhamento da Educação Física com as propostas de preservação ambiental;

- exposição de um conteúdo pouco explorado na escola, mas bem difundido pela mídia;

- notadamente é mais um conteúdo relevante para ação educativa do professor com alunos adolescentes, estreitando laços e atualizando-se na evolução da Cultura Corporal de Movimentos;

- tornar as aulas mais interessantes, haja visto a situação atual das aulas de Educação Física do Ensino Médio (FRANCO et al, 2006);

- ampla possibilidade de trabalho dos cinco eixos pedagógicos preconizados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM, BRASIL, 1998): Identidade, Diversidade, Autonomia, Interdisciplinaridade e Contextualização;

- trabalhar valores intrínsecos dos alunos, tais como: respeito às diferenças e limites do outro, cooperação, desenvolvimento de diversas habilidades motoras, superação dos próprios limites, entre outros.

REFERÊNCIAS

BRASIL - Secretaria de Educação Básica. PCN+ Educação Física. Brasília, DF: MEC/SEB, 2002.

_____ - C.E.B. – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Parecer CEB nº 15/ 98 de 01/06/1998.

COSTA, V.L.M. Esportes de aventura e risco na montanha São Paulo : Manole, 2000.

DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. Educação Física na Escola. Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FRANCO, L.C.P., et al. Educação Física no Ensino Médio: um levantamento bibliográfico. Anais do 4º Congresso Científico Latino Americano De Educação Física -Facis – Unimep. Piracicaba, SP, 2006.

_____ Esporte de Aventura na Escola: uma proposta pedagógica. Anais do XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa – USP. São Paulo, SP, 2006.

MARINHO, A. BRUHNS, H. T. (orgs.). Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003.

Endereço: Presidente Bernardes, 1580, ap 11, Jardim Flamboyant, Campinas, SP, Cep: 13091160. Contatos: (19) 9779.0189 ou email: lalaplim@uol.com.br

VARIAÇÕES HEMODINÂMICAS DO RAPEL EM AMBIENTE NATURAL

Andreia Silva – MSc – ESFA
Gisele Rosa Felipe – Pós-graduanda – ESFA
Regiane Cristina Duarte - MSc – ESFA

Resumo: *Durante a execução de uma atividade física como o rapel, a frequência cardíaca e a pressão arterial dos indivíduos podem sofrer alterações. Este estudou busca avaliar os efeitos hemodinâmicos da prática do rapel em ambiente natural, através de um pré-teste realizado com 13 alunos da Escola Superior São Francisco de Assis – ESFA, submetidos à mensuração da frequência cardíaca (FC) e da pressão arterial (PA) antes, durante e depois da execução do rapel. Observamos que a variação da PA foi insignificante, pelo fato do tempo e do esforço não terem sido suficientes para alterá-la. A FC elevou-se gradativamente, atingindo maiores índices na fase negativa do rapel, onde o fator "risco" torna-se mais evidente. Além disso, há um aumento da força nos membros superiores nesta fase, onde os músculos necessitam de maior oxigenação, provocando aumento do fluxo sangüíneo e, consequentemente, aumento da FC.*

INTRODUÇÃO

O rapel constitui-se como uma das diversas técnicas verticais utilizadas em atividades de lazer ao ar livre, em especial o montanhismo. Para a execução do rapel, o praticante utiliza-se das habilidades motoras globais e habilidades motoras específicas, além de posteriores combinações, diversificações e adaptações desses movimentos, elementos de estudo da biomecânica. Apesar da considerável expansão dessa vivência, e de sua utilização como lazer e/ou esporte, observa-se uma carência de publicações relacionadas à biomecânica interna e externa do rapel.

O nível e a variabilidade da pressão arterial (PA) e freqüência cardíaca (FC) sofrem importantes influências genéticas individuais, em associação com fatores ambientais (ROCHA, PORTO e MORELLI, 2002). Dentre as causas ambientais podemos citar: o estresse, o medo, a insegurança, e a execução de uma atividade física, como o rapel.

OBJETIVOS

Tratando-se do rapel em ambiente natural, objetivamos avaliar os efeitos hemodinâmicos em sua realização, ou seja, de que modo a frequência cardíaca e a pressão arterial de seus praticantes podem ser alterados, e em que podem influenciar na prática do mesmo.

METODOLOGIA

O local escolhido para a prática do rapel foi a Pedra do Sarnaglia[10] localizada no município de Santa Teresa, ES. Foram selecionados 13 alunos (submetidos à anamnese e avaliação antropométrica) da Escola São Francisco de Assis, para um pré-teste que ocorreu em 20/03/05, a partir das 10 horas.

A FC foi mensurada, através do método de palpação na artéria radial ou carótida, em cinco momentos: 1°, em repouso; 2°, ao colocar o equipamento; 3°, no início da execução; 4°, no final do positivo e início do negativo; 5°, no final do negativo. A Pressão Arterial Sistólica (PAS) e Pressão Arterial Diastólica (PAD) foram mensuradas no início e no final do processo.

RESULTADOS

Para facilitar o estudo, dividimos todo processo da atividade em quatro estágios. Foi denominado *Estágio I* o início da atividade, ou seja, colocar o equipamento para o início da trilha onde há aproximadamente 60 metros de subida. *Estágio II* compreende o início da execução do rapel na fase positiva. Ficou determinado *Estágio III* o final da fase positiva para o início da queda livre, denominada fase negativa a qual chamamos de *Estágio IV*.

Estágio I – observou-se uma variação de aproximadamente 10 bpm, maior que a FCR. No grupo experimental, 77% mantiveram-se dentro da média total apresentada. Essa variação pode ser explicada por alterações no comportamento emocional dos indivíduos já que o esforço físico realizado até então não foi suficiente para alterar a FC.

---

[10] Localiza-se a uma altitude 725 metros acima do nível do mar, mede em torno de 35 m, contando com uma fase positiva e outra negativa. A fase positiva é parte da pedra com angulação igual ou maior que 90°, onde o indivíduo mantém o contato da região plantar com a rocha. A angulação da fase negativa é menor que 90°, ou seja, o indivíduo encontra-se em situação de queda livre, perdendo o contato com a rocha, apenas suspenso pela corda.

Estágio II – os indivíduos executaram uma trilha com os equipamentos colocados e encontraram-se devidamente posicionados para a execução do rapel na fase positiva inicial, onde a FC foi novamente mensurada. A variação da FC dentro do grupo foi a menor de todos os estágios (09 bpm), porém, comparado com a FCR o aumento foi de 16 bpm, o que corresponde a 23% de aumento.

Vários fatores contribuem para essa variação. Entre eles podemos inferir o esforço físico da trilha, exigindo a qualidade física aeróbia, por ser de longa duração, baixa intensidade e carga, apesar do terreno íngreme. Outro fator seria a posição anti-gravitacional e a situação de risco. Até então, o indivíduo apenas imaginava o que iria passar. A partir daquele momento a altura, a insegurança, o medo, o perigo, o estresse emocional tornam-se fatores concretos, ocasionando o efeito cronotrópico positivo – maior liberação de adrenalina e conseqüente aumento FC (Fox, 1998).

Estágio III – caracterizou-se pela transição da fase positiva para a fase negativa, onde observamos um dos maiores aumentos da FC, de aproximadamente 36 bpm, que corresponde a 52% quando comparada a FCR. Nesta fase, priorizou-se o uso da força, pela falta de confiabilidade no equipamento. Também foi observado uma maior ansiedade nos participantes pois, a partir dessa fase, perde-se o contato com o solo, e o indivíduo se apresenta em situação de queda livre. Na realidade, o que pode ter acontecido foi uma somatória de estresse físico ao já existente estresse emocional.

Estágio IV – na fase negativa, observamos a maior variação de FC, pois o indivíduo se encontra no que se pode presumir a verdadeira situação de risco. O aumento real apresentado foi de 46 bpm, o que corresponde a 67% de aumento quando comparado a FCR. Podemos inferir esta circunstância em dois propósitos: esforço anaeróbio (gasto excessivo de força para sustentação) e estresse emocional, como conseqüência do ambiente.

CONCLUSÃO

A partir do momento em que o indivíduo encontra-se sem o contato com o solo e sem confiança total no equipamento vivendo uma situação de “risco” (situação esta que, por si só, já

eleva a FC), este reúne forças em seus membros superiores para sustentar-se na corda. Com o aumento da força, os músculos necessitam de maior oxigenação, provocando aumento do fluxo sangüíneo e, consequentemente, aumento da FC.

A pressão arterial não sofreu alterações significativas, o que pode ser esclarecido pelo fato de o tempo e o esforço não terem sido suficientes para alterar a pressão arterial. Mesmo que a FC tenha se elevado, isto ocorreu gradualmente, o que pode ter ocasionado a atuação dos reguladores de pressão mantendo-a estável.

BIBLIOGRAFIA

FOX, Merle L, KETEYIAN, Steven J. **Bases Fisiológicas do Exercício e do Esporte.** 6ª edição; *Editora Guanabara Koogan 1998.*

KATCH, Frank, *et, al.* **Fisiologia do exercício:** Energia, nutrição e desempenho humano. Rio de Janeiro, Rj: Guanabara Koogan, 1998.

POWERS, Scott K, HOWLEY, Edward T. **Fisiologia do Exercício: Teoria e Aplicação ao Condicionamento e ao Desempenho.** 3ª edição; *Editora Manole 2000.*

ROCHA, Renato, PORTO, Marcelo, MORELLI, Monica Yara Gabriel *et al*. **Efeito de estresse ambiental sobre a pressão arterial de trabalhadores**. *Rev. Saúde Pública*, out. 2002, vol.36, no.5, p.568-575. ISSN 0034-8910.

Andreia Silva - Rua das Petúnias, nº 44, Jardim da Montanha. - Santa Teresa, ES
CEP: 29650-000 - malukafef@hotmail.com - (027) 9974-6044

Gisele Rosa Felipe - Rua Ricardo Loureiro, nº88, Vila Anita. - Santa Teresa, ES
CEP: 29650-000 - gisele.felipe@hotmail.com - (027) 99749308

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA E TERCEIRA IDADE: VIVENCIANDO PARA APRENDER

Andréia Silva – professora Mestre da ESFA
Itamar Aguiar Lima Júnior – acadêmico da ESFA
Roberta da Silva Gama – acadêmica da ESFA
Wellington Tozzi Adriano – acadêmico da ESFA

Resumo: *O presente artigo busca analisar e refletir sobre a realização das práticas corporais de aventura na natureza (PCAN's) com grupos de terceira idade. Esta pesquisa possui caráter qualitativo, sendo do tipo exploratória, com procedimento de estudo de campo. A amostra foi composta por 23 indivíduos do grupo GERA. Como instrumento utilizamos um questionário semi-estruturado, intervenção e a observação participativa. Os dados nos apontaram para a real possibilidade de desenvolvermos determinadas PCAN's de forma segura e significativa, se considerarmos as condições físicas, sócio econômicas e psico-sociais destes indivíduos.*

INTRODUÇÃO

Observamos que nos dias atuais grupos de terceira idade buscam a prática de atividade física em várias modalidades como recreação, hidroginástica, caminhada, musculação e, atualmente as Práticas Corporais de Aventura na Natureza – PCAN's, por verificarem nas mesmas uma opção diferenciada de lazer ao ar livre, propiciando o bem estar físico e mental, em meio à natureza. As PCAN's constituem-se assim, em uma forma promissora de educação, podendo ser adequada a qualquer público ou localidade, desde que respeitada suas especificidades. Neste sentido, buscamos analisar e refletir em que condições determinadas PCAN's podem ser desenvolvidas de forma segura e significativa a grupos de terceira idade.

METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, sendo do tipo exploratória, com o procedimento de estudo de caso. A amostra constituiu-se de 23 indivíduos de terceira idade do grupo GERA[11], de ambos os sexos, com idade entre 50 e 90 anos, praticantes de atividade física do clube AERT[12] . Como instrumento utilizamos um questionário com perguntas abertas e fechadas, a fim de traçarmos o perfil do grupo e, desenvolvermos uma corrida de orientação adaptada. A análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo proposta por Minayo (1994).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Procuramos desenvolver uma atividade de lazer através do lúdico, por compreendermos juntamente com Schwartz & Marinho (2005), que a ludicidade é um elemento constante nestas práticas, manifestado por meio do controle que se dá em todas as esferas da mesma. Diante deste controle o possível risco destas práticas é minimizado, garantindo o desfrutar da ludicidade com todas as suas potencialidades.

Optamos pela vivência de um acampamento, sendo nele inserido uma corrida de orientação adaptada como forma de adequar a proposta a uma atividade próxima do dia a dia dos participantes, no caso o trabalho doméstico e a caminhada. Durante o desenvolvimento foi perceptível a integração e solidariedade entre o grupo, além da associação da mesma as atividades diárias. A interação do grupo durante a vivência fez com que os participantes percebessem o valor da cooperação, do companheirismo, e isto foi essencial para se sentirem motivados. Para os participantes, o convívio com a natureza durante esta atividade, facilitado pela utilização de equipamentos, significou sentir o corpo, sentir a natureza de forma diferenciada e inovadora, proporcionando novas sensações e emoções (SENA & BEZERRA, 2004).

---

[11] Grupo Esportivo e Recreativo de Aposentados - Aposentados e Pensionistas da CVRD (Companhia Vale do Rio Doce)

[12] Instituição privada - Associação Esportiva e Recreativa Tubarão, localizado no município de Serra/ES.

O grupo demonstrou muita descontração, alegria e curiosidade. Algumas participantes indagaram a possibilidade de uma nova oportunidade para trazer os amigos e esposos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que através das PCAN's foi possível desenvolvermos o trabalho coletivo, demonstrado através da cooperação entre os participantes, do companheirismo, da união entre os mesmos, da ajuda mútua, do incentivo uns para com os outros. O desenvolvimento pessoal, através da auto-estima, da alegria, do entusiasmo, da superação dos desafios manifestada pelos participantes também pode ser verificada. Trabalhamos o desenvolvimento cognitivo, através da autonomia na tomada de decisões e, o desenvolvimento físico estimulando as habilidades motoras. Diante disto nos firmamos de imediato no resultado positivo que obtivemos na atividade proposta. Pensamos que a realização destas práticas através da intervenção do profissional da Educação Física, deve se valer, com o princípio básico de que se resguarde a integridade física, que proporcione a realização pessoal, que se respeite à condição sócio-econômica destes indivíduos e que ao desenvolvê-las, não tenha como fim objetivo monetário e sim, uma possibilidade diferenciada de formação do indivíduo.

Este trabalho teve um grande significado para nós, por desmistificarmos o paradigma que esta população está propicia apenas a determinadas atividades, por oferecem poucas dificuldades na sua realização e o menor risco de lesão; e por conseguirmos promover ao grupo estudado através da atividade proposta, a realização de seus objetivos demonstrados mediante as sensações e emoções que a atividade proporcionou superando os obstáculos, rompendo seus limites psico-sociais e físicos e oportunizando assim ampliar as possibilidades de melhoria da qualidade de vida.

REFERËNCIAS

CARDOSO, Aercio Rossi; FELIPE, Gisele Rosa. **Atividades físicas de aventura na natureza: sensações, emoções e possibilidades educativas do grupo de excursionismo da ESFA.** Monografia. Santa Teresa – ES. 2006.

INÁCIO, Humberto Luis de Deus et.al. Bastidores das práticas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidades de resistência. *In*:_____; BRUNHS, Heloísa Turini (organizadoras). **Turismo, lazer e natureza.** São Paulo, SP: Manole, 2003.

MEIRELLES, Morgana E. A., **Atividade Física na 3ª idade.** 3 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

Andréia Silva
Rua das Petúnias, 44, Jardim da Montanha
Santa Teresa – ES
Cep: 29650-000
malukafef@hotmail.com
(27)9974-6044

CARACTERIZAÇÃO DOS PARQUES NATURAIS NO RIO DE JANEIRO

Zenaide Mariano Ribeiro - Estudante Bacharelado em Educação Física - UFRJ

Resumo: *Os primeiros parques nacionais são criados no contexto da degradação urbana, fruto da urbanização acelerada em tempos de industrialização. O planejamento das cidades passa a incluir a preocupação com as áreas verdes. A linha projetual contemporânea valoriza a atividade física, o culto ao corpo, fazendo o natural conviver com o artificial. Nos parques ecológicos urbanos apenas parte da área total dos parques é aberta à visitação ou ao lazer, sendo o restante reservado à preservação. No Rio de Janeiro, os parques somam 180.705.700m² distribuídos por 35 bairros, com 29,44m² de área verde por habitante, bem acima dos 12m² recomendado pela ONU. As cinco maiores unidades de conservação ambiental do Rio de Janeiro somam 174.724.700m² de área verde, oferecendo uma vasta gama de atividades aos usuários, incluindo trilhas, vôo livre, escalada, rappel, restaurantes, observação e aprendizado. Parte desta área seja de acesso restrito. Apenas uma das unidades cobra ingresso.*

A partir da industrialização as populações urbanas vêem a degradação do ambiente urbano e olham para a natureza como um retorno a um paraíso do qual foram expulsos. O contato com a natureza é visto como algo desejável, que pode oferecer ao homem uma melhor vivência de sua condição humana, ou com o melhor que o homem pode ser. Nesse contexto são criados os primeiros parques nacionais, com o intuito de preservar áreas naturais da degradação que o homem lhes impõe, para que as populações urbanas possam desfrutar delas como visitantes (DIEGUES, 1994).

O planejamento das cidades também passa a incluir a preocupação com as áreas verdes, que se tornam espaços valorizados para visita, e suas proximidades, para moradia. Os parques, de acordo com sua data de criação, passam por fases, sendo que a linha projetual contemporânea valoriza mais a atividade física condizente com o que se costuma chamar de culto ao corpo, fazendo o artificial conviver com o natural.

Nos parques ecológicos urbanos vê-se ainda que geralmente a maior parte da área desses parques não é aberta à visitação ou ao lazer, sendo reservada para fins de preservação, mantendo uma visão romântica de natureza perfeita se intocada pelo homem. Os defensores dessas áreas, incluindo os gestores, geralmente impõem limites à visitação.

O objetivo deste trabalho é fazer uma caracterização dos cinco maiores parques naturais no município do Rio de Janeiro, como parte de um estudo que pretende traçar um perfil do visitante desses parques, da relação entre freqüentadores e os parques e do uso que se faz destes. Para tal, foi realizado um levantamento através do Guia das Unidades de Conservação Ambiental do Rio de Janeiro e de visitas às Unidades, com registro fotográfico e entrevista com suas administrações.

As Unidades de Conservação Ambiental (UCA's) no município do Rio de Janeiro estão definidas como "áreas que, por seus atributos ecológicos, apresentam um estatuto especial de uso e ocupação de solo e de manejo de seus ecossistemas naturais" (Neves, Tostes, citados por IBAM/DUMA, PCRJ/SMAC, 1998, p. 11). Os parques, somados à única reserva florestal e o Jardim Botânico, somam 180.705.700m², cobrindo 15,28% dos 1.182km² do território total do município. Isso deixa a cidade do Rio com largos 29,44m² de área verde por habitante, bem acima do mínimo de 12m² recomendado pela ONU, conforme Teles (1991).

Essas UCA's estão distribuídas por 35 bairros cariocas. Como pontua Simone Rechia (2005), citando Jacobs, a área verde necessária para o fornecimento de oxigênio aos cidadãos não tem de ser necessariamente medida dentro de parques, antes servindo ao mesmo fim qualquer árvore localizada nas ruas dos bairros. Entretanto, chama atenção uma cidade que oferece 29m² de área verde por habitante, chegando a 187,27m² em certa região, contar com menos de 3m²/hab em duas regiões, descendo esse nível a 0,08m² na região mais populosa do município, com 2.353.590 habitantes distribuídos em 202,83km².

O Parque Estadual da Pedra Branca encontra-se no maciço da Pedra Branca, perfazendo uma área de 125 milhões de metros quadrados, equivalente a 11% do território do município. Um dos maiores atrativos do parque são as cachoeiras e mananciais hídricos.

O Parque Nacional da Tijuca, cuja implantação data de 1961, tem extensão territorial de 33.600.000m². O local é tido como redutor da poluição e amenizador do clima, talvez especialmente por estar tão próximo ao centro da cidade. No interior do parque encontram-se um museu, uma capela, locais para piqueniques, trilhas bem sinalizadas que conduzem a picos com vista panorâmica, o Corcovado com o Cristo Redentor, as quedas d'água das paineiras, uma rampa de vôo livre, restaurantes e diversas outras atrações.

O Parque Ecológico do Mendanha tem extensão de 13.234.700m², localizados no maciço Gericinó-Mendanha, em Bangu, bairro que freqüentemente registra as maiores temperaturas da cidade, devido à sua baixa cobertura vegetal. O parque dispõe de uma piscina, trilhas ecológicas (percorridas somente com acompanhamento dos guardas do parque), rios e cachoeiras ainda pouco exploradas.

O Parque Municipal Ecológico de Marapendi ocupa uma área de 1.520.000m². Foi criado em 1978 e é tutelado pela Fundação Parques e Jardins. O parque dispõe de torres para observação da paisagem, atracadouros, trilhas, ciclovia, e equipamentos de educação ambiental, contando ainda com áreas próprias para piquenique e playground. O ecossistema local é original, não tendo passado por processos de antropomorfização, como boa parte dos parques da cidade.

O Jardim Botânico ocupa uma área de 1.370.000m², pertencente ao Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. O Jardim Botânico tem apenas parte de sua área aberta à visitação, sendo o restante da área destinada à preservação. O acesso é cobrado; há opção de visita guiada em alguns dias da semana.

Essas cinco unidades somam 174.724.700m² de área verde, oferecendo uma vasta gama de atividades aos usuários, mesmo que parte desta área seja de acesso restrito. As atividades incluem trilhas, vôo livre, escalada, rappel, restaurantes, observação e aprendizado. Apenas uma das unidades, situada em bairro de classe média alta, cobra ingresso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IBAM/DUMA, PCRJ/SMAC. **Guia das Unidades de Conservação Ambiental do Rio de Janeiro.** RJ, 1998.

DIEGUES, Antonio. **O Mito Moderno da Natureza Intocada.** NUPAUB – Universidade de São Paulo. SP, 1994.

RECHIA, Simone. **Parques Públicos de Curitiba:** A Relação Cidade-Natureza nas Experiências de Lazer. Campinas, 2003.

TELES, Aldemir J. F. e col. A Freqüência dos Parques de Lazer na Cidade do Recife e o Perfil dos Seus Freqüentadores. In: **As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva – Actas (1991).** Porto, 1991.

Rua Uruguai, 202/204 Tijuca – Rio de Janeiro – RJ 20510-060

zenaidemariano@yahoo.com.br

OS SENTIDOS DA AVENTURA NO LAZER DE CAMINHANTES - PEREGRINOS DO CAMINHO DO SOL

Drª. Eliete Cardozo
LIRES-LEL - RJ - Universidade Gama Filho / Brasil
LEEFEL - UNISUAM -RJ / Brasil
Drª. Vera Costa
LIRES-LEL - RJ - Universidade Gama Filho / Brasil
Drª. Yara Lacerda
UNESA - RJ – Universidade Estácio de Sá

Resumo: *Pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida no campo do Imaginário Sócia, como os seguintes objetivos: 1) Investigar os sentidos da aventura de caminhar por lazer no imaginário de caminhantes-peregrinos que trilharam o Caminho do Sol. 2) Evidenciar os elementos simbólicos que emergem desses discursos e das imagens do percurso do Caminho do Sol. 3) Desvelar em que medida o caminhante-peregrino resgata o sagrado de sua própria natureza. Foram analisados nove depoimentos de caminhantes-peregrinos que percorreram o Caminho do Sol, utilizando a técnica de análise do discurso de Eny Orlandi. O Caminho do sol está localizado no interior de São Paulo, tem início em Santana do Parnaíba e termina em Águas de São Pedro. Trilhar esse caminho é mais do que uma caminhada, um trekking em momento de lazer: é trilhar o caminho do herói/aventureiro, do reencantamento, da reintegração corpo/espírito e da união com Deus.*

Introdução

O estudo teve como objetivo investigar os sentidos da aventura de caminhar por lazer no imaginário de caminhantes-peregrinos que trilharam o Caminho do Sol, evidenciar os elementos simbólicos que emergem desses discursos e desvelar em que medida o caminhante-peregrino resgata o sagrado de sua própria natureza.

A pesquisa tem características qualitativas, pois, segundo Bauer e Gaskell (2002), “lida com interpretações das realidades sociais” (p.23) e está baseado nos princípios do estudo de caso.

A amostra foi formada pelos depoimentos dos caminhantes bem sucedidos que concluíram o Caminho do Sol, colhidos no *site* http://www.caminhodosol.org/batepapo.htm.

Analisando os discursos dos caminhantes

Para analisar os discursos dos caminhantes-peregrinos elegemos a Análise do Discurso (AD) fundamentada na teoria de Orlandi (2001). Após o estudo dessa metodologia, observamos que ela

favorece a compreensão do discurso e possibilita emergir os efeitos de sentido que perpassam nas falas dos peregrinos.

O discurso e seus desdobramentos

- Discurso Heróico / Aventureiro

Ao demonstrarem a postura de herói e de aventureiros em seus relatos, através do sofrimento que vivenciaram por estarem longe dos familiares, do lar, ao caminharem debaixo do sol e da chuva, ao sentirem os seus corpos marcados pelas bolhas nos pés e pelas queimaduras do sol na pele, ao superarem o cansaço físico, mostram um intradiscurso em confluência com o interdiscurso, a memória. O que está sendo dito pelo caminhante-peregrino já foi dito por alguém em algum momento da história. O informante tem a ilusão de ser a fonte do que está dizendo, a realidade que viveu durante a caminhada. Mas não é bem assim, neste momento ele está retornando a sentidos pré-existentes. Assim, os caminhantes esquecem algo que já foi dito, e não é um esquecimento voluntário. Os sujeitos desse discurso se identificam com o que estão dizendo.

- O Discurso do Reencantamento

O discurso do reencantamento surge a partir da relação que o caminhante-peregrino mantém com a natureza. Ele refere-se à natureza como rainha, dengosa, doce, acolhedora, acariciadora e como aquela mãe que oferece presentes a seus filhos, mostrando, assim, os múltiplos sentidos que a natureza adquiriu ao longo do caminho.

Essa forma de referir-se à natureza nos remete a um discurso já dito, registrado na memória, experimentado no mundo encantado, período em que o homem se relacionava com a natureza contemplando-a, percebendo sua energia e vida, como um fato natural e pertencendo a si mesmo. Hoje o caminhante-peregrino que trilha o Caminho do Sol percebe essas mesmas sensações, mas não se remete aquele tempo. O ciclo se repete e o homem encontra um dos caminhos que o levam a se encantar através da natureza, que no mundo contemporâneo se reconfigura como reencantamento.

- Discurso de Reintegração Corpo / Espírito

Percebemos nos discursos dos caminhantes-peregrinos a reintegração espírito/corpo, já vivenciada em outro momento da história, no mundo encantado.

Esse discurso se reconfigura na atualidade com uma nova roupagem, assume as características do lazer/aventura, atrelado a contemplação da natureza. É interessante que esse acontecimento, paradoxalmente, não é vivido como o foi pelos eremitas. Hoje os caminhantes-peregrinos fazem com conforto de tecnologia, de equipamentos adequados e com infra-estrutura de hospitalidade ao longo do caminho.

E é nessa ambiência que contemplam a natureza e a sua sensibilidade aflora, fazendo-os lançar um novo olhar sobre si e a natureza, desvelando nessa relação o seu espírito.

- Discurso de União com Deus

Com os novos valores que vai descobrindo ao longo do caminho, descobre Deus na natureza, dentro de si, em todos e em tudo. O caminhante percebe esse momento como único e não associa o que está vivênciando com outros momentos vividos pela humanidade, com o mundo encantado.

O caminhante-peregrino alcança misteriosamente o lugar de humildade perante a natureza. Ele inicia a experiência do numinoso, sente o mistério que o revigora, que o faz sentir mais leve, mas humano, em sintonia com a natureza. Aflora o mistério fascinação. Finalmente as amarras que o prendiam ao cotidiano ficaram para trás, ele experimenta o sentimento de dependência em relação à natureza e a reverencia com humildade, alcançando o mistério que mantém o humano numa esfera de encantamento, de fascinação e de emoção íntima.

Foi preciso o caminhante-peregrino afastar-se dos valores de seu cotidiano, considerados inferiores, para contemplar o absoluto e transcendente. Observa-se que Deus sai da posição de centro do universo e é colocado no interior do caminhante-peregrino. As visões se mesclam e a relação do homem com Deus ganha um novo significado, dentro de si e na natureza que o cerca.

BIBLIOGRAFIA:

BAUER, M.W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático, 3. ed. Petrópolis: Vozes 2002.
BERMAN, Morris (1995). ***El reencantamento del mundo*.** Santiago: Cuatro Vientos.
COSTA, V. L. de M. (2000) **Esportes de aventura e risco na montanha**: um mergulho no imaginário social. São Paulo: Manole.
DESCHÊNES, G. (2002). *Pour une spiritualité du loisir*. ***Loisir et société / Society and Leisure***, Presses de I'Université du Québec, v. 25, n.1, p. 173-202.
DUVIGNAUD, Jean (1997). **El juego del juego**. Colômbia: Fondo de Cultura Econômica.
LACERDA, Y. (2001). **Saúde e espiritualidade na atividade corporal**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho.
LE BRETON, D. (1996). ***L'aventure***: *la passion des detours.* Paris: Autrement.
ORLANDI, E. P. (2001). **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes.
OTTO, R. (1992). **O sagrado**. Lisboa: Edições 70.
SERGIO, M. [S.D.]. **Para uma epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Compendium.
SIMMEL, G. (1988). ***Sobre la aventura*** – *ensayos filosóficos*. Barcelona: Edicions 62.
STEBBINS, R. (1992). ***Amateurs, professionals end serious leisure***. Montreal and Kingston: McGill Queen's University Press.
TILLICH, P. (1969). ***La dimension oubliè e.*** Bruges: Desclèe de Brouwer

Eliete Maria Silva Cardozo - eliet@terra.com.br
Rua Araguaia, 614 B. 02 / 303 - Jacarepaguá / RJ – Cep 22745-270
Vera Lúcia de Menezes Costa - veralmc@globo.com
Yara Lacerda - yaralacerda@mls.com.br

PRAIA E IMAGINÁRIO SOCIAL: UM OLHAR DOS ESPORTISTAS DE COPACABANA NO RIO DE JANEIRO

Julio V.Costa Neto*; Sidney R. Santos* , Vera L. M. Costa**
*Mestre em Educação Física e Cultura.
**Doutora em Educação Física e Cultura.
Lires-LEL - PPGEF/UGF

Resumo : *O objetivo desse estudo é compreender o imaginário social dos esportistas da praia de Copacabana. Foram analisados discursos de praticantes de futevôlei, peteca de praia, vôlei de praia, frescobol. Para os esportistas, a praia de Copacabana se apresenta como um território, a praia faz o elo entre eles e se constitui num lugar de comemoração esportiva, onde se celebram mistérios, encontros, reuniões, reconhecimentos mútuos e, pelo partilhamento de afetos e das emoções comuns, conhecem a si mesmos, seus limites, suas potencialidades. Trata-se de um altar da atualidade, como diz Maffesoli (2000) um espaço de socialidade consolidado pelo amálgama cultural que abriga as tribos dos esportistas.*

Introdução

A prática de esportes e de atividades físicas em geral, como lazer, ao longo das praias da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, desempenha funções importantes no desenvolvimento pessoal dos praticantes e na construção da identidade cultural da cidade. Homens e mulheres, crianças, jovens, adultos, idosos, portadores de deficiência, desfrutam dessas práticas e de encontros nesse cenário, lá se reunindo, principalmente nos finais de semana, para tomar banho de sol ou caminhar, correr, patinar pelas calçadas, jogar futebol, voleibol, futevôlei, peteca, futebol americano, frescobol nas areias da praia.

O significado social da praia, dotada de sentido referente à saúde, associada ao atrativo medicinal dos banhos de mar, data do início do século XX (Araújo, 1993). A partir daí ganhou

também o sentido prazer e, com o tempo a valorização das atividades físicas, do esporte e da resistência física, o que também modificou a mentalidade das pessoas em relação ao corpo (Costa,1995; Costa, Costa, Salles E Silva, 1996; Costa, 1997; Costa, Figueiredo, Silva, 1997; Costa, Tubino,1997; Costa,Tubino, 1998; Costa, 2004).

Praticar um esporte na praia pode funcionar em nível grupal como elemento definidor da identidade coletiva, permitindo elaborar a singularidade cultural do grupo esportivo.

O ambiente da praia de Copacabana

A praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, desfruta no imaginário social o título de uma das mais famosas praias do mundo. Inicialmente um grande areal deserto, transmutou-se em centro de banhos de mar para a saúde no século XIX e início do século XX, passando a centro de lazer, inclusive com práticas de esportes de praia. Freqüentada pelos cariocas, um estado de espírito daqueles que a freqüentam (lúdico, forte, otimista e bem humorado), como diz Fernando Sabino (2001), a praia de Copacabana viabiliza um ambiente, de todos os dias da semana parecerem domingos ou feriados.

O desenvolvimento de atividades esportivas é um aspecto significativo na simbiose que se estabelece entre a praia e seus freqüentadores. Modalidades esportivas adaptadas à areia, são ali desenvolvidas: futevôlei, futebol de praia, vôlei, futebol americano, handebol, frescobol e peteca.

Considerações Finais

Focalizar o olhar sobre a praia, é entendê-la “como um espaço onde a valorização das dimensões humanas, que é a função social do esporte, se faz presente” (Costa & Tubino, 1998, pg. 27). Neste sentido, a praia se constitui mais que um lugar, constitui-se num verdadeiro altar (Maffesoli, 2004; Costa Neto, 2005), onde cotidianamente são celebrados os rituais de exposição dos corpos seminus banhados de sol e mar, que se expressam pelas diversas atividades esportivas de lazer que lá são desenvolvidas. Por meio dessas atividades, os laços afetivos se estabelecem, se solidificam e perduram ao longo de um tempo indeterminado, revestindo Copacabana de uma aura

estética (Maffesoli, 2000). Os jogos esportivos de praia têm características peculiares. Seus praticantes somam um misto de descontração e de encontro de diversidades, os indivíduos podem exercer suas condições de antagonista ou de protagonista, suas possibilidades de recriar, de reinventar, de deixar fluir sonhos e desejos.

A praia de Copacabana, para os esportistas, se apresenta como um território, a praia faz o elo entre eles e se constitui num lugar de comemoração esportiva, onde se celebram mistérios, encontros, reuniões, reconhecimentos mútuos e, pelo partilhamento de afetos e das emoções comuns, conhecem a si mesmos, seus limites, suas potencialidades. Trata-se de um altar da atualidade, um espaço de socialidade consolidado pelo amálgama cultural que abriga as tribos dos esportistas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. M. B. (1993). *A vocação do prazer: a cidade e família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco.

ARRIBA, C. G. (2000). La difusion social y especial del modelo balneario: de la innovacion médica al desrrolo de las práticas de ocio. Scripta Nova, Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales. Universidade de Barcelona, n. 69 (40), 1 de agosto. http/www.ub.es./geocrit/snt35.htm. Acesso em 16 de dezembrode2003.

COSTA, V. L. M. (2004). Espaço lúdico na praia: a aventura de praticar esporte como lazer. In *Professor de Educação Física: Ofícios da Profissão.* Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, p. 225-234.

COSTA, V. L. M.; Garrido, F.; Costa Neto, J. V. (2004). Esportes de praia. In *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape Editora e Promoções, p. 463-465.

COSTA, V. L. M. & Tubino, M. J. G (1997). Esportes praticados na areia da praia: estudo do futebol, do frescobol e da peteca. *Artus – Rev. Ed Fís.Desp*, v.13, nº 1, p.121-122.

COSTA NETO, J. V. (2005). *The "Game of the Game" of Footvolley as leisure in Rio de Janeiro's Copacabana Beach.* In: Congresso Internacional de Educação Física – FIEP.Foz do Iguaçu: FIEP,2005. v.75, p.654-657.

MAFFESOLI, M. (2004). *Notas sobre a pós-modernidade: O lugar faz o elo.* Rio de Janeiro: Atlântica.

MELO, V. A de. (1996). "O esporte no contexto cultural do Rio de Janeiro do final do século XIX - um projeto de pesquisa". In: RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes (org.). *Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte, UFMG.

_____. (1998ª). "Posibles representaciones sobre el turf en la sociedad carioca del siglo XIX", *Revista Lecturas: Educacion Física Y Deportes*, Buenos Aires, ano 2, n. 9.

_____. (1998b). "Remo, a modernidade e Pereira Passos: relações no Rio de Janeiro da virada do século". In: VOTRÉ, Sebastião Josué (org.). *Coletânea do VI Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Rio de Janeiro, UGF.

SABINO, F. (2001). *Livro aberto*. Rio de Janeiro: Record.

VIGARELLO, Georges. 1988. *O limpo e o sujo. A higiene do corpo desde a Idade Média*.

Julio V.Costa Neto. juvicone@globo.com

R. Mariz e Barros n.470 ap. 507 – Tijuca – Rio de Janeiro

Sidney, R. Santos sdsportes@yahoo.com.br

Vera L. M. Costa veralmc@globo.com

R. Sousa Lima, 185 ap 402 – Copacabana – Rio de Janeiro - Cep 22081- 010

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE AR LIVRE: PRAZER EM CONHECER

Andréia Silva – professora da ESFA
Moacyr Ennes Amorin – professor da ESFA
Luciana Gomes Feranandes – professora ESFA
Pollyana Hoffmann Gums – Acadêmica ESFA

Resumo: *O presente artigo visa refletir sobre as atividades do Núcleo Universitário de Ar Livre (NUAr), da Escola Superior São Francisco de Assis (ESFA), o qual objetiva debater e desenvolver as Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCAN's) sobre o prisma educacional. Ao longo de seus 3 anos o NUAr tem difundido as PCAN's na região centro-serrana do Estado do Espírito Santo através de eventos, palestras, intervenções em escolas e pesquisas. Embora o Estado seja ainda iniciante no que tange ao investimento das PCAN's, sua potencialidade no desenvolvimento de tais atividades tem se mostrado promissor para o profissional de Educação Física que busque trabalhar em tal área através de uma equipe multidisciplinar.*

A ORIGEM

Atualmente verifica-se uma crescente procura pelas Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCAN's). Devido a essa procura, cresce igualmente o número de profissionais envolvidos nessa temática, seja por questões mercadológicas ou educacionais.

Nesse contexto, voltamos nossos olhares para a cidade de Santa Teresa, a qual possui cerca de 40% de sua cobertura natural preservada, o que atribui a ela uma condição ímpar para o desenvolvimento das PCAN's.

É necessária, no entanto, uma formação consciente e comprometida com os agentes envolvidos nessa área. Atrelada a essa discussão, torna-se preciso, implementar vivências de qualidade para os sujeitos participantes. Diante disso, a ESFA, através de seu curso de Educação Física nos anos de 2002 e 2003 buscou propiciar diversas vivências em ambientes naturais para seu

corpo discente e a comunidade teresense. Paralelo a essas iniciativas, observamos o crescente número de pessoas que realizam práticas de rapel, trekkings, mountain bike e eventos/vivências de educação ambiental nas áreas naturais e Reservas de Santa Teresa.

Baseados na apresentação desse quadro, verificamos a necessidade de uma maior sistematização das PCAN's. Assim, surgiu a idéia da formação de um núcleo que aglutinasse as proposta para o Lazer e Educação Ambiental ao ar livre, fornecendo parâmetros norteadores para os profissionais que lecionam nessa área, através de um processo conjunto de construção de idéias e formação de conhecimento. Perante essas reflexões propusemos a estruturação do Núcleo Universitário de Ar Livre do ESFA (NUAR).

A proposta pedagógica do NUAR é baseada na concepção do Movimento de Escoteiros do Brasil (UEB), nas reflexões de Paulo Freire e Edgar Morin, nas propostas de Educação Ambiental e nos códigos de ética e legislação do meio ambiente.

Buscamos assim, a formação holística de todos os envolvidos no processo, não nos limitando a um saber técnico dicotomizado de uma reflexão aprofundada e comprometida com a questão ambiental.

UM POUCO DE NOSSO TRABALHO

Desde sua origem o NUAr busca divulgar as PCAN's na região centro-serrana do Espírito Santo através de eventos, intervenções, palestras e pesquisas. Para tanto, tem parceira com o curso de Educação Física da ESFA o qual possui a disciplina Práxis dos Esportes de Aventura que proporciona conhecimentos teórico/práticos sobre tais atividades. Com tais conhecimentos e cursos específicos promovidos pelo NUAr os acadêmicos atuam com essas atividades na perspectiva da educação pela aventura, atrelando-as a metodologias de Educação Ambiental, através da infra-estrutura artificial pertencente a ESFA, que simula atividades de rapel, escalada esportiva artificial, arvorismo, trekking e corridas de orientação. Essa infra-estrutura possibilitou atrelar ao NUAr os

projetos ESFA na Minha Escola e ESFA Portas Abertas[13], além de pesquisas que resultam em artigos monográficos de final de curso e artigos científicos publicados em vários congressos a nível nacional.

CONTINUANDO A CAMINHAR

Atuar na área das PCAN's faz-se ao mesmo tempo prazeroso e também desafiador. Prazeroso porque fazemos o que acreditamos ser um meio de auxiliar na questão ambiental, na formação de valores, emoções e sensações que podem culminar em um novo significado que ultrapasse os modismos impostos pela sociedade atual. O desafio por sua vez, encontra-se atrelado a necessidade constante de atuação e estudos trazidos no bojo dessas atividades, desde seu processo de regulamentação, até suas possibilidades educacionais. Assim, somos levados a buscar a cada dia esforços conjuntos com outras instituições ou profissionais, o que muitas vezes não se mostra uma tarefa fácil dada a forma primária que o Estado e as demais Instituições do Espírito Santo tratam as PCAN's. No entanto, acreditamos serem as PCAN's muito mais que uma forma promissora de trabalho, mas sim, um meio de sensibilizar e de fazer mudar nossa postura sobre a questão ambiental, nesse sentido, os esforços do NUAr através da atuação de seus monitores tem muito a contribuir para o engrandecimento do Estado em tal área.

REFERÊNCIAS

MARINHO, Alcyane. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidades de resistência. *In*:_____; BRUNHS, Heloísa Turini (organizadoras). **Turismo, lazer e natureza.** São Paulo, SP: Manole, 2003.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini. **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. Baueri: Manole,2006.

[13] O primeiro projeto visa o desenvolvimento das PCAN's através de suas estruturas artificiais em escolas e cidades da região e, o segundo visa abrir ao mesmo público o espaço da ESFA para a vivência em tais atividades.

MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. **À sombra das árvores** – transdisciplinariedade e educação ambiental em atividades extraclasse. São Paulo, SP: Chronos, 2003.

Parâmetros Curruiculares Nacionais: Educação Física / Secretaria de educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

INÀCIO, Humberto Luis de Deus et.*al*. Bastidores das práticas de aventura na natureza. *In:* SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara R. (org.). **Práticas Corporais –** volume II. Florianópolis: Navemblu Ciência e Arte, 2005.

Andréia Silva
Rua das Petúnias, 44, Jardim da Montanha
Santa Teresa-ES
CEP: 29650-000
malukafef@hotmail.com
27-9974-6044

NATUREZA E AVENTURA: A MÍDIA E SEUS MITOS

Marília Martins Bandeira
Bacharel em Educação Física pela Universidade de São Paulo,
Pós-graduanda em Comunicação Social pela Fundação Cásper Líbero

Resumo: *São crescentes no cenário cosmopolita as possibilidades de atividades místicas, composições esotéricas, cultos à natureza e práticas corporais não institucionais. Este conjunto de ações simbólicas determina formas de existir e transformações da realidade de nossas sociedades. O presente estudo considera a influência direta da comunicação de massa na construção cultural e manutenção social destas práticas. Propor uma análise crítica da construção mitológica da aventura e da natureza por parte da mídia, decifrar esta fala, implica reconhecer no mito antes um conjunto de valores que pode revelar formas de compreender a sociedade que o produz e depois uma maneira de se proferir uma mensagem, muitas vezes mercadológica. A aventura como trajetória, expedição, perde hoje seu valor original, mas esportivizada ou identificada em mercadorias, alimenta o mito, conserva vida esvaziada, empobrecida. E a desmistificação é com certeza um caminho para a emancipação contemporânea face à corrida da informação e do consumo.*

INTRODUÇÃO

Se, em um passado recente o conceito de natureza proposto pelas atividades de aventura esteve atrelado a ações sociais transformadoras e seus adeptos dispostos em grupos restritos, atualmente, com a incorporação destes conceitos pela mídia, divulgados em larga escala, grupos humanos cada vez mais numerosos e variados passam a buscar - ou comprar - na natureza a reconciliação com o mistério da vida.

Não há dúvidas de que estas atividades, expondo os corpos construídos nas cidades à situações inusitadas, demandam o uso de sentidos não muito solicitados usualmente e proporcionam sensações intensas, incitando novas formas de relacionar-se com o mundo, um mundo sensorial.

E, se pensarmos o lazer como tempo de transformação social e as atividades na natureza e de aventura como promotoras de consciência ecológica e de revalorização das ações humanas, encontramos na sua prática grande potencial pedagógico, já tratado em diversos outros estudos.

Entretanto, pouco se considera os efeitos que produzem as informações veiculadas pelos meios de comunicação de massa, com maior atenção aos conteúdos da publicidade, nas motivações, condições e significações da prática de tais atividades no contexto da Educação Física, Esporte e recreação.

OBJETIVO

Analisar criticamente a apropriação do discurso do retorno á natureza e da exaltação à aventura pela mídia, com maior atenção aos conteúdos do jornalismo esportivo e da publicidade.

MÉTODO

A reflexão teórico-crítica será estruturada com base nos referenciais da mitologia contemporânea e dos estudos da aventura.

RESULTADOS

Confrontar os significados plenos das práticas, encontrados no imaginário de praticantes pioneiros e obstinados[14] com a apropriação da natureza e o uso do conceito de aventura em larga escala por parte da mídia, faz transparecer sua mistificação.

Embora reconheça o mito como parte integrante e indissociável da existência humana, representação coletiva das nossas sociedades, também reconheço a indicação de Barthes (2001), de que a produção de mitos contemporâneos é dada através da mídia.

---

[14] expostos nos estudos *Esportes de Aventura e Risco na Montanha, um mergulho no Imaginário* (Costa, 2000), *Viciado no perigo* (Wickwire & Bullit, 2000), *O imaginário no Rafting, uma busca pelos sentidos da aventura, do risco e da vertigem* (Sousa, 2004), *Ecoturismo e Caminhada, na trilha das idéias* (Brhuns, 2006), *El skate urbano juvenil. Una práctica social y corporal en tiempos de la resignificación de la identidad juvenil chilena* (Améstica, Clavería, Etchepare, & Montoyya, 2006) e *Imaginário e Cultura do surfe* (Bandeira, *artigo submetido*).

O mito tradicional seria uma forma de explicar o inexplicável, uma fala que espelha contradições, dúvidas e inquietações, um enigma de desafiante sabedoria, um gênero de narrativa vivo e atuante na prática social (Rocha, 2006).

E, para Barthes (2001), mito é um sistema semiológico, um discurso através do qual uma forma existencial se perpetua. A narrativa mítica distorce o dado a seu favor, mas não é essencialmente uma mentira, é uma inflexão, uma leitura de determinada época e grupo social. É um processo causal que naturaliza conceitos, oculta sua contingência histórica, reduz a dimensão de seu significado a uma imagem, a uma ação excessivamente justificada.

Com o advento da imprensa, uma fala pode ser posta, em larga escala, a serviço de uma ideologia. Os mitos, não mais elaborações arcaicas, são provocações de comportamentos que levam ao consumo. E o consumidor de mitos está também aí para a mídia esportiva e as ofertas do lazer.

Barthes (2001), afirma que tudo pode constituir um mito. Mas, no que se refere ao Esporte, é recorrente o fato de que histórias de vida são expostas através da quebra de recordes e prodigiosos gestos, e fazem de um indivíduo um mito, alvo de projeção e identificação utilizado pelo marketing.

Os esportes de aventura e risco na natureza têm ganhado espaço na mídia em princípio com uma nova proposta, a do confronto não com um adversário, mas com o cenário espetacular do ambiente natural e o inesperado que incita possibilidades mais acrobáticas para o corpo e estende as limitações humanas.

Contudo, é observado que a nova proposta é esvaziada de seus valores mais contundentes e tem o apelo da natureza apenas como pano de fundo para a manutenção dos mesmos valores esportivos de meados do século XX.

Na publicidade, o mito da aventura, da aceitação de uma jornada inusitada, é encontrado como apelo ao consumo dos mais variados produtos: no achocolatado em pó que dá energia para o enfrentamento dos desafios mais radicais; na pasta de dentes que nos oferece um sorriso tão intenso quanto o dos praticantes de atividades de aventura, tais como o *jet ski* e o esqui aquático; na bolacha que é capaz de complementar a sensação gratificante e única de uma árdua escalada em paredão de

gelo, e que é consumida ali mesmo, entre mosquetões, cordas e abismo; na pilha de um coelho atleta cor-de-rosa que não falha e não se submete ao esgotamento durante um longo trajeto de uma suposta corrida de aventura; e na satisfação do homem da cidade em usar um carro que faz com seu design *trail*, *adventure*, *cross* ou *off road*, com que ele se sinta o próprio aventureiro em plena rotina de trabalho, no meio da selva de pedra.

O consumidor de mitos vive o mito como história verdadeira, como intenção real, acredita inocentemente na grandeza de sua proposta e naturaliza-o, alcançando-o através da aquisição de produtos que trazem em si sua identificação.

CONCLUSÃO

O público consumidor de atividades de aventura ainda não parece ser de massa, mas o estímulo à incorporação destas atividades está posto ao grande público através de sua divulgação pelos eventos esportivos e publicidade, e há a possibilidade de que seus elementos sejam apreendidos mais como produto de consumo do que como intenção transformadora.

Independentemente de proferirem seus valores e conceitos, as mensagens da mídia têm a forma da aventura. A negligência a seu significado reduz a idéia à sua forma, destorce o objeto, ressaltando apenas a maneira como se profere a mensagem.

Diante disto, empreender aqui uma reconciliação com real, baseada em uma concepção responsável da linguagem, que procura desvendar alienações, como queria Barthes para o mitólogo, corresponde a concluir que há um processo de renovação simbólica em relação à natureza e à aventura na mídia, que restringe suas possibilidades e conceitos ao seu uso mercadológico.

REFERÊNCIAS

AMÉSTICA, M., CLAVERÍA, A., ETCHEPARE, G. & MONTOYA, L. El skate urbano juvenil. Una práctica social y corporal en tiempos de la resignificación de la identidad juvenil chilena. In: **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v.28, n.1, p. 9-38, set. 2006.

BANDEIRA, M. **Imaginário e Cultura do Surfe**. *(artigo submetido à Revista Brasileira de Educação Física).*

BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRUHNS, H. Ecoturismo e caminhada: na trilha das idéias. In: MARINHO & BRUHNS (orgs.) **Viagens, Lazer e Esporte. O espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006.

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco na montanha. Um mergulho no imaginário**. São Paulo: Manole, 2000.

ROCHA, E. **O que é mito**, São Paulo: Brasiliense, 2006.

SOUSA, F. **O imaginário no rafting, uma busca pelos sentidos da aventura, do risco e da vertigem**. São Paulo: Zouk, 2004.

WICKWIRE, J. & BULLIT, D. **Viciado no perigo**. São Paulo: Manole, 2000.

Marília Martins Bandeira: ma_martins10@yahoo.com.br
Alameda Jundiaí, 235 – Residencial 4, Alphaville
Santana de Parnaíba, São Paulo

MERGULHO AUTÔNOMO RECREATIVO ADAPTADO: UMA OPÇÃO DE LAZER E AVENTURA

Lucia Helena Monteiro Sodré (PPGEF/UGF).
Professora Doutora Vera Lúcia de Menezes Costa (PPGE/UGF – Orientadora).

Resumo: *O mergulho autônomo recreativo adaptado é uma opção de lazer e aventura, também, para pessoas com deficiência. É uma oportunidade para o mergulhador com deficiências física, visual ou audiovisual, poder explorar, conhecer, apreciar e se encantar com a beleza e riqueza da vida marinha. Mergulhar é poder sentir na alma a magnitude da vida, é poder compartilhar com o mundo submarino e terrestre, ciente de que deficiência não é necessariamente um impedimento para alguém deixar de vivenciar as aventuras e a beleza da vida no cotidiano de sua existência e com os seus companheiros de mergulho pelos oceanos do planeta terra. Palavras-chave: lazer, mergulho, adaptado.*

Este trabalho é fruto do estudo desenvolvido durante o curso de mestrado, sobre o mergulho autônomo recreativo adaptado, que está vinculado à linha de pesquisa Esporte, Aventura e Ludicidade nos Esportes na Natureza e na Zona Urbana, no grupo de pesquisa Imaginário Social em Ludicidade, Esporte e Lazer, na vertente dos estudos de Aventura e Risco nos Esportes na Natureza, no curso de mestrado em Educação Física, da Universidade Gama Filho, sob a orientação da professora Vera Lúcia de Menezes Costa.

Nosso trabalho objetivou identificar os sentidos de lazer, de aventura e de risco que emergem dos discursos de mergulhadores autônomos com deficiências física, visual e audiovisual, bem como, desvelar as crenças sobre deficiência e sobre pessoas com deficiência que emergem do imaginário social de mergulhadores autônomos com deficiências física, visual e audiovisual.

Esta pesquisa tem natureza qualitativa e interpretativa e, dessa forma, a história oral e a hermenêutica, são as estratégias metodológicas utilizadas.

O mergulho autônomo recreativo adaptado é uma opção de lazer e aventura, também, para pessoas com deficiência. No mergulho adaptado, fica evidente que uma pessoa com deficiência

visual ou surdocegueira pode explorar, conhecer, apreciar e se encantar diante da vida encontrada no fundo do mar, independentemente de não ver através da forma convencional (visão), mas sim, a partir do momento do toque, da captação dos sons, através da comunicação; isto é; da sua própria forma.

Também expõe a evidência, que a imobilidade, no caso de algumas pessoas com deficiência física; tetraplegia, por exemplo, não representa necessariamente, impedimento para as diversas possibilidades de experiências na vida, inclusive, mergulhar, pois, certamente, para todas as dificuldades, existem soluções, e para todas as limitações, adaptações. Os impedimentos poderão não existir quando as pessoas estão dispostas a descobrir, juntas, a melhor forma de alcançar o que desejam.

Ao pensarmos no mergulho adaptado, podemos visualizar o mergulhador com deficiência realizando uma atividade adequada e ajustada, sempre que necessário, às necessidades inerentes à sua condição de pessoa com alguma deficiência. Este mergulhador deverá estar harmonizado com ele mesmo, com os seus equipamentos, com o companheiro de mergulho, com o ambiente antes, durante e após a atividade. O turismo submarino poderá ser praticado em praia ou embarcado nos diversos locais para tal prática.

Encontramos no mergulho autônomo adaptado uma atividade de lazer que proporciona a vivência da cooperação, o autoconhecimento, o autocrescimento a auto-realização, o prazer, o divertimento, a satisfação pessoal o relaxamento físico e mental e a oportunidade de sociabilidade.

Ao mergulharmos com diferentes mergulhadores autônomos com deficiência, podemos testemunhar o fazer com desprendimento e a experiência encantadoramente poética dos mergulhadores ao captarem a realidade do mundo submerso que os cercam. Explorar, conhecer e apreciar os elementos da natureza com prazer, com riqueza de vida durante o mergulho é a gratuidade do fazer. Observamos que o mergulho autônomo adaptado pode propiciar uma troca de gestos recíprocos com a natureza: o mergulhador submerge e interage com respeito, zelo, prazer, com as diferentes formas de vida encontradas durante o mergulho. Observamos mergulhadores que manifestam sentimentos de intensa emoção e encantamento diante da natureza submersa.

Variadas sensações e percepções acontecem com os mergulhadores durante o mergulho autônomo adaptado. Eles poderão sentir e perceber, por exemplo, as variações da profundidade e da temperatura da água, a resistência da água ao se deslocarem, sobretudo contra uma correnteza, a flutuabilidade positiva, neutra ou negativa do seu corpo ou a do corpo do seu companheiro de mergulho dentro da água. Poderão ouvir os sons da inspiração e expiração submersa, das embarcações, das baleias e dos golfinhos.

Poderão perceber e sentir os diferentes movimentos corporais executados de forma compartilhada ou não, as formas e cores da fauna e flora submersas, inclusive, os mergulhadores com deficiência visual sempre que possível, entre outras sensações e percepções inerentes a prática do mergulho autônomo adaptado.

O mergulho autônomo adaptado pode ser um valioso meio para o homem estreitar os seus laços com a natureza e poder, através dessa prática, reencontrar ou despertar em sua alma a sensibilidade das pequenas grandiosas emoções. Se observarmos o momento exato que antecede a entrada na água do mergulhador autônomo com deficiência, todo equipado, concentrado para executar as técnicas corretas para uma eficiente entrada (de forma compartilhada ou não), poderemos enxergar o momento que antecede a conquista do mundo submerso e, após a entrada, no instante o qual a descida é iniciada (de forma compartilhada ou não), poderemos ver quando se inicia a conquista desse mundo. O mergulhador e o(s) seu(s) companheiro(s) de mergulho alcançam o fundo do mar ou a meia-água e procuram explorar a exuberante vida subaquática e desfrutar do turismo submarino.

Chegamos ao final dessa navegação no mundo do mergulho adaptado e, independentemente de ser ou não uma pessoa com deficiência, pensar no homem enquanto ser indivisível; não desconectado de sua união com o cosmos, com a natureza, que consideramos uma manifestação da infinita sabedoria e amor divinos, é enxergá-lo plenamente envolvido no oceano da vida, rumo à realização de seus sonhos preenchidos pela diversidade de cores e aromas de sua existência; certamente, divina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, F. L. ; RIBEIRO, G. L. A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo. In: BRUHNS, H. T. ; SERRANO, C. M. T. (org.). **Viagens à natureza:** turismo, cultura e ambiente. Campinas: Papirus, 1997, p. 27-42.

BRUNHS, H. T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: BRUHNS, H. T. ; SERRANO, C. T. (org.). **Viagens à natureza:** turismo, cultura e ambiente. Campinas: Papirus,1997. p. 125-140.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CAVALCANTI, R. **Mitos da água:** as imagens da alma no seu caminho evolutivo. São Paulo: Cultrix, 1997.

CHEVALIER, J. ; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

COSTA, V. L. de M. **Esportes de aventura e riscos na montanha:** uma trajetória de jogo com limites e incertezas. Tese de doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação Física. Rio de Janeiro: UGF, 1999.

COSTA, V. L. de M. O sagrado nos esportes de aventura e risco na natureza. In: VOTRE, Sebastião (org.). **Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer.** Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001, p. 163-172.

DIEGUES, A. C. S. As áreas naturais protegidas, o turismo e as populações tradicionais. In: BRUHNS, H. T. ; SERRANO, C. T. (org.). **Viagens à natureza:** turismo, cultura e ambiente. TOLEDO, C. M. ; BRUHNS, H. T. (org.). Campinas: Papirus,1997. p. 85-102.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, N. T. Olhares sobre o corpo e imaginário social. In: VOTRE, S. (org.). **Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer.** Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001. p. 13-44.

GATACRE, J. A. F. **Instructor manual.** San Clemente: HSA, 2000.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

LAPLANTINE, F. ; TRINDADE, L. **O que é Imaginário.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

MAFFESOLI, M. **Os tempos das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização.** 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003a.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação.** 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003b.

MARTINS, V. **A aventura do mergulho.** São Paulo: Callis, 1991.

RIBAS, J. B. **O que são pessoas deficientes?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense,1994.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. 5. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

SILVA, J. M. da. **As tecnologias do imaginário.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

SOUSA, J. B. de. **O que vê a cegueira?** Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, n. 16, p. 18-19, ago. 2000.

TEIXEIRA, M. C. S. A dinâmica do imaginário e a trajetividade da cultura: re-significando o social. In: VOTRE, S. (org.). **Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer.** Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001. p. 57-72.

Rua Sousa Lima 397/302. Cep. 22081-010. Emails: luciasodre@terra.com.br veralmc@globo.com

ATIVIDADES DE AVENTURA: CONTEÚDO A SER RECONHECIDO PELA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Rodrigo Soares Lima
Graduando em Educação Física pela UNIVALE
Nizier Corrêa de Resende
Graduando em Educação Física pela UNIVALE
Kássio Vinicius Castro Gomes
Mestrando em Lazer CELAR/UFMG
Raquel de Magalhães Borges
Mestranda em Educação pela PUCMINAS

Resumo: *A Educação Física vem se legitimando enquanto área de conhecimento através das manifestações da cultura corporal. No entanto, ainda hoje, a distância entre o conhecimento historicamente produzido pela área e o conhecimento reconhecido pelos profissionais da Educação Física apresentam-se como determinantes na quantidade e qualidade dos conteúdos da Educação Física ofertados aos sujeitos. Na última década, as Atividades de Aventura conquistaram uma grande projeção na mídia de massa e no mercado, sendo absorvidas de forma consumista por grande parte da população. Assim, como ao longo da historia da Educação Física, fica a cargo de um grupo de profissionais a árdua tarefa de estudar sistematizar, planejar e implementar estas práticas contemporâneas. Aos profissionais de Educação Física, conscientes do árduo caminho a percorrer, cabe o envolvimento, qualificação e aperfeiçoamento neste campo, contribuindo, assim, para a ruptura de paradigmas, legitimando e consolidando como área a ser conhecida e reconhecida pela sociedade.*

A Educação Física vem se legitimando enquanto área de conhecimento através das manifestações da cultura corporal, como: danças, jogos e brincadeiras, capoeira, lutas, esportes, ginásticas. No entanto, ainda hoje a distância entre o conhecimento historicamente produzido pela área e o conhecimento reconhecido pelos profissionais da Educação Física apresentam-se como

determinantes na quantidade e qualidade dos conteúdos da Educação Física ofertados aos sujeitos (CASTELLANI FILHO, 2002).

A escola consiste em um reflexo dos conflitos e das dinâmicas sociais, políticas e culturais, sendo seu cotidiano um universo passível à troca de conhecimentos, ensino e aprendizagem. O principal meio de acesso aos saberes sistematizados das diversas áreas de conhecimento é a educação formal, não obstante ela configura-se como a grande responsável por universalizar os saberes da Educação Física.

Porém, é notória a presença nas ultimas décadas como conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física os esportes coletivos como basquete, voleibol, futebol/futsal e handebol, sendo muitas vezes tratados de forma a reproduzir e consequentemente reforçar os processos de alienação, competição e exclusão comuns à sociedade contemporânea.

Na última década as Atividades de Aventura, também socialmente conhecidas e denominadas por alguns autores de esportes de aventura, esportes radicais, esportes de risco, entre outros termos, conquistaram uma grande projeção na mídia de massa. Essas práticas, ainda vistas como diferentes dos esportes tradicionais, vem se adequando ao mercado como produto da indústria cultural e pactuada com a mídia de massa sendo absorvida de forma consumista por grande parte da população.

Se cabe a escola a reflexão crítica da realidade, é papel da Educação Física escolar possibilitar o acesso a estas praticas de aventura de forma a desmistificá-las, historicizá-las e adequá-las á realidade escolar e social.

Nesse sentido, justifica-se a importância das Atividades de Aventura como conteúdo a ser reconhecido pelos profissionais da Educação Física, por se tratarem de temas pertinentes ao cotidiano dos jovens, devendo ser abordadas nas aulas como conhecimento a ser difundido de forma crítica e reflexiva, rompendo com o mero consumismo alienado.

Diante deste cenário, a Educação Física escolar não pode negligenciar esse debate, pois, seus alunos bem como o conjunto da sociedade estão expostos ao consumo e consumismo dos produtos

relacionados a estas praticas, sejam através de filmes, roupas, acessórios, peças publicitárias e até mesmo atitudes.

Considerando assim todo um potencial educativo das Atividades de Aventura, que além de possibilitar uma infinidade de situações corporais, de âmbito sócio, psíquico e fisiológico, as Atividades de Aventura possuem grande importância pedagógica pelo seu potencial interdisciplinar, articulados por temas como esporte , meio ambiente, qualidade de vida, lazer, risco, comportamento, espaço e lugar; internalizando normas, valores e atitudes construídas pela sociabilidade geradas pelo sujeitos envolvidos nas vivencias, como aponta Javier Betrán.(1995).

Assim os profissionais da Educação Física ao reconhecerem como legitimo o campo das atividades de aventura, estarão contribuindo com a formação de seus alunos, apresentando e ampliando seus conhecimentos acerca das práticas esportivas, para além do consumismo alienado de produtos, gestos e atitudes.

Considerações finais

Diante desse cenário em que as Atividades de Aventura se consolidam por intermédio dos meios de comunicação de massa acompanhando a lógica do mercado, surge uma série de equívocos conceituais com relação a riscos, elitismo e o próprio sentido de Aventura. Tais equívocos, causados pelo desconhecimento a cerca destas atividades, provocam resistência por parte das escolas e dos seus profissionais em inserir-las como conteúdo a ser reconhecido nas aulas de Educação Física.

Assim, como ao longo da historia da educação Física, fica a cargo de um grupo de profissionais, hora chamados de loucos, hora de irresponsáveis, a árdua tarefa de estudar sistematizar, planejar e implementar estas práticas contemporâneas. Tarefa histórica, por vezes utópica, por hora real, que tanto contribuem para o desenvolvimento e consolidação da aérea. Aos profissionais de Educação Física, conscientes do árduo caminho a percorrer, cabe o envolvimento, qualificação e aperfeiçoamento neste campo, contribuindo assim para a ruptura de paradigmas, legitimando e consolidando como área a ser conhecida e reconhecida pela sociedade.

Referências Bibliográficas:

CASTELLANI FILHO, Lino. **Política Educacional e Educação Física**: Polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Autores Associados, 2002. 93p.

BETRÁN, Javier O. **"Las Actividades Físicas de Aventura en la Naturaleza: análisis sociocultural"**. In: Apunts. Educación Física y Deportes. Barcelona, n. 41, 1995, p.5-8.

Rodrigo Soares Lima
Av. Minas Gerais, N° 1004, centro – Governador Valadares / MG
Cep.: 35000-000
E-mail: digao_soareslima@hotmail.com

ATIVIDADES DE AVENTURA: LAZER E EDUCAÇÃO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

NABETA, Newton Norio – Mestrando Ed. Física – UNIMEP/ GPL
SAMPAIO, Tânia Mara Vieira – Docente Mestrado Ed. Física – UNIMEP / GPL

Resumo: *Através de revisão bibliográfica pretendemos colaborar em entendimentos das atividades físico-esportivas em unidades de conservação (UCs) como conteúdos do lazer e da educação. Reunindo conceituações sobre os temas, identificamos características e princípios que os unem, justificando-os como domínio da Educação Física. Citaremos práticas em curso e novas propostas. A Educação Física deve rever e ampliar seus conteúdos para trabalhar efetivamente, aplicando conhecimentos de sua competência. Atuando educacionalmente, transformando o indivíduo, então a natureza. Somente após alterar a forma como as pessoas se percebem, estas saberão valorar questões exteriores. Uma forma de mostrar as inter-relações dos seres vivos e o mundo abiótico ao indivíduo, de sensibilizá-lo, é "senti-los na pele", em contatos diretos. Através das atividades físico-esportivas em UCs. Aonde, pelo convívio com outros seres vivos e/ em ambientes naturais, cria-se o afeto. O fascínio e o amor. E conseqüente respeito. A si próprio, aos outros seres e ao nosso mundo.*

INTRODUÇÃO

A proposta dessa pesquisa bibliográfica é enfocar a natureza, representada pelas unidades de conservação (UCs) – parques, reservas ecológicas, áreas de proteção ambiental e afins – como grandes e oportunos espaços de lazer e educação. Propomos também o desenvolvimento da atuação do profissional de educação física nesse contexto.

Temos a intenção de discutir a relação lazer, educação, e natureza, de forma não fragmentada – obstante o fato de ser esse um trabalho criado na visão da educação física –, com expectativas de alcançar visões interdisciplinares sobre o assunto.

OBJETIVO

Delineamento de possibilidades das atividades físico-esportivas em unidades de conservação (UCs), acentuando características relativas às mesmas – p. ex: emoção, aventura,

experiência vivida, contemplação, reflexão -, que as tornam oportunas a uma educação que emancipe o indivíduo. Pretendemos também expor diferentes abordagens em prática e vislumbrar novas propostas.

MÉTODO

A pesquisa bibliográfica foi realizada nos sistemas de bibliotecas da UNIMEP, UNESP e UNICAMP, por conterem obras significativamente importantes e atuais sobre a temática, tendo como técnica a execução de levantamento bibliográfico, utilizando temas-chave (lazer, educação, natureza, meio ambiente, atividades físico-esportivas, atividades de aventura, entre outras), sendo realizadas as análises: textual, interpretativa e crítica, acerca da temática em foco. (LUCKE & ANDRÉ, 1986)

JUSTIFICATIVA

Queremos contribuir para uma leitura crítica e criativa das atividades de aventura em UCs para que estas sejam vivenciadas como educação transformadora, que amplia a auto-compreensão do indivíduo, e de suas relações com o mundo em que vive. Precisamos entender as atividades de aventura como fenômeno do Lazer, devendo a Educação Física desenvolver seu olhar para o tema, numa abordagem não tradicional, mercantilizada, depredatória e alienante, mas como meio educacional transformador do indivíduo, emancipador.

RESULTADOS

Guiados pela premissa de que o lazer é meio privilegiado de educação, questionamos a atuação do educador físico. Despreparado desde sua formação para atuar nesse âmbito, – “na melhor das hipóteses” (visto do ponto de vista do retorno financeiro) – este profissional, de maneira geral, e controlado pelo modismo, simplesmente reduz a natureza a mero cenário para o consumo conformista e depredatório das atividades de aventura, essas distorcidas em recreação-produto, vendidas em “pacotes”. São executadas como fim, não como processo. Tal abordagem é majoritária na sociedade como um todo, a qual desconhece, além do potencial educacional da natureza intocada, o real valor intrínseco das UCs.

Devemos discutir novas propostas a serem desenvolvidas nesse ‘equipamento’, e, antes de tudo, patrimônio de valor incalculável a ser conservado. Temos que ver a educação como prioridade, mas realizada de forma prazerosa, talvez desinteressada – notadamente, através do lazer. Por meio de atividades físico-esportivas vividas e interiorizadas.

CONCLUSÃO

Devemos conviver bem e respeitar a vida, qualquer que seja a sua forma. Contemplar mais, modificar menos. Ver a natureza como amiga íntima e de cuja existência, dependemos. Não como obstáculo a ser dominado, conquistado, manipulado, apenas como fonte a sanar desejos consumistas imediatistas.

Mudanças nesse contexto devem ocorrer primeiramente na base. No caráter e conduta dos indivíduos. Somente após alterar a forma como as pessoas se percebem, sensibilizando-as para que transcendam seus caminhos muitas vezes egocêntricos, estas saberão conduzir de forma consciente, questões exteriores e coletivas – ecologia, desenvolvimento sustentável, consumismo, qualidade de vida, materialismo, espiritualismo, ética e estética, etc., as quais devem ser por nós reavaliadas, para uma completa reordenação de valores.

E uma maneira de mostrar as inter-relações dos seres vivos e o mundo abiótico ao indivíduo, de sensibilizá-lo, é a reaproximação *in loco*. É “senti-los na pele”, em contatos diretos. Através das atividades em UCs. Aonde, pelo convívio com outros seres vivos e em ambientes naturais, cria-se o afeto. O fascínio e o amor. E conseqüente respeito. A si próprio, aos outros seres vivos e ao nosso mundo.

Sugerimos as UCs, e suas qualidades e imagens, tanto reais quanto evocadas – paisagens, biodiversidade, aventura, etc. –, como sendo inigualável espaço de lazer e educação informal. As atividades nelas realizadas serão realmente educacionais somente quando bem planejadas e conduzidas, por profissionais preparados e competentes, proporcionando a vivência criadora de novas formas do ser humano agir e interagir com o mundo. Sugerimos, enfim, a afetividade para essa nova relação ser humano/ meio ambiente. Afetividade criada, entre outras, através da

contemplação, apropriação, experienciação, reflexão, interiorização, tomada de consciência, emancipação e transcendência.

REFERÊNCIAS:

BAHIA, Mirleide Chaar. *Lazer – meio ambiente*: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. Piracicaba, SP: Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), 2005. (dissertação de mestrado)

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. 10ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

NABETA, Newton Norio. *Mudanças pela afetividade*: lazer e educação nas atividades em unidades de conservação. Piracicaba, SP: Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), 2006. (trabalho de conclusão de curso)

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. "Avançar sobre possibilidades": horizontes de uma reflexão ecoepistêmica para redimensionar o debate sobre esportes. In: MOREIRA, Wagner W., SIMÕES, Regina (org.) Esporte como fator de qualidade de vida. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

_____. Educação física, lazer e meio ambiente: desafios da relação ser humano e ecossistema. In: DE MARCO, Ademir (org.) Educação física: cultura e sociedade. Campinas: Papirus, 2006.

SERRANO, Célia (org.) *A educação pelas pedras*: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, 2000.

Dados dos autores:

NABETA, Newton Norio: nnnabeta@yahoo.com.br; Rua Bruno Obrownick, 481 – Altos de Ipeúna, Ipeúna/ SP, CEP: 13537-000; tel. (19)3576-1357.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira: tsampaio@unimep.br; End. Postal: Rodovia do Açúcar Km 156, Campus Taquaral – UNIMEP, Piracicaba/ SP, CEP: 13400-901; tel. (19)3124-1515 - ramal 1240.

A AVENTURA NA NATUREZA E A SOCIABILIDADE NA VIDA CONTEMPORÂNEA

Profa. Dra. Alcyane Marinho
Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Florianópolis (SC)
Laboratório de Estudos do Lazer (LEL), UNESP, Rio Claro (SP)

Resumo: *A compreensão de inúmeras relações atuais que se estabelecem entre os seres humanos e a natureza é despertada pelo lazer, e o surgimento de novas tecnologias, criadoras de novas possibilidades no lazer, conduzem-nos a um repensar sobre os significados de inúmeros conceitos e concepções atrelados à sociabilidade na vida contemporânea. Neste sentido, com uma abordagem na área de estudos do lazer, por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, este trabalho tem como objetivo investigar a idéia de aventura inserida nas atividades realizadas na natureza, refletindo por que este é um termo tão utilizado em nosso cotidiano.*

O lazer está sendo entendido como um interessante ponto de partida para aguçar a compreensão das mais variadas relações que se estabelecem entre os seres humanos, desde que não seja considerado de forma isolada, mas em profunda conexão com outras esferas da vida humana.

O surgimento de novas tecnologias, criadoras de novas possibilidades no lazer, conduzem-nos a um repensar sobre os significados de proximidade, distância, individualidade, sociabilidade, mobilidade, errância, realidade, ficção, meio ambiente e aventura. Nesta perspectiva, o objetivo deste estudo é investigar a idéia de aventura inserida nas atividades realizadas na natureza, refletindo por que este é um termo tão utilizado na contemporaneidade (MARINHO, 2006).

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, refere-se a uma investigação na área de estudos do lazer, cuja abordagem trabalha com um universo de motivos, aspirações, valores, crenças e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo dos processos, relações e fenômenos, os quais não

podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. As fundamentações conceituais sobre a temática abordada foram buscadas, principalmente, junto à Sociologia, Educação Física e Antropologia, áreas estas as quais, conjuntamente, contribuem e sustentam as discussões estabelecidas.

Este estudo foi desenvolvido por meio de duas pesquisas complementares: bibliográfica e de campo. Por meio da pesquisa de campo, baseada em dois instrumentos (entrevista semi-estruturada e observação participante) foram investigados: os motivos que fazem as pessoas se deslocarem para ir ao encontro das atividades de aventura na natureza; bem como, seus gostos, comportamentos, valores, etc; as formas de envolvimento dos praticantes com tais práticas e como se dá a interação entre os grupos de praticantes; como se estabelecem as relações das atividades de aventura na natureza com o cotidiano urbano, no trabalho, na família, etc. Todas estas investigações estão atreladas ao interesse principal: como os praticantes percebem a aventura e a natureza.

O fio condutor deste trabalho é o levantamento de elementos que, possivelmente, estão presentes nas atividades investigadas para que sejam consideradas aventura pelos praticantes. Procuro estabelecer um diálogo entre a concepção de aventura, construída a partir das atividades na natureza, com a concepção de aventura presente no cotidiano urbano dos sujeitos envolvidos, tomando em consideração seus relatos e suas interpretações.

Por meio dos dados coletados, foi possível detectar que a aventura, de acordo com os entrevistados no estudo, está atrelada à idéia de busca pelo desconhecido, desejo de exploração, retorno ao nomadismo e a uma possibilidade de ficção, ressignificando modelos e, de certa forma, despertando novos comportamentos dos sujeitos envolvidos.

O nomadismo e a ficção permitem lançar a ponte entre o ordinário e o extraordinário da vida, não se satisfazendo com vivências estáveis, funcionalistas e meramente racionais, mas usando a pluralidade dos sujeitos, por intermédio da fantasia, da imaginação, do imaterial e do lúdico. Ratificando, com isso, que as atividades de aventura são alternativas fecundas para a compreensão das redes que se formam, na atualidade, entre as pessoas e a natureza, baseada em laços mais descompromissados e efêmeros, porém, verdadeiros e intensos.

Em busca de um encontro consigo mesmo, o ser humano contemporâneo se utiliza de “táticas”, “modos de fazer” (CERTEAU, 1999) e “saberes cotidianos da necessidade” (MAFFESOLI, 2004), fazendo com que a vida se re-encante a partir de novas formas de relacionamento entre as pessoas e com a natureza. Neste sentido, as atividades de aventura parecem ser a expressão mais interessante para exprimi-las.

São justamente estas características que justificam a utilização do termo aventura, na vida atual, evidenciando diferentes interfaces e visões de mundo.

Os rápidos progressos da tecnologia aparecem sob o signo da ambigüidade. Se, por um lado, concorrem para a melhoria das condições de vida, por outro, ameaçam a própria existência da vida sobre o planeta. Diante dessas transformações em curso, são evidentes as insuficiências das formas tradicionais de compreensão, pois além de descreverem um mundo que não existe mais, ainda obscurecem a leitura dos fenômenos, tais como se desenrolam diante de nossos olhos.

Partindo desse princípio e com base nas discussões empreendidas nesta pesquisa, é possível afirmar que as atividades de aventura na natureza balizam e requerem um “saber sensível” (DUARTE JR., 2001), entendido como: “inelutável, primitivo, fundador de todos os demais conhecimentos, por mais abstratos que estes sejam; um saber direto, corporal, anterior às representações simbólicas que permitem os nossos processos de raciocínio e reflexão”.

Precisamos dar mais atenção a uma educação do sentimento, indicativa da capacidade vital dos seres humanos de sentirem a si próprios e ao mundo, em um todo integrado, vibrando em comum, experimentando coletivamente.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 4ª.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

DUARTE JR., João F. **O sentido dos sentidos**. Curitiba (PR): Criar Edições, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo***:* resumo da subversão pós-moderna*:* Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro (RJ): Record, 2004.

MARINHO, Alcyane. **As diferentes interfaces da aventura na natureza**: reflexões sobre a sociabilidade na vida contemporânea. 2006. 154f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2006.

Contato:

R. João Pio Duarte Silva, 114, ap. 406 Bloco B - Edifício Villa Vitória, Bairro: Córrego Grande - Florianópolis (SC) - CEP: 88.037-000 - e-mail: alcyane.marinho@hotmail.com

ATIVIDADES DE AR LIVRE E AVENTURA: UMA NOVA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA AS 5ª E 6ª SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Luciana Gomes Fernandes
Graduada da ESFA

Resumo: *O presente estudo investigou sobre a repercussão das Atividades de Ar Livre e Aventura nas aulas de Educação Física das 5ª e 6ª séries do ensino fundamental da Escola Superior São Francisco de Assis – ESFA. Através da elaboração e aplicação de um projeto de intervenção, constatamos a viabilidade das atividades de aventura as aulas de Educação Física.*

INTRODUÇÂO

A proposta do presente estudo, inicia-se através das observações realizadas nas aulas de Educação Física da Escola São Francisco de Assis - ESFA, em cumprimento à carga horária de estágio, requerida pela disciplina de Prática de ensino I e II, ministradas no 6° e 7° períodos, respectivamente, do curso de graduação em Educação Física.

Durante este período de observação, foram diagnosticadas e analisadas as dificuldades, limitações, contribuições, sugestões, etc, que compreendem as aulas de Educação Física da ESFA. De acordo tais observações, notamos que estas aulas ocorrem de forma aleatória, não havendo uma seqüência das mesmas, e que a participação dos alunos se da num curto espaço de tempo, onde estes optam, em parte, pelas atividades a serem realizadas, uma vez que o professor somente leva bolas de voleibol e futebol para as aulas. Acreditamos, que este fato ocorra devido à falta de um planejamento prévio destas aulas, o que dificulta e atrapalha muito a atuação do professor.

Diante de tais fatos, sentimos a necessidade de buscar outras formas de trato para com as aulas de Educação Física de tal instituição.

Na tentativa de reformulação dessas aulas, optamos como conteúdo para a realização de nossa intervenção, as Atividades de Ar Livre e Aventura, onde levamos em consideração as

potencialidades do trabalho ao ar livre, bem como sua capacidade de oferecer ao alunado uma nova forma de educação. Observamos que tais atividades enquanto conteúdo da Educação Física venha suprir a necessidade de se atribuir novas idéias e novas formas de trato para com as aulas, pois o estudo e o desenvolvimento dessas práticas pode ser um forte instrumento pedagógico utilizado por professores no desenvolver do senso de responsabilidade, participação, cooperação, superação de limites, dentre outros fatores que não comumente são adquiridos nas aulas de matemática, português, etc, assim proporcionando novas experiências e conhecimentos (Miles 1990, p.468, apud UVINHA).

Desta forma, os professores de Educação Física podem buscar nas escolas reflexões em práticas diversas, desde que se tenha criatividade em seu planejamento. Porém, estamos cientes das dificuldades de se incorporar as Atividades de Ar Livre nos planos educacionais, devido à falta de conhecimento dos professores sobre essa temática. No entanto, somos motivados pela tentativa de levar conteúdos diferenciados aos alunos dessa instituição, uma vez que a mesma possui uma infra-estrutura para a realização de tais práticas.

Sendo assim, propondo um maior aprofundamento em nosso estudo, objetivamos analisar as possibilidades pedagógicas que as Atividades de Ar Livre, Lazer e Aventura podem proporcionar para as aulas de Educação Física, e em especial, para as aulas da 5ª e 6ª séries do ensino Fundamental da ESFA.

Nesse aspecto, buscamos planejar, sistematizar e vivenciar as atividades de ar livre e aventura de forma que os conteúdos teóricos práticos se entrelaçassem com suas respectiva vivencias e que estes tivessem uma certa continuidade com os demais. Para isso, contamos com as contribuições de Libâneo (1994), adotando alguns de seus métodos de ensino como, por exemplo, a exposição verbal, elaboração conjunta, trabalho em grupo, etc.

Além disso, durantes as aulas procuramos proporcionar situações, como por exemplo, a construção de algumas atividades, o manuseio de materiais, a estimulação em participação de debates e discussões, que levassem os alunos a refletir criticamente sobre os conhecimentos, teórico/práticos, referentes às técnicas, a ética, a preocupações como meio ambiente e a segurança

na realização das Atividades ao Ar Livre, levando-os a construírem um olhar crítico-reflexivo sobre sua prática e sobre suas ações.

Assim, conforme o exposto e após feitas as análises cabíveis a nossa intervenção, constatamos que o fato de incluirmos novos conteúdos as aulas de Educação Física, e de darmos seqüência e planejarmos estas, fez os alunos participassem efetivamente das atividades propostas, muitas vezes até nos surpreendendo com algumas atitudes.

Além disso, podemos constatar que, a escolha do conteúdo Atividades de Ar Livre e Aventura, obteve grande êxito, pois verificamos que tais atividades proporcionaram aos alunos uma maior motivação durante as aulas, e o desenvolvimento de determinadas capacidades, habilidades e valores, os quais não eram trabalhados em aula, como por exemplo, a superação do medo, o respeito ao próximo, etc.

Desta forma, concluímos nosso estudo ponderando sobre a viabilidade de se trabalhar com as atividades de aventura, e ressaltando sobre a importância e a necessidade de se atribuir, não só, novos conteúdos as aulas de Educação Física, como também a importância do planejamento e dos procedimentos didáticos metodológicos utilizados durantes às aulas, pois estes são os elementos balizadores das ações, reflexões e práticas durante qualquer atividade.

REFERÊNCIA:

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

UVINHA, Ricardo Ricci. Esportes radicais nas aulas de Educação Física do ensino fundamental. *In*: _____; MOREIRA, Evandro Carlos (org.). **Educação Física escolar: desafios e propostas.** Jundiaí, SP**:** Fontoura, 2004.

Autora:Andréia Silva. Endereço: Rua das Petúnias, nº44/Bairro Jardim da Montanha, Santa Teresa – ES/ CEP:29650-000.E-mail: malukafef@hotmail.com
Autora:Luciana Gomes Fernandes. Endereço: Rua Josil Espindula Agostini, nº 868/ Bairro Centenário, Santa Teresa – ES/ CEP: 29650-000. E-mail: lugf2005@hotmail.com

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ÁREA DE ATUAÇÃO?

Luciana Gomes Fernandes – Graduada da ESFA
Andréia Silva – Professora Mestre da ESFA

Resumo: *O presente estudo investigou a formação didático-pedagógica no curso de Licenciatura plena em Educação Física da Escola Superior São Francisco de Assis – ESFA quanto ao desenvolvimento das Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCAN's) em suas variadas áreas de atuação.*

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata das Práticas Corporais de Aventura na Natureza – PCAN's[15], desenvolvidas através do Núcleo Universitário de Ar Livre – NUAr[16] e do curso de Educação Física da Escola Superior São Francisco de Assis (ESFA) focando o processo de qualificação e habilitação dos profissionais para o exercício dessas práticas.

Para tanto, traçamos os seguintes questionamentos: quem pode desenvolver tais práticas? Qual a formação didático-pedagógica necessária? Quais as reais possibilidades do professor de Educação Física nessa área de atuação? Diante disso, focamos a formação pedagógica fornecida pelos cursos de Educação Física.

Para tanto elegemos a ESFA, uma vez que investe nessas práticas como um diferencial, por tal instituição localizar-se numa área natural propícia a tais práticas e por entendê-las como potenciais áreas de atuação e de transformação humana.

---

[15] Optamos utilizar a expressão Práticas Corporais de Aventura na Natureza, conforme contribuições de SILVA E DAMIANI (2005), para designar as práticas corporais junto à natureza, pois, essa nomenclatura nos possibilita um entendimento mais ampliado das múltiplas dimensões.

[16] Núcleo Universitário ao Ar Livre (NUAr) tem a finalidade de fornecer suportes teórico/práticos, e aprofundar as discussões relacionadas às atividades de Lazer ao ar livre e aos esportes de aventura. (SILVEIRA, 2005).

Assim, tecemos o seguinte questionamento: Qual a formação didático-pedagógica que o curso de Licenciatura em Educação Física da ESFA, possibilita aos seus alunos com relação ao desenvolvimento das Práticas Corporais de Aventura na Natureza?

Justificou esse estudo a necessidade atual de fomentar discussões sobre a formação didático-pedagógica de professores de Educação Física no que se refere a suas qualificações[17] e habilitações[18] para o desenvolvimento das PCAN's. O reconhecimento e a importância de se criar tais discussões em nível acadêmico e em nível nacional, reflete o papel que os professores de Educação Física desempenham no desenvolvimento dessas práticas e sobre a implementação das PCAN's nas grades curriculares dos cursos de Licenciatura em Educação Física.

Objetivamos assim, investigar sobre a formação didático-pedagógica de professores de Educação Física do curso de Licenciatura da ESFA, no que se refere ao desenvolvimento das PCAN's, vindo a analisar e refletir sobre tal formação, com enfoque no tratamento pedagógico dado a essas práticas no processo de formação dos discentes dessa Instituição.

Como procedimentos metodológicos, optamos por uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo que utilizou como instrumento de investigação análise documental, entrevista e observação, compreendemos as relações que permeiam o processo de formação de professores e o desenvolvimento das PCAN's.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após nossas analises, compreendemos que o processo de normalização e certificação das PCAN's são de extrema relevância tanto para órgãos financiadores do turismo, lazer e do esporte, quanto para os indivíduos que buscam através destas práticas atitudes voltados para o lazer, como aqueles que se utilizam destas como um novo campo de trabalho. Contudo, acreditamos que deva

[17] A qualificação é entendida como a criação de normas técnicas relacionadas às competências mínimas exigidas para se ter uma prática segura (ABREU e TIMO, 2005).
[18] Entendemos como habilitação o processo de certificação de pessoas para o desenvolvimento de atividades. (ABREU e TIMO, 2005).

haver, um consenso entre as partes interessadas neste processo, para que se desenvolvam estratégias que garantam o sucesso dessa atividade como um novo campo de comércio e educação no país.

Constatamos também que o processo de qualificação e habilitação para o desenvolvimento das PCAN's é de grande abrangência cabendo, portanto, uma investigação especifica sobre esses dois aspectos.

Esse fato nos leva a pensar que somente a investigação de um dos possíveis campos de formação de profissionais para o desenvolvimento dessas práticas, como as IES, neste caso a ESFA, não nos permite dizer que esta é a formação mais correta ou adequada para a eficácia desse processo. Contudo, consideramos um profissional que tenha uma formação superior possui maior possibilidade de ampliar ou aprofundar seu campo de conhecimento, uma vez que esse tipo de ensino vale-se de saberes específicos e técnicos para desenvolver uma determinada prática, como de saberes que darão base para a formação humana, social, cultural, intelectual deste individuo.

No que se refere à implementação das PCAN's como conteúdo a ser trabalhado e desenvolvido no curso de Educação Física da ESFA, verificamos que tais práticas têm trazido grandes contribuições no processo de formação dos discentes desta instituição, pois através do desenvolvimento das mesmas, tem se criado novos campos de estágios e de práxis pedagógica para esse alunos.

REFERÊNCIAS

ABREU, José Augusto Pinto de; TIMO, Gustavo Fraga. Normalização e certificação em turismo de aventura no Brasil. *In*: UVINHA, Ricardo Ricci (org.). **Turismo de aventura: reflexões e tendências**. São Paulo: Aleph, 2005.

MARINHO, Alcyane. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidades de resistências. *In*: _____; BRUHNS, Heloisa Turine. **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara R. (org).**Travessuras e artes na anatureza: movimentos de uma sinfonia.** Florianópolis: Nauemblu Ciência e Arte, 2005

SILVEIRA, Cláudia Mara da.*et al.* **TREKKING: uma proposta pedagógica no âmbito da educação física escolar.** Trabalho de conclusão de curso, no formato artigo apresentado a Escola Superior São Francisco de Assis em 2005.

Autora:Luciana Gomes Fernandes. Endereço: Rua Josil Espindula Agostini, nº 868/ Bairro Centenário, Santa Teresa – ES/ CEP: 29650-000
E-mail: lugf2005@hotmail.com
Autora:Andréia Silva. Endereço: Rua das Petúnias, nº44/Bairro Jardim da Montanha, Santa Teresa – ES/ CEP:29650-000.
E-mail: malukafef@hotmail.com

ESCALADA DE BOULDER:
ASPECTOS HISTÓRICOS, EDUCACIONAIS E ESPORTIVOS

Dimitri Wuo Pereira
Pós-graduado em administração esportiva
UNINOVE – S.P.
Igor Armbrust
Pós-graduando em esportes com prancha
UNICASTELO – S.P.

Resumo: *A escalada cresceu nas últimas décadas. O objetivo desse estudo foi verificar como essa prática ocorre em nosso país, os benefícios e os aspectos educacionais. Foi realizada uma pesquisa descritiva com praticantes dessa atividade que mostrou que a inclusão é possível, porém precisa ultrapassar barreiras de conhecimento e financeiras. Ela pode ser uma prática competitiva, mas também é cooperativa, não se estabelecendo uma dicotomia entre elas, porque seus objetivos podem ser estabelecidos pelo indivíduo e não apenas externamente. Ambos os gêneros praticam essa atividade. E os relacionamentos humanos são forte elo da prática com os benefícios encontrados. Acreditamos assim avançar na busca de novas atividades que possam ter mais significado na educação física brasileira.*

Introdução: A escalada vem se difundindo no Brasil 1º CBAA (2006). Nosso país não contém altas montanhas, então como pode a escalada se expandir? A resposta parece estar em outras modalidades. Long (1993) cita as escaladas em rocha divididas, em: Big Wall, Tradicional, Livre, Esportiva e Boulder. No boulder o Brasil tem uma geografia privilegiada. Esse estudo se focou na escalada de boulder que teve nos últimos 15 anos um rápido crescimento. **"**A escalada em boulder pode ser definida como a ascensão de blocos de rocha ou paredes artificiais de até 4 metros de altura". (COSTA, 2005). No boulder a dificuldade não está em superar grandes alturas, ao invés disso, são poucos movimentos realizados na maior dificuldade técnica possível e a segurança é feita com colchões. Segundo John Gill, reconhecido como o pai do boulder, foi Oscar Eckenstein, um britânico, na década de 1880, que se dedicou aos blocos como forma sistemática de desenvolvimento. Ele foi o primeiro a estudar o equilíbrio e a treinar os dedos na escalada. Mas foi

Chris Sharma na década de 1990 que popularizou definitivamente essa prática, através de sua habilidade, força e determinação, Gill (2006). **Objetivo:** Uvinha (2004), propõe que contrariemos a "lógica de padrão de movimento e aula esportivizada através da experimentação destes esportes". Assim, o objetivo desse estudo foi revelar o boulder e verificar como pode ser incluído na escola. M**etodologia**: Esse estudo será pautado em uma pesquisa do tipo descritiva, "[...] são incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população", Gil (1991, p. 46). Dois grupos de escaladores, um formado por praticantes adultos participantes do evento de escalada Ubatuboulder e outro por adolescentes participantes do evento Olimvila, foram os sujeitos da pesquisa. Foram aplicados questionários distintos para cada grupo, com questões abertas sobre suas expectativas nos respectivos eventos. **Resultados:** Evento Ubatuboulder. Os dados dos participantes nos revelam que: o grupo é heterogêneo na idade, com a maioria já tendo praticado escalada indoor, inclusive competitiva. Entre os motivos citados para participar do evento estão: aprender, lazer, relacionar-se e escalar. Evento Olimvila. Vários alunos responderam que optaram pela atividade porque gostam de escalar. Sobre o que esperavam do evento a resposta predominante foi "me divertir". No questionamento sobre o objetivo de cada um, percebemos que há uma visão de competitividade com cooperação, cada um busca objetivos individuais como: aprendizagem, educação, descoberta e amizade. **Conclusão:** Os aspectos históricos mostram uma busca pela dificuldade do movimento. Pelas características da modalidade a inclusão na escola é possível, mas depende de conhecimento técnico como atesta Pereira (2007). Essa prática aparece na classe econômica mais favorecida e tem boa participação feminina. Essa atividade contém o competitivo e o cooperativo sem dicotomia e os valores hedonistas, estão expressos nas falas dos sujeitos "Eu espero conhecer pessoas novas, sair com os amigos, me divertir, praticar a escalada e se possível vencer", Aluno 4. Há uma relação entre as respostas dos praticantes com a educação, confirmando a opinião de Hyder (1999). Esperamos ter contribuído para que o boulder possa ser visto na educação física formal ou não formal como já salientou Cardoso et al. (2006) a respeito das atividades de aventura como educação.

REFERÊNCIAS

CONGRESSO BRASILEIRO de ATIVIDADE de AVENTURA, CBAA. **Reconhecimento das práticas e regulamentação.** Balneário Camboriú, Santa Catarina, n.1, 2006. CDROOM.

CARDOSO, Aércio Rossi, et al. **Educação pela aventura: desmistificando sensações e emoções.** In: Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura. Balneário Camboriú, Santa Catarina, n.1, 2006. CDROOM.

COSTA, Cris. **Montanhismo** in Atlas do Esporte no Brasil. Da Costa, Lamartine Pereira (org.). Rio de Janeiro, Shape, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GILL, John. **The origins of bouldering.** Disponível em <http://www.johngill.net>. Acesso em 20 de agosto de 2006.

HYDER, M. A. **Have your sutdents climbing the walls: the grow of *indoor* climbing**. Journal of Physical Education, Recreation & Dance, v.70, n.9, p.32-39, 1999.

LONG, John. **How to rock climb!** 2° ed., Evergreen, Colorado, Chockstone Press, 1993. 186 p.

PEREIRA, Dimitri Wuo. **A escalada chega na escola.** 11º Congresso Paulista de Educação Física. Jundiaí, 2007.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Esportes radicais nas aulas de Educação Física do ensino fundamental**. In Educação Física Escolar: Desafios e propostas. Evando Carlos Moreira, (org.). – Jundiaí, SP. Editora Fontoura, 2004. (p. 109).

AUTOR - Dimitri Wuo Pereira dimitri.wuo@terra.com.br
R. Professor Djalma Bento 213, ap 33 bloco 3, Jd Luanda. São Paulo – SP
Cep 04678 020
Telefone (011) 5635 3407 ou 9183 7679

CO-AUTOR - Igor Armbrust - arm.igor@ig.com.br
Rua Iguaré 72, apto 93, Bl 01.
São Paulo – SP, Bairro Tatuapé, cep 03077-010

PÔSTER

HISTÓRICO E PERSPECTIVAS DAS ATIVIDADES DE AVENTURA EM BELÉM/PA

Eriana da Silva Coelho
Pós-graduada em Atividade Física e Saúde/UEPA - Programa SESI Lazer Ativo
SESI-DR/PA, Ananindeua, Pará-Brasil - erianacoelho@bol.com.br

As corridas de aventura estão ligadas à práticas multi-esportivas (corridas em diversos ecossistemas, canoagem, moutain bike e outros), objetivam explorar os cenários naturais de forma saudável, tanto para o corpo como para o meio. No Pará, em se tratando da capital, Belém encontra-se como grande pólo das diversas modalidades de atividade de aventura, por abranger fauna e flora regionais (Amazônia). O estudo resgata as atividades de aventura em Belém, fazendo um levantamento de dados durante o período de 5 anos, desde a realização em 2001 da 1ª prova no norte do país de corrida de aventura, a 4ª edição da EMA (Expedição Mapa Atlântica). Após a realização deste evento, formou-se a organização Kaluanán, patrocinada pela Tryon Meeting Adventure, a qual organizou um circuito paraense de provas de aventura, com duração de 6 a 8 horas. Em 2003, formou-se a associação paraense de esporte de aventura (APEA), que começou a organizar a corrida Adventure Urb, tornando-se posteriormente, o circuito universitário de corridas de aventura (CUCA) em Belém, além de outros eventos, como os organizados pelo Batalhão de Polícia Militar do Pará (Circuito Militar de Corrida de Aventura), disputada por civis e militares desde 2005, bem como as trilhas noturnas de bike e em matas fechadas, sendo a mais conhecida, “Trilha do Macaco”. O SESI-DR/PA, com a implementação de políticas públicas de lazer e através do Programa SESI Lazer Ativo; tem propiciado aos industriários paraenses e seus familiares, a inclusão de práticas de atividades de aventura através do rapel, escalada e trilhas ecológicas. Vale ressaltar e concluir que, a cada ano, o número de adeptos das atividades de aventura na capital aumenta-se gradativamente, fato esse justificar a adoção de um estilo de vida saudável e melhorias no desenvolvimento social; os quais visam superar seus limites físicos e psicológicos em cenários naturais.

ENTRE AVENTURAS E EMOÇÕES: O MUNDO DA ECOMOTION/PRÓ 2005 E O ESPORTES DE AVENTURA

Cláudia Andréia Fuentes Mello, Anderson Almeida Fernandes, Ênio Araújo Pereira – ESEF/UFPel
Escola Superior de Educação Física – Universidade Federal de Pelotas/RS

Sem dúvida nenhuma, os tantos avanços tecnológicos que ocorreram nas últimas décadas, facilitaram a realização de diversas atividades cotidianas e contribuíram para o mínimo gasto energético da população. Entretanto, como nossa história é um pouco diferente, ou seja, somos seres humanos "criados" para nos movimentarmos, correr, caçar, pescar... assim, com a era industrial e a modernidade, aumentou na mesma proporção a incidência de inatividade física na população, um dos principais fatores desencadeantes e/ou potencializantes de doenças crônico-degenerativas, tais como: hipertensão arterial, cardiopatias, diabetes tipo II, sobrepeso, obesidade, alguns tipos de câncer, doenças osteomusculares e posturais, dentre tantas outras. Contudo, ao mesmo tempo em que esta influência negativa da tecnologia vem ganhando espaço na sociedade atual, a promoção da saúde e da qualidade de vida tem sido uma preocupação do ser humano consciente desses "avanços tecnológicos", e este desejo de manter uma vida melhor e mais saudável vêm cada vez mais ganhando espaço. Logo, este estudo analítico e expositivo tem por objetivo relatar as experiências vivenciadas na maior corrida de aventura da América Latina - ECOMOTION/PRÓ 2005, assim como experiências anteriores em outras corridas de Aventura, como o Grito das Águas 1ª e 2ª edição, abordando além dos aspectos físicos, psíquicos e mentais que envolvem essa modalidade, questões de amizade, companheirismo, estratégias, equipes de apoio, dentre outros temas que também estão inseridos neste contexto, como a prática de alguns esportes radicais, também conhecidos como práticas corporais no meio ambiente ou práticas corporais outdoor; visto que, os inúmeros problemas que acometem o homem moderno, fomentados principalmente pelo sedentarismo e/ou estilos de vida inativos, crescem assustadoramente, assim como o "mundo dos esportes radicais".

ECOTURISMO E ESPORTES DE AVENTURA

Anderson Almeida Fernandes, Bacharel
Cláudia Andréia Fuentes Mello, Bacharel
Escola Superior de Educação Física – Universidade Federal de Pelotas/RS

Em razão da globalização, da rotina do dia-a-dia nas grandes cidades, de longas horas dentro de um escritório, ou em reuniões cansativas, muitas pessoas começam a buscar algo diferente, alguma atividade que fuja do ambiente em que se encontram diariamente e da agitação de seus empregos. Devido a esse "estresse" cotidiano, empresas, famílias e grupos de amigos, começam a trocar a prática esportiva "indoor", pelo contato com um ambiente diferente, novo para a grande maioria dessas pessoas, mas que sempre esteve lá, o meio natural, preocupado com isso e procurando promover o bem estar social e psicológico dessas pessoas, o Clube de Escalada Movimento Vertical, através dos Esportes de Aventura, realizou entre 2003 e 2006, no Parque Ecológico Recanto dos Coswig, localizado no interior de Pelotas, atividades de Ecoturismo, como tirolesa, escalada, passeios a cavalo, brincadeiras lúdicas, esportes adaptados ao meio natural e trilhas ecológicas em lugares privilegiados da região. Devido a crescente procura por estes esportes, essas modalidades, vêm tornando-se cada vez mais conhecidas, não só no Brasil, mas no mundo todo, aumentado assim cada vez mais seu número de praticantes. Essa nova prática esportiva, também considerada uma prática recreativa para alguns, vem crescendo, porque além de proporcionar ao praticante um contato direto com a natureza e mostrar a importância da preservação do meio-ambiente, engloba diversas atividades dentro dos Esportes de Aventura como: trekking, escalada, bicicleta, remo, arvorismo, entre outras, as quais, desenvolvem não só qualidades individuais dos praticantes, como também possibilitam um trabalho em equipe, como, cooperação e companheirismo. E sendo um tipo de atividade para pessoas de todas as idades, os EAN trabalham de forma natural, conceitos como auto-controle e superação de limites, além de despertar um clima de sinergia e motivação a pessoa que o pratica.

EMOÇÃO E AVENTURA: ANÁLISE DOS RELATOS DE PRATICANTES DE *RAPPEL*

Tiago Nicola Lavoura, Afonso Antonio Machado, Gisele Maria Schwartz
LEPESPE – LEL – Universidade Estadual Paulista – Rio Claro

Com base em grande parte da literatura acadêmico-científica que abrange a temática das atividades de aventura na natureza, pode-se perceber que é comum a aproximação de tais atividades no trato com as emoções, em especial, com as sensações e sentimentos de prazer, descanso, vertigem e risco. Entretanto, muito, ainda, há que se refletir sobre os estados emocionais associados a estas práticas, no sentido de se aprofundar os conhecimentos. Esta pesquisa teve como objetivo investigar as emoções vivenciadas por um grupo de jovens que realizaram, pela primeira vez, o *rappel*, sendo este muito conhecido dentre as práticas de aventura na natureza. Este trabalho é caracterizado como uma pesquisa descritiva, por meio de um estudo exploratório (*survey*) com a aplicação de um questionário com questões abertas. Participou do estudo um grupo de jovens, composto por 4 homens e 4 mulheres, com média de idade de 25 anos, que realizou a prática do *rappel* no Morro do Camelo, na cidade de Analândia, interior de São Paulo, em outubro de 2006. Os participantes responderam aos questionários logo após a vivência da atividade. Para a análise das respostas, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo temático. Como resultado, pode-se observar que, devido a um sentimento de insegurança e risco, relatado pelos participantes, tais indivíduos experimentaram emoções de ansiedade e medo, tanto na subida do morro, momento que antecedia a prática da atividade em si, quanto na descida, ou no momento do *rappel*. Por outro lado, verificou-se também que os mesmos participantes relataram a experimentação de emoções, caracterizadas por eles como positivas, como prazer, coragem, satisfação e, principalmente, um sentimento de superação, por reconhecerem que venceram o desafio com êxito, logo após o fim da atividade. Considera-se que a aproximação entre as atividades de aventura na natureza e as emoções é evidente, fato visto por meio dos relatos dos participantes, emoções estas desencadeadas pelas características destas práticas em ambientes naturais, despertando nos indivíduos diferentes sensações, sentimentos e auto-realizações, tudo isto em meio à contemplação da natureza.

CANOAGEM NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL

Patrícia Cardoso Trauer[1], Luiz Fernando Cuozzo Lemos[1] e Rafael Aguiar Clates[2]

[1]graduando em educação física pela Universidade Federal de Santa Maria

[2]graduando em educação física pela universidade paulista UNIP campus Anchieta

A canoagem é um esporte com origem nos índios norte-americanos, com grande difusão européia e, no Brasil, razoavelmente recente. Entre os estados brasileiros com maiores adeptos da canoagem está o Rio Grande do Sul, que foi durante muitos anos sede da Confederação brasileira da modalidade difundindo-a bastante nas regiões do Vale do Taquari e proximidades da capital Gaúcha. A região central do estado, por sua vez, demorou um pouco mais para ser propagada nessa prática, porém no meio da década de noventa essa difusão ocorreu em várias cidades centrais do estado. Com isso esse estudo buscou realizar uma somação dos rios onde é realizada essa prática náutica da canoagem. Para essa análise metodológica se utilizou como referência entrevistas às secretarias municipais de turismo de cidades situadas às margens de alguns rios e uma análise nos arquivos de materiais da Federação de Canoagem do Estado do Rio grande do Sul, obtendo-se assim um verdadeiro dossiê da prática desse esporte nesta região. Os principais rios e seus afluentes encontrados para a prática da canoagem nessa região Gaúcha foram os seguintes: Jacuí, Vacacai, Vacacai-Mirim e o Toropi. Com isso, conclui-se que o esporte canoagem é bastante desenvolvido nessa região do país, em virtude da grande extensão desses rios e da diversidade de cidades por eles banhadas. Ainda é possível salientar que nos recursos hídricos encontrados nesse estudo, é possível realizar a prática da canoagem nas mais diferentes modalidades de acordo com o tipo de movimentação da água em distintas partes desses rios, possibilitando atividades de aventura para pessoas de diversos anseios esportivos.

ATIVIDADES DE AVENTURA PARA O ENSINO MÉDIO: PROPOSTAS INOVADORAS

Igor Armbrust, Dimitri Wuo Pereira
arm.igor@ig.com.br; dimitri.wuo@terra.com.br; cpeea2007@gmail.com
Centro de Pesquisas e Eventos em Esportes de Aventura –

Realizamos um projeto pedagógico de escalada como alternativa para o ensino médio da Escola da Vila que os alunos poderiam escolher como opção de educação física. A estrutura do curso foi de 3 aulas na própria escola e uma viagem à Bragança Paulista para colocar em prática o aprendizado, completando 32 horas. O objetivo do estudo foi apontar os motivos que levaram os alunos a optar pela proposta e suas compreensões e sensações durante a prática. Utilizamos à abordagem qualitativa exploratória com aplicação de técnica de entrevista semi-estruturada, em 20 alunos. Os alunos afirmaram que a facilidade de se organizar para uma prática durante uma semana ao invés do semestre inteiro desperta o interesse, pois os horários intensivos chamam a atenção. Alguns apontaram entendimentos técnicos, como manusear os equipamentos, fazer o nó oito para escalar, dar segurança e a importância de não brincar quando o outro escala. Descreveram que a superação de seus limites pode ser algo levado para o dia-a-dia. Comentaram que não podiam se entregar. Sabiam da dificuldade, do medo, mas persistiam. Outro ponto em comum foi manter-se calmo e olhar a via procurando as agarras e seguir o caminho, remetendo ao dia-a-dia em que têm que estudar, prestar o vestibular e nem sempre se sair bem, mas seguir o caminho, pois, em algum momento, este pode dar certo. Os participantes comentaram que a sensação no começo é assustadora, tudo causa medo, entretanto, com o passar do tempo, se acostumam, e, quando chegam ao topo, há uma sensação de vitória. Há um consenso em dizer que a parede da escola é mais difícil por ser negativa, mais parecida com o esporte tradicional, já na rocha podiam apreciar a natureza, o vento, e olhava-se para baixo e não havia cimento e sim um monte de árvores e mata. Concluímos que essa atividade pode desenvolver diversas percepções dos alunos sobre sua aprendizagem e sobre sua visão de uma educação física diferente.

UMA EXPERIÊNCIA CURRICULAR ATRAVÉS DA ORGANIZAÇÃO E ARBITRAGEM EM CORRIDAS DE AVENTURA PARA ACADEMICOS DA ESEF-UFPEL

Gustavo da Silva Freitas – Msndo. PPG em Educação Física - UFPel
Enio Araújo Pereira – Prof. Esp. Adjunto da Universidade Federal de Pelotas

A modalidade esportiva denominada “Corrida de Aventura” chegou ao Rio Grande do Sul aproximadamente há cinco anos, e, no entanto, em várias regiões do Estado já ocorrem competições da modalidade, surgindo um espaço para atuação de profissionais de Educação Física na referida modalidade. O presente trabalho pretende identificar a importância de um novo espaço de atuação dos Profissionais de Educação Física e analisar experiências oportunizadas nos cursos de formação para os acadêmicos de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. Estas experiências foram desenvolvidas nas disciplinas de Excursionismo e Pré-estágio, dentro da modalidade de “Corridas de Aventura”, através de aulas teóricas, reuniões, palestras, práticas ao ar livre, questionários de avaliação e depoimentos dos alunos. Na tentativa de proporcionar atividades que contribuam para uma formação mais ampla desses profissionais, o Curso de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas atuou com docentes, estagiários e voluntários na organização e arbitragem da Corrida de Aventura da “Festa do Peixe”, na Colônia Z3, em Pelotas, e nas doze etapas do I e II Grito das Águas – Corridas de Aventura da Zona Sul / RS. A partir deste conjunto de vivências, foram obtidos resultados através de depoimentos e questionários de avaliação das disciplinas aplicados aos acadêmicos, fornecendo um banco de dados qualitativo importante para análise e estudo de novas propostas de inserção das atividades físicas de aventura na natureza nos currículos de Educação Física.

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS ABRINDO ESPAÇOS PARA AS ATIVIDADES FÍSICAS NA NATUREZA E ESPORTES DE AVENTURA

Enio Araujo Pereira- Professor Adjunto
Universidade Federal de Pelotas
Mestrando em Educação Física

A proposta deste trabalho é identificar as potencialidades dos espaços naturais que existem nas áreas pertencentes à Universidade Federal de Pelotas para a prática de atividades físicas na natureza e esportes de aventura, com o objetivo de viabilizar a utilização desses espaços de forma organizada e segura, para aulas, treinamentos e lazer da comunidade universitária e da comunidade da região sul do estado. Através de aulas práticas, cursos, pesquisas de campo e eventos esportivos realizados e registrados com fotos, filmes e textos de professores, alunos, atletas e profissionais das áreas de Educação Física e Turismo, pretende-se desenvolver documentos diagnosticando as várias possibilidades, até então pouco conhecidas e quase nada utilizadas, para atividades de aventura nesses espaços. Percorrendo a Universidade, desde os duzentos hectares do Centro Agro-técnico Visconde da Graça, localizado na zona urbana da cidade, com matas, campos, córregos, açudes e trilhas, passando pelas as águas do canal São Gonçalo, na Barragem Eclusa, do Campus Capão do Leão, com suas estradas de terra e campos, seguindo até o Horto Botânico, com seus caminhos e sua riqueza incontestável de nossa flora, até, após seis quilômetros de estrada de terra, chegar ao Centro Agropecuário da Palma, com sua beleza exuberante de árvores, pedras, açudes, trilhas e estradas com aclives e declives, através de acampamentos, caminhadas, pedaladas, remadas, corridas de aventura e orientação, foi possível levantar dados destes locais, para que, de forma organizada e segura, haja possibilidade de estruturar estes espaços, de domínio da universidade pública, para a prática de atividades físicas na natureza e esportes de aventura.

A ESCALADA: AMPLIANDO NOVOS HORIZONTES NO MEIO ESCOLAR

Anderson Almeida Fernandes, Bacharel
Cláudia Andréia Fuentes Mello, Bacharel
Escola Superior de Educação Física – Universidade Federal de Pelotas/RS

Com o passar dos anos, vem tornando-se indispensável a presença da prática esportiva na sociedade, não somente como um meio de competição, mas também como forma de socialização entre as pessoas. Com isso, vem aumentando a procura por atividades diferentes, tanto para minimizar os efeitos negativos causados pelo ócio quanto para mudar a rotina do seu cotidiano. Assim, esse trabalho teve como objetivo apontar a importância do desenvolvimento de novas atividades dentro da escola, e nesse contexto os chamados Esportes de Aventura ganham cada vez mais espaço. Sendo assim, os professores de Educação Física vêm procurando inserir dentro de suas aulas modalidades como: trilhas, passeios ecológicos, acampamentos, etc. Nessa perspectiva, escolas particulares do Rio de Janeiro e São Paulo implantaram paredes de escalada artificiais – escalada indoor – afim de, proporcionar para seus alunos, novas experiências muitas vezes ainda não apreciadas, além de desenvolver com essas práticas, uma melhora significativa no fortalecimento muscular, articular e ósseo, coordenação, equilíbrio, agilidade, concentração, dentre outros benefícios como a interação com outras disciplinas curriculares, onde questões ambientais e ecológicas podem ser evidenciadas, fazendo com que a superação de limites e o companheirismo, sejam os principais fatores visualizados nos praticantes.

A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

Profª. Cinthia Portes; Drª. Eliete Cardozo
LIRES-LEL - RJ - Universidade Gama Filho / Brasil
LEEFEL – RJ - UNISUAM

Praticantes de orientação portando mapas e bússolas tentam visitar em menor tempo possível uma determinada quantidade de pontos, previamente definidos no mapa. Eles precisam identificar símbolos, compará-los com o terreno, localizar os pontos cardeais para alinhar o mapa a eles, apreciar as condições naturais, transpor obstáculos, planejar e realizar uma rota ideal para chegar aos pontos determinados. Apesar do ato de orientar-se ser tão antigo a ponto de se perder na história da humanidade, a orientação como esporte vem ganhando mais adeptos. Hoje há 300.000 praticantes, em 27 países, sob a égide da IOF. No Brasil, o esporte vem se difundindo desde a década de 70 e é crescente o número de participantes, incluindo os adeptos em idade escolar. A orientação é uma realidade escolar em alguns países como Suécia e Espanha. Este estudo visa compreender de que forma a orientação se relaciona com o contexto escolar, tem características qualitativas, buscando descrever essa realidade. Utilizamos entrevistas semi-estruturadas aplicadas a dez professores de Educação Física que atuam com atividades de orientação, relacionadas ao contexto escolar. Observou-se que esses professores são orientistas e trabalham de forma extra-curricular, porém não menos pedagógica e ecológica. Um dos resultados desse tipo de atuação pode ser apreciado pelos integrantes do COMPass, clube formado por alunos advindos de escolas públicas da região serrana do Estado do Rio de Janeiro, que com pouco mais de um ano de prática já conquistaram resultados expressivos em competições estaduais, além de terem conhecido diversos lugares do Rio de Janeiro. Essa realidade nos mostra que quando a vertente pedagógica é estimulada, obtém-se resultados positivos nas áreas de turismo, ambiental e competitiva. Conclui-se que esse esporte estimula o exercício da autonomia e propicia contato com a natureza, atentando para a valorização do meio ambiente, apresentando potencial educacional e pode ser recomendada como mais uma atividade a ser desenvolvida nas aulas de Educação Física Escolar.

PERFIL CINEANTROPOMÉTRICO EM PILOTOS PARTICIPANTES DO CAMPEONATO MUNDIAL DE PARAPENTE DE GOVERNADOR VALADARES

Alex Sandro Seccato [1]

1- Professor da disciplina medidas e avaliação em Educação Física

UNIVALE - Universidade Vale do Rio Doce

Destaca-se em Governador Valadares a pratica do vôo livre, que alem de um grande numero de adeptos, possui reconhecimento internacional como plataforma mundial de vôo. O Parapente se caracteriza como pratica esportiva e dentro desta perspectiva, todo esporte de competição necessita de uma preparação física, técnica e psicológica especifica para superar seu desempenho. Desta forma a preparação de um atleta esta vinculada a dois critérios: a característica da modalidade e o perfil corporal do atleta. Existem varias pesquisas buscando traçar o perfil do atleta por modalidade, ajudando a entender o tipo físico e seu desempenho. Estas pesquisas sugerem que exista um determinado padrão responsável pela otimização do desempenho. Portanto, com objetivo de descrever o perfil dos pilotos, pois há escassez de estudos sobre o vôo livre, o estudo mensurou medidas cineantropometricas no campeonato mundial de Parapente a fim de estudar o perfil cineantropometrico e somatotipo do atleta deste esporte. Esta pesquisa descritiva submeteu 40 pilotos voluntariamente a uma bateria de testes: (peso, estatura, estatura tronco cefálica, envergadura, diâmetros ósseos, perímetros, dobras cutâneas, teste força e flexibilidade). Os resultados obtidos foram: peso (m: 76,85 kg, dp: +-5,7), estatura (m: 175.8 cm, dp: +-35 cm), envergadura (m: 177.5 cm, dp: +-: 48 cm), altura tronco cefálica (m: 91.68, dp: +-: 16.5 cm), diâmetros ósseos (umeral m: 6.99, dp: +-: 2.5 – femoral media: 10.02, dp: +-: 3.3), força manual (m: 46.84, dp: +-o: 18), flexibilidade (m: 26.21, dp: +-: 35.5) Percentual de gordura (m: 15.77, dp: +- : 22.3), somatotipo (endo – m: 3.94, dp: +-: 5.7, meso – m: 5.10, dp: +-: 6.3, ecto – m: 1.93, dp: +-: 4.5). Concluí-se que o piloto de Parapente não tem um perfil homogêneo e são necessários mais estudos comparativos e complementares acerca dos seus praticantes.

PROJETO UNESP ADVENTURE: UMA PROPOSTA QUE DEU CERTO

Gabriela dos Santos, Matheus Barel, Renato Schiavon.
Universidade Estadual Paulista-UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, São Paulo, Brasil.

O Brasil é gestor da maior biodiversidade do planeta e possui grande potencial ecoturístico, despertando cada vez mais interesse, como nas corridas de aventura que se encontram em franca expansão. O objetivo do presente estudo é apresentar a repercussão do Projeto criado pelos alunos de Educação Física da Unesp-Bauru, no ano de 2005, apresentando reincidência no ano posterior e com propostas para uma nova edição em 2007. O Projeto tem como objetivos apresentar algumas categorias dos esportes de aventura com um mínimo de risco possível; possibilitar aos participantes um contato com atrativos naturais e com outras culturas; possibilitar a oportunidade de sair da rotina; apresentar um novo campo de atuação profissional ainda pouco explorado; divulgar o turismo ecológico e as potencialidades do Brasil. Este projeto foi escrito como parte integrante da disciplina “Programas de Atividades em Educação Física”. Fizeram parte, nas duas edições deste Projeto, um total de 110 participantes, com reincidência de 38%. As atividades foram desenvolvidas na cidade de Brotas–SP, em uma área de 500.000m2 de mata preservada na cabeceira do Rio Jacaré-Pepira. Foram realizadas nas duas edições atividades recreativas, oficinas de treinamento e uma corrida de aventura com aproximadamente 35km de percurso. As competições foram realizadas com equipes mistas de 5 pessoas. As modalidades esportivas inclusas foram canoagem, natação, trekking, orientação, arvorismo, tirolesa e cannyoning. De acordo com os objetivos propostos, podemos afirmar que a subseqüente realização do Projeto conseguiu superar as expectativas não só dos coordenadores, que obtiveram grande repercussão da primeira edição, como também de todos os participantes. Desta forma, este projeto constitui-se na possibilidade por meio da qual a visita à natureza pode ser intensificada, possibilitando maior interação entre as pessoas e o meio ambiente através dos esportes de aventura, promovendo bem estar das populações envolvidas, evidenciado pela grande aceitação entre os participantes.

TESTE DE AVALIAÇÃO DE RESISTÊNCIA MUSCULAR EM PRATICANTES DE MOTOCICLISMO

Alex Sandro Seccato[1], Luiza Lana Gonçalves[2]
[1]Professor especialista da disciplina Medidas e Avaliações em Educação Física
[2]Graduanda do Curso de Educação Física
Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE

Governador Valadares destaca-se pela prática de esportes de aventura, e desde a década de 80 algumas modalidades do motociclismo (motocross, Enduro, trilhas e Off Road) são praticadas com muita freqüência. Credita-se a popularidade desta prática à topografia da região que contempla variedades e diferentes níveis de trilhas. Percebe-se que há uma escassez na literatura científica sobre a modalidade e seus praticantes, sendo seus métodos de avaliação e programas de treinos pouco sistematizados. Desta forma faz-se necessário, maiores investigações sobre o tema, assim, este trabalho possui o objetivo de construir uma tabela padrão para os resultados do teste de flexão/extensão de punho, que busca medir a resistência muscular localizada dos pilotos de motociclismo para servir de referência e otimizar os treinamentos específicos. Participaram de forma voluntária deste trabalho pilotos de nível amador, praticantes de trilha e motocross dos distritos de Governador Valadares. Foi aplicado um questionário investigativo sobre o perfil dos pilotos e do esporte. Para caracterizar as dimensões antropométricas foram mensurados os perímetros dos membros superiores; dobras cutâneas (triciptal, subescapular, supraespinhal e panturrilha); diâmetros ósseos (fêmur e úmero); peso e altura. Os testes físicos e motores foram: teste de flexão/extensão de punho, que consiste em medir a maior distância de deslocamento de anilhas (movimento especifico dos pilotos) e preensão manual com a utilização de dinamômetros. Os dados serão distribuídos através dos percentis e serão correlacionados com os resultados da dinamômetria para a construção de uma tabela padrão que contemple a idade, sexo, tempo de realização do teste e a distância de deslocamento das anilhas. Atualmente o projeto encontra-se em fase de análise dos dados.

PERFIL DE SKATISTAS DO PARQUE DA JUVENTUDE EM SÃO PAULO

Dimitri Wuo Pereira
Pós-graduado em administração esportiva
UNINOVE – S.P.

O Skate surgiu como uma brincadeira, na Califórnia dos anos 1950-60, jovens colocaram rodas de patins em pranchas de surf e começaram a descer as ladeiras. No Brasil teve a mesma influência do surf, sendo chamado em meados de 1960 de “surfinho”. O filme “Lords of Dog Town” retrata esse cenário. Adolescentes viviam em meio ao rock’n’roll, a violência, as drogas e as bebidas contestando os valores sociais. Assim surge um esporte informal e não disciplinador. É fato que a influência do surf considerado na época como atividade de desocupados, ajuda a entender esse comportamento. Mas foram as rodas de uretano recém criadas, que possibilitaram um salto de qualidade nas manobras. Isso porque o skate antes praticado no deslize sobre o piso agora voava. Esses novos movimentos atraíram mais os adolescentes a tentar superar-se e vencer a gravidade. Esse estudo procurou verificar quem são e o que pensam os praticantes de skate do Parque da Juventude, em São Paulo, para entender melhor essa evolução. No mês de agosto de 2006, foram entrevistados 17 praticantes, com idade média de 20,2 anos e desvio padrão de 6,8 anos e tempo de prática médio de 6 anos e 3 meses com 6 anos de desvio padrão. Os dados mostram que são jovens, mas há convivência de indivíduos pré-adolescentes com adultos, percebe-se que as origens históricas de transmissão de conhecimentos e valores não mudaram. A principal influência para o início da prática são os amigos para 14 indivíduos entrevistados. 13 indivíduos já participaram de competição, isso revela o que Honorato (2004) já apontava, uma relação entre esporte e lazer não dicotomizada. Esse estudo não conclusivo pretendeu elucidar questões referentes ao mundo do skate e pretende partir para novas descobertas problematizando os aspectos educacionais e sociais dessa atividade.

ESPORTES DE AVENTURA: UMA PROPOSTA INOVADORA DE PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Cláudia Andréia Fuentes Mello, Bacharel
Anderson Almeida Fernandes, Bacharel
Escola Superior de Educação Física – Universidade Federal de Pelotas/RS

Sem dúvida nenhuma a Educação Física escolar é de fundamental importância para o desenvolvimento psicomotor, corporal e social do indivíduo. Contudo, o que se observa em muitas entidades pedagógicas, é uma desvalorização da mesma, fomentada muitas vezes pelos próprios educadores físicos. Para que haja uma valorização da Educação Física é preciso, primeiramente, que o professor tenha consciência de sua real importância na escola e na vida dos alunos. É verdade indiscutível que a mesma precisa ser repensada e reestruturada, porém, enquanto as possibilidades "arcaicas" de mudanças na educação, dependentes de projetos políticos realizados em diferentes instâncias dentro da sociedade brasileira, não acontecem, as possibilidades imediatas estão nas mãos dos professores e diretamente relacionadas às suas opções pedagógicas, as quais devem abordar conteúdos, métodos e avaliações para uma Educação Física que atenda as exigências do Séc. XXI. Assim, este artigo tem por objetivo, abordar uma reflexão das experiências vividas na "prática escolar", relatando, dentre outros aspectos, algumas perspectivas da escola, mais especificamente da Educação Física escolar, seus possíveis reflexos na sociedade e a inserção dos esportes de aventura nas aulas de Educação Física, como um meio de diversificar os conteúdos programáticos da disciplina, atraindo assim, maior participação e interesse dos alunos.

ESPORTES DE AVENTURA NA ESCOLA

Valdo Vieira1;3;4; Ana Paula Costa Mendes2;3
1 Doutorando em Psicologia Social/UERJ – 2 Licenciada em Educação Física
3 Universidade Veiga de Almeida/RJ – 4 UNISUAM/RJ

Os esportes de aventura são manifestações da cultura corporal que se destacam nos dias atuais, reunindo cada vez mais participantes e comportando constantemente o surgimento de novas práticas. Esse fenômeno social possui um vasto campo de atuação e atualmente pouco se desenvolveu em relação à sua inclusão no contexto escolar. A partir de uma abordagem qualitativa o presente estudo aborda a inserção dos esportes de aventura no cenário escolar e suas possíveis adaptações para as aulas de Educação Física, analisando como as características dessas manifestações esportivas podem integrar a proposta de democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica, incorporando as dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais dos alunos. Verifica-se que os esportes de aventura podem proporcionar a discussão de aspectos como a influência dos meios de comunicação e da indústria do lazer, relacionando-os com a imposição de padrões de beleza e saúde e o apelo ao consumo, incentivando a análise crítica dos valores sociais. Dentro dos temas transversais propostos pelos PCN’s, a temática meio ambiente pode se fazer presente, tendo em vista que muitas práticas são realizadas em meio natural, trazendo a possibilidade de discussão das questões ambientais emergentes para as aulas. A pluralidade cultural também pode ser abordada ao se investigar a origem e a história das diversas manifestações de esportes de aventura. Discussões sobre saúde podem ser realizadas através da análise de questões como o sedentarismo e o estresse na vida moderna relacionando-se com a busca por lazer e emoções presentes nos esportes de aventura. Este estudo traz também algumas sugestões de adaptações de modalidades de aventura para aplicação, considerando o uso de materiais de fácil acesso e baixo custo e propondo métodos simples para a execução das atividades. Conclui-se que os esportes de aventura podem integrar as diretrizes propostas pelos PCN’s relativas à educação física escolar.

ESCALADA EM ROCHA COMO EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Dimitri Wuo Pereira
Pós-graduado em administração esportiva
Igor Armbrust
Pós-graduando em esportes de prancha
Escola da Vila, São Paulo – S.P.

A escalada é um tema ainda desconhecido da maioria dos profissionais de Educação Física brasileiros, diferente da França que tem essa atividade como conteúdo escolar, no Brasil ainda se tem medo de pensar sobre essa prática. Sendo assim, o objetivo desse estudo foi demonstrar como se pode usar a escalada como ferramenta educacional. O método usado foi um estudo de caso, com alunos de uma instituição particular de ensino de São Paulo que tem a escalada como opção de Educação Física. O estudo descritivo aponta de forma cronológica toda a atividade desenvolvida. O curso começou na instituição com 17 alunos participando de 3 aulas, com duração de 3 horas cada, nos dias 14, 15 e 16. Nessas aulas os conteúdos foram: técnicas verticais, movimentação na parede, nós, conhecimento dos equipamentos, ética, geografia, aspectos históricos, alimentação, socorros e organização de uma escalada. Nos dias 17 e 18 de maio os alunos fizeram uma excursão de ônibus, para o município de Pedra Bela no interior de São Paulo, cerca de 100 km da capital. Hospedaram-se na Pousada Alma de Pedra, um refúgio de montanhistas da região. No primeiro dia fizeram escalada em top rope com os 3 professores supervisionando a aplicação das técnicas aprendidas na escola. Ao final do dia, completaram a subida dos 50 metros da rocha, para ver o sol se por e depois foram para a pousada preparar o jantar que foi por eles planejado e descansar apreciando a noite estrelada. No segundo dia os alunos voltaram a rocha e além de praticar a escalada fizeram também a técnica do rapel. No final da tarde organizaram suas coisas e voltaram a São Paulo. Concluímos que esse tipo de atividade pode favorecer diversos aspectos da educação: interdisciplinaridade, trabalho em equipe, liderança, sociabilidade, desenvolvimento de força, coordenação motora e responsabilidade.

ESCALADA E SAÚDE MENTAL

Leandro Oliveira Iannotta, Psicólogo - Prefeitura Municipal de Ribeirão das Neves

Após uma prática de Escalada intensa e extensa e o reconhecimento dos benefícios pessoais adquiridos, propus a coordenação de Saúde Mental do Município de Ribeirão das Neves, a vivência da escalada por portadores de sofrimento mental que foi bem recebida, articulada e realizada em Lagoa Santa durante três "passeios" com profissionais e usuários do Naps(Núcleo de Atenção Psicosossial) e Caps-ad(Centro de Atenção Psicosossial para usuários de álcool e outras Drogas). O objetivo deste trabalho foi pensar junto a esta população (Saúde Mental) temas e sentimentos esquecidos ou encobertos por problemas decorrentes do transtorno mental ou mesmo do uso de Álcool e outras Drogas como Auto-Estima, Superação, Confiança e Liberdade. A metodologia se resume em vivênciar a escalada em rocha, na região de Lagoa Santa especificamente no "Sitio do Rod" propriedade particular considerada como um campo escola devido ao grande numero de vias com o grau de dificuldade variando entre quinto e sexto, rocha calcárea que proporciona negatividade e agarras grande além de segurança por ser uma escalada esportiva(proteções fixas). Fomos em grupos de quatorze pessoas sendo usuários dos serviços de saúde mental e profissionais que ficavam responsáveis e revezavam durante o dia de atividade a escalada e o contato pessoal importante no processo de conhecimento e aprendizagem. Importante destacar que não era obrigatório a prática da escalada sendo trabalhado o desejo e o respeito com quem escalava e os que observavam. Como resultado, entendo a formação do grupo que permaneceu junto todo o tempo, um dando força para o outro, usando a comparação a competição para estimular o companheiro ou a companheira durante a prática. A atenção no Profissional que passava todas as informações e tornava referência para aqueles que ali estavam. Respeito com aqueles que não conseguiam ou mesmo não se arriscavam a praticar aquela atividade. A escalada nos apresenta desafios atrás de desafios como os que encontramos no dia a dia, o importante não é superá-los e sim compreendê-los. " eu sou demais, isto é que é mulher" frase de uma usuária do Caps-ad que após a pratica da escalada se mostra diferente e disposta a retomar sua auto-estima.

AVENTURAS E SUSTENTABILIDADE: MINIMIZANDO IMPACTOS AMBIENTAIS

Mônica Lacerda Velame,
Acadêmica do Curso de Educação Física da UNIVALE

Este trabalho aponta alguns procedimentos metodológicos referentes à aplicação do conteúdo “Impactos Ambientais e Ecoesporte”, inserido no currículo de formação de jovens condutores de Ecoesporte. Esta formação é realizada pelo Projeto de Agroecologia e Ecoesporte – PROAGE da UNIVALE, no qual estou como extensionista desde 2006. Os jovens em capacitação são filhos de pequenos produtores rurais de comunidades de Governador Valadares e Sobrália. O objetivo do projeto é a inclusão produtiva destes jovens, tendo a prestação de serviços ecoesportivos e a comercialização de produtos agroecológicos como alternativas para a ampliação de geração de emprego e renda, visando ao desenvolvimento sustentável. De acordo com o projeto, Ecoesporte é entendido como todas as atividades físicas de aventura na natureza, podendo ser aéreas, terrestres e aquáticas, incluindo as práticas do lazer e esportivas. Integrar-se com o ambiente natural exige conhecimentos básicos para que poluição, erosão e outras agressões não sejam conseqüências da convivência com a natureza. A degradação ambiental interfere diretamente nas condições de vida das comunidades rurais, comprometendo o seu desenvolvimento. Portanto, foram adotadas estratégias para introduzir conhecimentos sobre prevenção, causas e conseqüências dos impactos ambientais. Inicialmente, um processo de sensibilização partiu do reconhecimento da história de constituição de suas próprias comunidades, analisando e refletindo sobre a cultura do manejo de recursos naturais. Aliado a esta sensibilização, os jovens estão realizando, sob orientação dos monitores do PROAGE, um diagnóstico do potencial natural de suas comunidades para o desenvolvimento do Ecoesporte. O próximo passo se configura na aprendizagem de técnicas que possibilitem o contato com a natureza, fundamentado na segurança de si mesmo, do grupo conduzido e do meio ambiente, possibilitando uma vivência educativa nas atividades de aventura e lazer. Assim, os condutores poderão ser multiplicadores de hábitos e atitudes que minimizem os impactos ambientais e favorecem a melhoria de condições de vida.

O *SURF* COMO CONTEÚDO PEDAGÓGICO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Gabriel Nunes; Daniel Chagas; Luiz Alberto Batista,D.Sc ; Laboratório de Biomecânica/IEFD, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Atualmente, o *surf* se apresenta como uma atividade física cuja prática se faz presente no acervo cultural das cidades praianas. No Brasil, o *surf* possui cerca de 3,5 milhões de adeptos, sendo, desta forma, a terceira nação do mundo em número de praticantes. Além disso, atividades físicas praticadas em estreito contato com a natureza (AFN), reúnem características peculiares a um denso e forte conteúdo educacional. Não obstante, a expressividade que o *surf* tem assumido em nosso país e a qualificação pedagógica sobre AFN acima aludida, o tema (AFN) ainda não é abordado no Brasil como possível conteúdo de ensino formal, ou o é em uma perspectiva em que estas atividades continuem sendo vistas como um objeto da forma como está. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo examinar a possibilidade da utilização do surf como conteúdo pedagógico em aulas de Educação Física. Para tal, foi realizada uma revisão de literatura, a partir da compilação dos dados coletados, baseada em técnica de análise de conteúdo estruturada por Batista. A partir desta análise, destacamos cinco características na literatura que podem justificar o *surf* como conteúdo pedagógico: mudança de paradigma: da visão mecanicista de mundo para visão ecológica; o indivíduo e a aventura: presença de desafios, auto-superação e autoconfiança; o surf como uma AFN; o fazer pedagógico: o atual estado da arte indica que o processo ensino-aprendizagem está mais para o *senso comum* do que para a *intencionalidade pedagógica*; contribuições ao fazer pedagógico: disponibilidade de fundamentação teórica para aproximar o processo ensino-aprendizagem da referida *intencionalidade pedagógica*. De posse dos resultados alcançados neste ensaio, concluímos que o *surf* apresenta elementos potenciais para o seu enquadramento como conteúdo pedagógico em aulas de Educação Física. As evidências também sugerem que, para um ensino concreto, é necessário o afastamento das práticas puramente empíricas e a aproximação do saber científico.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE JOVENS DAS COMUNIDADES RURAIS DO CÓRREGO DO BREJAÚBA – GOVERNADOR VALADARES E DE SOBRÁLIA – MG

Adiléia Regina Dias de Miranda[1], Fernando Bandeira Filho[1] e Renato Luiz Grisi Macedo[2]

[1] Biólogo, [2]Engenheiro Florestal - Universidade Federal de Lavras – UFLA

Percepção ambiental é de fundamental importância para a compreensão das inter-relações entre o homem e o ambiente. No intuito de contribuir para ações que visam aprimorar a capacidade analítica de um grupo de jovens, todos participantes de um projeto de inclusão produtiva, foi elaborado e aplicado um questionário referente à temática ambiental nestes jovens. O referido projeto denominado PROAGE - Projeto Agroecologia e Ecoesporte, objetiva formar agentes Agroecológicos e Condutores de Ecoesporte (Esporte da Natureza e Ecoturismo) contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar e o desenvolvimento local sustentável, a partir da comercialização dos produtos Agroecológicos, Ecoesportivos e Ecoturísticos. O questionário foi estruturado com vinte e quatro questões, sendo aplicado a trinta jovens de duas comunidades rurais, Córrego do Brejaúba (Governador Valadares) e de Sobrália. O mesmo pretendeu avaliar a percepção de meio ambiente dos jovens participantes do projeto. Os ambientes explorados foram escolhidos devido às suas características naturais e sociais, que se presta a trabalhos nas atividades de ecoesporte e agroecologia. Ressalta-se que o PROAGE na data da aplicação do questionário, se encontrava em estágio inicial, por isto, não se pode afirmar que as opiniões registradas nesta pesquisa foram propiciadas pela vivência e experiência dos entrevistados com o projeto. Entretanto servirão de base para orientar futuras ações previstas no mesmo.

PRÁTICAS ESPORTIVAS E DANOS AMBIENTAIS

Valdo Vieira*, Kalyla Maroun**
*Doutorando em Psicologia Social (UERJ), Universidade Veiga de Almeida (RJ), UNISUAM (RJ)
**Mestranda em Psicologia Social (UERJ), Graduada em Educação Física (UERJ).

Nas complexas teias relacionais vivenciadas pela sociedade mundial verifica-se um grande desafio para a humanidade: a preservação ambiental. O esporte na contemporaneidade assume novas características e, concomitantemente, novas responsabilidades sociais. Nesta nova configuração, o esporte interage e se inter-relaciona com diversas e distintas áreas. Uma delas é o meio ambiente. As atividades esportivas, dependendo de fatores múltiplos, podem ocasionar, em diversos níveis, a degradação ambiental. É importante salientar que os cuidados com os danos que os esportes podem ocasionar não se limitam à prática da atividade esportiva. Numa visão mais abrangente, pode-se citar os elos que permitem e auxiliam a realização da prática esportiva, como as indústrias de calçados, roupas, insumos e equipamentos. Entretanto, essas atividades são reguladas por lei e necessitam de estudos ambientais para o seu funcionamento. Porém, isso não acontece com a prática esportiva em si. Este estudo procurou analisar e discutir esta temática, buscando revelar alguns impactos ambientais negativos que podem ser produzidos pela prática das atividades de aventura na natureza. Seu desenvolvimento se pautou em dois momentos: 1) coleta de informações na literatura; 2) coleta de informações com praticantes de esportes da natureza e com profissionais de Educação Física através de um questionário formulado com respostas abertas. Após o processo de análise simultânea da literatura pesquisada e das respostas da amostra pôde-se observar que os meios bióticos, abióticos e antrópicos são passíveis de serem impactados. Prognosticar possíveis impactos ambientais negativos pode ser um importante instrumento para que ações sejam realizadas visando à minimização ou eliminação desses danos. Considera-se fundamental que o debate sobre as interações do esporte com o meio ambiente ocorra sistematicamente. Discutir e aprofundar essas questões é essencial para o esporte assumir o seu compromisso com a preservação ambiental.

PLURIATIVIDADE NA AGRICULTURA FAMILIAR: UMA REALIDADE EMERGENTE NA COMUNIDADE CÓRREGO DO BREJAÚBA.

Renata Martins
Prof.ª Educação Física
Rodrigo Soares Lima
Acadêmico do curso de Educação Física – UNIVALE / PROAGE

A pluriatividade refere-se a indivíduos que compõem uma família com domicílio rural, que passam a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, que inclui o trabalho agrícola, e outras atividades não necessariamente relacionadas ao cultivo da terra, com o objetivo de sustentar ou de dar suporte à unidade doméstica. A Comunidade Córrego do Brejaúba, localizada aproximadamente a 20 km da cidade de Governador Valadares – MG, situada na zona rural, onde seus moradores configuram-se como pequenos produtores, tendo a produção de hortaliças e outros derivados da terra sua principal fonte de renda, com um sistema de produção centrado na família caracterizando um sistema de agricultura familiar, tem seu sistema de produção modificado com a implantação do PROGERI (Projeto de Geração de Emprego e Renda da Região da Ibituruna), mais tarde PROAGE (Projeto de Agroecologia e Ecoesporte) que tem como objetivo comum a geração de renda a partir da prestação de serviços em ecoesporte, complementando assim a produção agrícola que, por sua vez, deixaria de ser tradicional, passando a ser orgânica. Com a implantação de um campo escola de escalada nessa comunidade e capacitação de jovens em condutores da natureza, a comunidade e seus moradores, de formas direta e indireta, passaram a viver em um novo cenário, tendo presente em sua realidade a visitação de grupos e pessoas a procura do ecoturismo, turismo de aventura ou, simplesmente, a quebra da rotina. O ecoturismo é apontado como uma das áreas que mais cresce no setor do turismo, fato que reforça a expectativa de tal segmento vir a ser uma alternativa econômica para regiões que, até então, viviam de atividades agrícolas tradicionais, como a comunidade Córrego do Brejaúba.

O CONTROLE MOTOR NO SURF

Gabriel Nunes, Daniel Chagas, Gustavo Leporace, Jomilto Praxedes, Glauber Pereira,
Luiz Alberto Batista, D.Sc.
Laboratório de Biomecânica/IEFD – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O *surf* é uma atividade física praticada em estreito contato com a natureza (AFN) notoriamente marcada pela imprevisibilidade do ambiente, fato este que dificulta o planejamento do movimento. Desta forma, o *surf* pode ser considerado como uma tarefa motora aberta, segundo a classificação de Richard Schmidt. Com efeito, a variabilidade das condutas motoras em tarefas abertas é relativamente grande em resposta às características inconstantes do ambiente. De acordo com a Teoria dos Sistemas abordada por Nicolai Bernstein, para compreender o controle neural do movimento é imprescindível o conhecimento das características do sistema que está se movimentando e das forças externas e internas que agem sobre o corpo. Tendo em vista as características dinâmicas do mar, bem como suas propriedades físicas, subentende-se que o *surf* requer um rebuscado controle neural do movimento para regular os mecanismos essenciais desta conduta motora. Sendo assim, pode-se dizer que o estudo do controle motor no *surf* é importante, não só para desvelar elementos técnicos relevantes e específicos desta AFN, mas também, para possibilitar, junto a outras fontes, uma intencionalidade pedagógica baseada em ciência. Com base nesta premissa, o presente trabalho teve como objetivo examinar a produção de conhecimento sobre o controle motor no *surf*. Para tal, foi realizada uma busca por computadores nas bases de dados EBSCOhost/*Academic Search Premier* e *Science Direct*®, sem delimitação de período. Não foi encontrado nenhum artigo que versasse os aspectos do controle motor no *surf*. Apesar da importância do estudo do controle motor em tarefas abertas de movimento, o *surf* não tem sido objeto de investigação desta área de conhecimento, ou tem sido de maneira não substancial. Deste modo, fica corroborado o discurso de que as AFN têm sido conduzidas pelo senso comum, afastada, portanto, de uma prática pedagógica cientificamente explicável.

AVENTURA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS LÚDICAS E CONHECIMENTOS ARTICULADOS

Nizier Corrêa de Rezende, Rodrigo Soares Lima
Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física – UNIVALE

Viemos relatar as estratégias adotadas e os resultados de uma intervenção nas aulas de Educação Física do Ensino Médio do Colégio Tiradentes de Governador Valadares-MG, tendo como conteúdo as Atividades de Aventura, especificamente as Técnicas Verticais e *Trekking*. Esta intervenção se deu ao longo do Estágio Curricular do curso de Educação Física, com o intuito de realizar um trabalho multidisciplinar. Considerando que os conteúdos escolhidos propiciam a interface com outras disciplinas, espaços e lugares e a oportunidade de inserir vivências e práticas diferenciadas. Nossa preocupação era introduzir práticas corporais que dialogassem com a realidade dos alunos e, ao mesmo tempo, pudessem possibilitar novas vivências. Estas contribuiriam na ampliação do acervo cultural dos alunos, gerando reflexões sobre a relação do homem com o meio ambiente através das Atividades Físicas de Aventura na Natureza - AFAN. Iniciamos o processo com o diagnóstico dos espaços potenciais para o desenvolvimento destas atividades na escola e do interesse dos alunos, elencamos os conteúdos vislumbrando romper à lógica dos conteúdos tradicionais buscando alcançar a multidisciplinaridade. O barranco, o telhado do ginásio e as árvores da escola se transformaram em sala de aula para a vivência do *Rappel* e da ascensão de Jumar. O trato pedagógico destes conteúdos possibilitou o manuseio de equipamentos, a vivência de técnicas e o acesso a procedimentos de segurança. Ministramos aulas utilizando recursos audiovisuais, facilitando a assimilação dos saberes transmitidos e oportunizando contato com as AFAN. Em seguida, realizamos atividades de campo onde os alunos vivenciaram o *Trekking* e a Escalada em Rocha. Nesta aula, o contato com a comunidade rural do Campo Escola de Escalada Brejaúba foi importante, estimulando reflexões, sobre cultura local e práticas corporais. Constatamos que a metodologia de ensino adotada foi importante, à medida que articulou o conhecimento técnico-operacional à ludicidade, e destacou o caráter crítico-reflexivo do conteúdo.

ATIVIDADES DE AVENTURA E QUALIDADE DE VIDA: ALGUMAS REFLEXÕES

Rutelene Paula de Souza, Graduanda em Educação Física
Raquel Magalhães Borges, Mestranda em Educação – PUC-Minas
Universidade Vale do Rio Doce- UNIVALE

Atualmente, qualidade de vida e meio ambiente são temáticas consideradas de maior relevância. Tal preocupação surge também nas relações estabelecidas com o meio ambiente, através da prática e da produção teórica relativa às atividades de aventura na natureza. A partir das vivências e conhecimentos possibilitados na disciplina “Esportes da Natureza e Lazer Ecológico”, no curso de graduação em Educação Física na UNIVALE, venho buscando aprofundar meus conhecimentos, a fim de refletir sobre a relação entre melhoria de qualidade de vida e atividades de lazer e aventura na natureza. Para isto, estou realizando uma pesquisa, na qual busco no primeiro momento conceituar estas atividades, entendendo-as como práticas educativas e ecológicas que visam à preservação do meio ambiente e utilizam os recursos naturais de forma racional. A seguir, busco conceituar qualidade de vida como bem estar social ou reconstrução da própria vida, considerando os aspectos sócio-culturais, ambientais e econômicos. Estas reflexões me levaram a compreender que a relação entre qualidade de vida, meio ambiente e lazer ecológico, pode se articular com o desenvolvimento sustentável; as atividades podem ser uma alternativa que compõe ações de desenvolvimento e educação ambiental. Também pude perceber como que o ser humano, urbano ou rural, das diferentes classes e pertencentes a grupos sociais diversos, com culturas diferenciadas, podem inserir no contexto das atividades de lazer e aventura natureza, sendo esta inserção uma questão de oportunidades. O ser humano, ao se adaptar e ressignificar os espaços onde vive, incorporam formas de viver e de usufruir o tempo de lazer, formas de produção e uso dos recursos naturais, gerando códigos de convivência, costumes, maneiras de ver o mundo. Nesta pesquisa, ainda em andamento, tenho percebido que a relação entre homem e natureza, possibilitada pelas atividades de lazer e aventura, pode ocasionar significativa melhoria de qualidade de vida das pessoas.

ATIVIDADE DE AVENTURA E NATUREZA: TENDÊNCIAS PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Jossett Campagna; Gisele Maria Schwartz; Sandro Carnicelli Filho
LEL-Laboratório de Estudos do Lazer
Universidade Estadual Paulista – Rio Claro

A atividade de aventura, uma das vertentes no universo do lazer, revela tendência crescente para constituir-se, simultaneamente, fator e indicador de desenvolvimento. Além dos aspectos social, político, econômico e cultural embutidos nas políticas públicas de lazer regional, existem outros, concernentes à qualidade de vida da população receptora dos adeptos desta modalidade. Este estudo qualitativo objetivou investigar as ressonâncias das vivências de aventura, no espaço rural, sobre as condições de vida local e regional. Para isto, utilizou-se de entrevista estruturada, aplicada junto a trinta e cinco moradores, de ambos os sexos, com diversos níveis de instrução e profissão. Os dados, organizados e descritos por meio da análise de conteúdo revelam que significativa parcela considera que o estímulo e o efetivo aumento da procura por tais práticas vem promovendo mudanças positivas na comunidade, no que tange à geração de trabalho, divisas e renda, com reflexos visíveis na qualidade de vida da comunidade. Outros registros revelam ter ocorrido o enriquecimento do cenário natural devido ao entorno humano; que as preocupações com os aspectos do meio ambiente aumentaram a consciência ecológica; que a atividade de aventura incrementa o relacionamento e as trocas interpessoais entre receptores e visitantes, com ganhos sensíveis para ambos. Em conclusão, sem negligenciar o necessário diálogo com a educação ambiental, a educação para e pelo lazer, este conjunto de fatores corrobora para a tese da integração entre as vivências de aventura na natureza e desenvolvimento sustentável.

ESPORTES DE AVENTURA NA NATUREZA MEDIADORES DA INTERAÇÃO SER HUMANO MEIO AMBIENTE

Emerson Diniz Pacheco*; Fernanda Souza Garcia**

*CREF – 08241 G / MG Graduação em Educação Física pelo Unileste-MG, especialização em Fisiologia do Exercício pela Universidade Veiga de Almeida-RJ, mestrando em Meio Ambiente e Sustentabilidade pelo Centro Universitário de Caratinga, UNEC.

**Graduação em Educação Física pelo Unileste-MG, especialização em Fisiologia do Exercício pela Universidade Veiga de Almeida-RJ - Instituição: Centro Universitário de Caratinga, UNEC.

A região de Minas Gerais oferece inúmeras oportunidades de aprimoramento da relação do ser humano com a natureza, principalmente por possuir como cenários, cachoeiras, montanhas, entre outros. A cidade de Itabira localizada no estado é exemplo dessa diversidade de ambientes propícios à aventura, e por esta razão, foi escolhida como local para o desenvolvimento da pesquisa, que teve como objetivo investigar a interação do ser humano com o meio ambiente através da prática de esportes de aventura na natureza, bem como determinar o nível de consciência ecológica dos praticantes desses esportes. Tratou-se de uma pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa, desenvolvida através de questionário como instrumento para coleta de dados, sendo a amostra constituída por 76 praticantes de esportes de aventura na natureza, de ambos os sexos, formação profissional diversificada. Os dados foram analisados descritivamente e os resultados do estudo evidenciam que o mountain bike é o esporte mais praticado. A freqüência de assiduidade mais citada pelos entrevistados foi de que praticam os esportes de 1 a 2 vezes por semana e, prazer e satisfação pelos esportes de aventura na natureza, foi o principal interesse do público alvo do estudo desses esportes. Com base nos resultados do estudo, observa-se que ocorre uma grande interação dos praticantes dos esportes de aventura na natureza com o meio ambiente, e que esta interação ocorreu de diversas formas, mas o principal é que passaram a respeitar mais o meio ambiente a partir do momento em que começaram a praticar estes esportes.

AS ATIVIDADES DE AVENTURA EM PERIÓDICOS INTERNACIONAIS DA ÁREA DO LAZER.

Sandro Carnicelli Filho; Alexander Klein Tahara; Gisele Maria Schwartz
LEL- Laboratório de Estudos do Lazer - Universidade Estadual Paulista-Rio Claro

As Atividades de Aventura tornaram-se nos últimos anos uma das novas temáticas estudadas e pesquisadas pela área do Lazer. Estas atividades, que aparecem tanto na literatura nacional, quanto na internacional com diferentes nomenclaturas, aparentam estar se desenvolvendo como temática importante para diferentes áreas como a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. Esta pesquisa qualitativa teve como objetivo realizar uma análise documental das produções de quatro revistas internacionais da área do lazer (Leisure=Loisir; Leisure Sciences; Leisure Studies; Journal of Leisure Research) no triênio 2004-2006. No ano de 2004 foram publicados 9 artigos relacionados à temática, em 2005 foram 8 os artigos e, em 2006, novamente 8 artigos abordaram as atividades de aventura. O periódico que apresentou maior quantidade de artigos sobre as atividades, no triênio, foi a Leisure Sciences com 8 artigos, seguido pelo Journal of Leisure Research, com 7 publicações, a Leisure Studies, com 6 e Leisure=Loisir, com 4. Quando analisados os temas das pesquisas, 14 publicações abordaram temas gerais das atividades de aventura, como por exemplo, a relação entre natureza e sociedade, formação profissional, a presença das atividades no desenvolvimento de comunidades e questões de gênero. 3 artigos trataram da modalidade *Rafting* e outros 3 de *Ski* e esportes na neve. 2 artigos eram sobre escalada, 1 sobre mergulho, 1 sobre canoagem e 1 sobre *Hiking*. Pode-se concluir, portanto, que o número de artigos acerca das Atividades de Aventura na área do Lazer ainda são reduzidos e que a necessidade de novas pesquisas e de fomentos para a área são imprescindíveis para o desenvolvimento científico.

PERFIL FISICO DO PRATICANTE AMADOR DE MOUNTAIN BIKE DE GOVERNADOR VALADARES.

Renato Marinho Sampaio[1]; Donita Meire Dias[1]; Alex Sandro Seccato[2]

[1]Graduandos do Curso de Educação Física.

[2]Professor da disciplina Medidas e Avaliação em Educação Física

Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE

Governador Valadares destaca-se pelo seu grande contingente de ciclistas, que utilizam a bicicleta desde meio de transporte como também para praticas esportivas de lazer. Somando ainda o perfil e potencial da cidade para esportes de aventura, privilegiada por sua topografia que possibilita acessibilidade e ampla varieadade de trilhas de diferentes niveis, tudo isto contribui para a pratica do Mountain Bike. Esta modalidade de ciclismo objetiva transpor percursos com diversas irregularidades e obstáculos naturais, sendo praticado em estradas de terra, trilhas e montanhas. De prática recente, há poucos dados sobre o assunto e escassez de pesquisas cientificas nacionais sobre o esporte. Nesta perspectiva, o presente estudo objetiva descrever o perfil cineantropométrico dos praticantes amadores de Mountain Bike da cidade de Governador Valadares. Foram avaliados 30 praticantes desta modalidade do sexo masculino entre 22 e 48 anos de idade, submetidos a avaliações Antropométrica, Teste em Ciclo-Ergômetro (Balke), Potência Anaeróbica (Wingate Test), Flexibilidade (Wells Test), e Dinamometria. Obtivemos os valores médios de Consumo de Oxigênio Relativo de 37,78 ml/kg/min. Potência Anaeróbica (P.Max.) de 12,7 W/kg, Potência Média 10,4 W/kg e Índice de Fadiga de 38,2%, Força 53.25 kgf de mão direita e 50.62 kgf de mão esquerda, e Flexibilidade 15,25cm. Os valores Antropométricos constataram uma média de 16,53% de gordura. Sobre a Somatotipia, Endomorfia 4,41, Mesomorfia 4,78 e Ectomorfia 1,99 em média. Estes resultados apontam dados iniciais para futuros trabalhos de treinamento e aperfeiçoamento na preparação física assim como referencia para comparações com atletas nacionais contribuindo para a identificação do perfil do praticante local de Mountain Bike amador, porém são necessários mais estudos para caracterizar a modalidade e seu praticante como um todo.

CONDIÇÕES E SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA PARA GRUPOS DE TERCEIRA IDADE

Itamar Aguiar Lima Júnior – acadêmico da ESFA
Roberta da Silva Gama – acadêmico da ESFA
Wellington Tozzi Adriano – acadêmico da ESFA
Andréia Silva – professora Mestre da ESFA

Observamos que nos dias atuais grupos de terceira idade praticantes de atividades físicas, estão associados às práticas corporais como: recreação, hidroginástica, caminhada, alongamento e outros, por apresentarem menor risco de lesão. Percebemos o surgimento de novas práticas que podem ser propiciadas a esta população: as Práticas Corporais de Aventura na Natureza – PCAN's, as quais vêm ganhando novos adeptos, que buscam através delas suas vivências de lazer, bem estar físico e mental em meio à natureza. No entanto, notamos que estas práticas muitas vezes são desenvolvidas com o simples objetivo monetário, não tendo preocupações com as especificidades desta faixa etária. Assim, o presente artigo busca analisar e refletir em que condições é possível desenvolver determinadas PCAN's de forma segura e significativa com grupos de terceira idade. Esta pesquisa é de caráter qualitativo, do tipo exploratória, com procedimento de estudo de campo. A amostra foi composta por 23 indivíduos do grupo GERA de ambos os sexos, com idade entre 50 a 90 anos. Como instrumento para coleta de dados utilizamos um questionário semi-estruturado. Com base neste questionário, realizamos uma atividade. Optamos pela vivência de um acampamento e uma corrida de orientação adaptada como forma de adequar a proposta a uma atividade próxima do dia a dia do grupo estudado, no caso a caminhada e o trabalho doméstico. Utilizamos também para a coleta de dados a observação participativa. Os registros foram por meio de fotografias e relatórios. Os dados nos levaram a refletir que é possível desenvolvermos determinadas PCAN's de forma segura e significativa, se considerarmos as condições físicas, sócio econômicas e psico-sociais destes indivíduos.

VISÃO DE IDOSOS EM RELAÇÃO À POSSIBILIDADE DE VIVÊNCIA DE ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA

Viviane Kawano Dias[1]; Gisele Maria Schwartz[1]; Graziela Pascom Caparroz[1]; Alcyane Marinho[1];[2]

[1]Laboratório de Estudos do Lazer (LEL), UNESP, Rio Claro (SP)

[2]Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Florianópolis (SC)

Este estudo, de natureza qualitativa, tem como objetivo, analisar a visão de indivíduos idosos praticantes regulares e não-praticantes de atividades de aventura em relação à possibilidade de vivência dessas atividades nessa faixa etária. O estudo foi realizado em duas etapas, sendo a primeira relacionada a uma revisão de literatura a respeito das temáticas propostas e a segunda referente a uma pesquisa exploratória, utilizando-se como instrumento uma entrevista semi-estruturada. A amostra intencional do estudo foi composta por 30 indivíduos idosos, com faixa etária acima de 60 anos, de ambos os sexos, destes, 15 praticantes regulares de atividades de aventura variadas e 15 não praticantes. Os dados coletados foram analisados descritivamente, por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temático e indicam que apenas 04 dos sujeitos praticantes se imaginavam algum dia vivenciando este tipo de atividade, antes de procurá-las, enquanto que os outros 11 responderam negativamente. Já para os 15 sujeitos não praticantes, além de nunca terem procurado, nunca pensaram ou conseguem se verem praticando essas atividades. Os resultados do estudo evidenciam, ainda, alguns estereótipos e falta de conhecimento sobre estas práticas por parte dos idosos, reforçando a necessidade de um olhar mais atento dos profissionais envolvidos, e de promoção de novos estudos, que tragam elementos de reflexão sobre o universo do lazer e a motricidade humana, especialmente, os que tangenciam a população idosa e as atividades de aventura na natureza, garantindo-lhes orientação adequada e conscientização acerca dessas atividades, estimulando a inserção desta população neste tipo de vivência, bem como, assegurar novas possibilidades de experiências significativas no âmbito do lazer e experimentação de diferentes processos emocionais nesta fase do desenvolvimento humano, aprimorando os diversos aspectos que compõem o complexo da qualidade de vida.

2º CBAA
Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura
LOCAL:
ECO PARK VALE SILVESTRE,
PICO DA IBITURUNA,
GOVERNADOR VALADARES, MG
DATA:
05, 06 E 07 DE JULHO/2007
CONTATO:
33-3279 5508/ proage@univale.br
WWW.UNIVALE.BR/EVENTOS/CBAA
PROMOÇÃO:
univale
REALIZAÇÃO:
PROAGE
LEL
APOIO:
Vale Silvestre